



Arturo Jorge de Gomes de Sousa

O Turismo de Natureza no Funchal

Dissertação de Mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento, orientada pelo Doutor Paulo Manuel Carvalho Tomás, apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

2014



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

O TURISMO DE NATUREZA NO FUNCHAL

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Dissertação de Mestrado
Título	O Turismo de Natureza no Funchal
Autor/a	Arturo Jorge de Gomes de Sousa
Orientador/a	Paulo Manuel de Carvalho Tomás
Júri	Presidente: Doutor Norberto Nuno Pinto dos Santos Vogais: 1. Doutor Lúcio José Sobral da Cunha 2. Doutor Paulo Manuel de Carvalho Tomás
Identificação do Curso	2º Ciclo em Lazer, Património e Desenvolvimento
Área científica	Lazer e Turismo
Especialidade/Ramo	Turismo de Natureza
Data da defesa	22-10-2014
Classificação	17 valores



Agradecimentos

Com o fecho de uma grande temporada para a realização integral deste trabalho de investigação, quero deixar algumas palavras de agradecimento e de certo modo, de homenagem, a todas as pessoas que direta e/ou indiretamente me ajudaram em todo este processo. Assim, agradeço:

- A toda a minha família, em especial aos meus pais e irmão, por depender deles para tudo e por sempre estarem ao meu lado nos momentos bons e maus, sem eles não seria quem sou e aquilo que quero ser;

- Ao Doutor Paulo Carvalho, pela sua simpatia, orientação, aconselhamento e disponibilidade, sem dúvida um ótimo e exemplar professor, bem como orientador;

- A todos os meus amigos do Docedadovip, em especial a Cema, ao Mark, ao Igor, a Betty, a Elly, a Yadi, ao Ramiro e a outros, pela vossa simpatia, compreensão, companheirismo e dedicação, vocês são dos melhores amigos que o ser humano pode ter, capazes de quebrarem barreiras espaciais e temporais;

- A todos os meus professores de licenciatura e mestrado que foram fundamentais para a minha evolução enquanto pessoa e principalmente como estudante, tanto nas críticas, sugestões e classificações atribuídas no decorrer destes anos, que embora, por vezes, não tivessem sido entendidas, foram importantes para a consciencialização do mundo académico;

- Aos meus amigos Estefânia e Emanuel pela ajuda dada na tradução de alguns inquéritos e pela companhia na entrega de inquéritos aos turistas;

- A todos os meus colegas e amigos do mestrado e da licenciatura que realizei em Coimbra;

- Ao vasto número de funcionários do Museu Municipal de Coimbra, pelo apoio prestado, com palavras e conselhos úteis para esta tese, decorrentes da realização do estágio na Torre de Almedina – Núcleo da Cidade Muralhada de Coimbra;

- Aos funcionários da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra pela simpatia que me prestaram ao longo do processo de leitura de alguns dos livros e artigos presentes neste trabalho;

- Aos funcionários da Junta de Freguesia do Estreito de Câmara de Lobos que foram muito simpáticos em concederem-me notícias e a possibilidade de tirar umas fotocópias para a realização da parte prática desta tese;
- Aos funcionários da Câmara Municipal do Funchal, pelas informações dadas, em especial a técnica Susana Bradfort, pelas respostas ao questionário;
- À Direção Regional de Turismo da Madeira, em particular a técnica Clara Noronha pela sua disponibilidade e amabilidade em responder ao questionário realizado;
- À engenheira Ana Sé pelos conselhos e informações dadas em relação as levadas do Funchal;
- À Doutora Ana Silva pelos seus conselhos variados, pela simpatia e atenção, bem como pelo facto de ter respondido às várias questões adjacentes aos espaços verdes públicos do Funchal;
- Ao Doutor Paulo Correia pelos conselhos dados para determinados aspetos da tese;
- A todos os colaboradores anónimos desde as empresas que responderam aos questionários, aos telefonemas e as pessoas que me atenderam pessoalmente que não podemos nomear todos, mas que seria injusto esquecer.

A todas estas pessoas dedico o presente trabalho e deixo o meu sincero e sentido Muito Obrigado!

Resumo

O presente trabalho é fruto de um esforço para conhecer o conceito, as características, singularidades, relações e benefícios do Turismo de Natureza nos territórios. Este turismo deixa evidentes marcas nos territórios desde pela perspectiva económica, política, como também ambiental, sociocultural e histórica.

O Turismo de Natureza é um tipo de turismo que tem ganho uma forte dinâmica, em termos de procura e de oferta, bastante relevante um pouco por todo o mundo. Este considerado como um dos tipos de turismo com maior expansão, é um produto turístico prioritário e importante para Portugal. Este turismo congrega múltiplas atividades em diversos espaços (áreas protegidas, montanhas, jardins e outros), tempos (férias, fins de semana, estações do ano) e ambientes (terra, água e ar), sobressaindo práticas de observação, fruição e interpretação da natureza, modalidades de hospedagens, desportos da categoria *soft* e *hard* e condições do estado do tempo (eventos astronómicos, fenómenos naturais e outros).

O Funchal, enquanto estudo de caso, sendo o principal concelho urbano da RAM, é muito visitado por turistas e o Turismo de Natureza traduz-se numa procura e uma oferta consistentes, com produtos e recursos singulares.

Neste concelho, realizaram-se inquéritos e questionários para turistas e entidades, respetivamente, com vista a conhecer melhor a procura e a oferta do Turismo de Natureza. Enviaram-se 30 questionários para as empresas de animação turística; vários questionários entre tantos, para os jardins, teleféricos, museus de história natural e Parque Ecológico do Funchal, tendo resposta de 15 instituições (que demonstraram ter bons produtos e serviços bastante apreciados pelos visitantes/turistas do Funchal). Aos turistas, realizaram-se 105 inquéritos por questionário para aqueles que se encontraram, no mês de junho de 2014, num espaço verde – Pico do Areeiro. Dos inquiridos (65% homens e 35% mulheres), todos registaram o gosto pela componente verde do Funchal/Ilha; 51% quer voltar para o Funchal/Ilha e 65% envolveu-se em atividades na natureza.

Palavras-chave: Turismo de Natureza; observação e fruição da natureza; natureza *soft* e *hard*; Madeira e Funchal; jardins; percursos pedestres e levadas.

Abstract

The present work is the result of an effort to know the concept, characteristics, singularities, relations and benefits of Nature Tourism in the territories. This tourism leaves obvious marks in the territories, since the economic, political, as well as environmental, sociocultural and historical perspective.

The Nature Tourism is a type of tourism that has gained strong dynamic in terms of demand and supply quite relevant all over the world. This considered as a type of tourism with greater expansion, is a priority and important tourism product for Portugal. This tourism have together multiple activities in various areas (protected areas, mountains, gardens and others), time (holidays, weekends, seasons) and environments (land, water and air), standing practices of observation, interpretation and enjoyment of nature, several ways of accommodation, the category soft and hard sports and weather conditions (astronomical events, natural phenomena and others).

Funchal, as a case study, the main urban area of RAM is much visited by tourists and Nature Tourism translates into a demand and supply consistent with specific products and resources.

In this area, were made surveys and questionnaires to tourists and entities, respectively, in order to better understand the demand and supply of Nature Tourism. 30 questionnaires were sent to companies of tourist activities; several questionnaires to gardens, chairlifts, natural history museums and Funchal Ecological Park, and we had the response of 15 institutions (which have showed have good products and services highly valued by visitors / tourists in Funchal). To tourists, were made 105 questionnaires for those who met in the month of June 2014, a green space – Pico do Areeiro. Of respondents (65% men and 35% women), all showed liked the green component of Funchal / Island; 51% want to return to Funchal / Island and 65% have done nature activities.

Key-words: Nature Tourism; observation and enjoyment of nature; nature soft and hard; Madeira and Funchal; gardens; footpaths and levadas.

Lista de Abreviaturas

- PIB – Produto Interno Bruto
- TN – Turismo de Natureza
- TER – Turismo em Espaço Rural
- OMT – Organização Mundial do Turismo
- ONU – Organização das Nações Unidas
- IUCN – *The International Union for Conservation of Nature*
- PNUMA – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
- WTTC – *World Travel and Tourism Council*
- UNESCO – *The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*
- TIES – The International Ecotourism Society
- WWF – *World Wide Fund for Nature*
- APA – Agência Portuguesa do Ambiente
- FUSIC – *Fundación Sociedad y Cultura*
- CTN – *Creative Tourism Network*
- ICNF – Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas
- IEC – *International Electrotechnical Commission*
- PNTN – Programa Nacional de Turismo de Natureza
- PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo
- FCMP – Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal
- BTT – Bicicleta Todo o Terreno
- AHP – Associação dos Hotéis de Portugal
- ERA – *European Ramblers Association*
- FFRP – *Fédération Française de la Randonnée Pédestre*
- APJSH – Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos
- CENTER – Central Nacional do Turismo no Espaço Rural
- ISEP – *l’Institut National du Sport de l’Expertise et de la Performance*
- TIAA – *Travel Industry Association of America*
- ICOM – *The International Council of Museums*
- RAM – Região Autónoma da Madeira
- CMF – Câmara Municipal do Funchal

INE – Instituto Nacional de Estatística
CED – Centro Mundial de Excelência de Destinos
SMED – *System of Measures for Excellence in Destinations*
DRTM – Direção Regional de Turismo da Madeira
ZPE – Zona de Proteção Especial
IBA – *Important Birds Area*
SIC – Sítio de Interesse Comunitário
POT – Plano de Ordenamento Turístico da Madeira
POTRAM – Plano de Ordenamento do Território da Região Autónoma da Madeira
PNM – Parque Natural da Madeira
CEAP – Conselho da Europa para as Áreas Protegidas
MIUT – *Madeira Island Ultra Trail*
SRARN – Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais
SRCTT – Secretaria Regional da Cultura, do Turismo e dos Transportes
SPEA – Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves

Índice Geral

Agradecimentos.....	II
Resumo	IVV
Abstract.....	V
Lista de Abreviaturas	VII
Índice Geral	VIII
Índice de Figuras.....	X
Índice de Tabelas	XII
Índice de Figuras (Anexos)	XII
Índice de Tabelas (Anexos).....	XIII
1. Introdução.....	1-3
1.1. Temática de investigação	1
1.2. Objetivos.....	1
1.3. Metodologia.....	2
1.4. Estrutura.....	3
2. Lazer, Turismo e Espaço.....	4-9
2.1. Considerações preliminares	4
2.2. Importância e singularidade do turismo atual	6
3. Turismo de Natureza	10-32
3.1. Conceitos de Turismo de Natureza	10
3.2. Contextualização do Turismo de Natureza	14
3.3. Particularidades do Turismo de Natureza	15
3.4. Tipos de modalidades de Turismo de Natureza.....	20
3.4.1. Turismo de Natureza e Ecoturismo	22
3.4.2. Turismo de Percursos Pedestres	23
3.4.3. Turismo de Jardins – importância e evolução dos jardins	27
3.5. Perfil do turista de natureza	30
4. As relações/influências do/no Turismo de Natureza.....	33-50
4.1. O papel das organizações locais, regionais, nacionais e internacionais no turismo e patrimónios de natureza.....	33
4.2. Turismo de Natureza e Turismo Criativo	35

4.3. Turismo de Natureza e património natural	37
4.4. Turismo de Natureza – impactos, desenvolvimento sustentável/local.....	40
4.5. Turismo de Natureza, animação, educação e interpretação ambientais	48
5. Turismo de Natureza como prática nacional e internacional.....	51-58
5.1. Turismo de Natureza como prática mundial.....	51
5.2. Turismo de Natureza em Portugal	55
6. Caracterização do território (Madeira/Funchal).....	59-78
6.1. Perfil geográfico – físico e humano	59
6.2. Síntese histórica.....	64
6.3. Perfil turístico	67
6.3.1. Origem e evolução do turismo no Funchal/Madeira.....	67
6.3.2. O turismo do Funchal na atualidade	70
6.3.3. Plano de Ordenamento Turístico da RAM – perspetiva de desenvolvimento	72
6.3.4. Indicadores do turismo na Madeira/Funchal: procura e oferta	74
7. Turismo de/na Natureza no Funchal – procura e oferta	79-88
7.1. Caracterização geral do Turismo de Natureza do Funchal	79
7.2. Onde pode acontecer o Turismo de Natureza no Funchal?	81
7.2.1. Floresta Laurissilva – principal recurso do Turismo de Natureza.....	81
7.2.2. Parque Natural da Madeira	81
7.3. Eventos de animação turística da natureza	83
7.4. Meios de difusão/marketing do Turismo de Natureza no Funchal	86
8. Práticas de Turismo de Natureza no Funchal	89-110
8.1. Observação e fruição da e na natureza	89
8.2. Levadas e percursos pedestres.....	91
8.3. Turismo em espaço rural (turismo de habitação).....	96
8.4. Espaços verdes (jardins e parques)	97
8.4.1. Dois casos particulares: Jardim Tropical Monte Palace e Jardim Palheiro Golfe/Estate.....	101
8.5. Observação de vida selvagem.....	103
8.6. Desportos de natureza	106
8.7. Os museus de história natural do Funchal	107

8.7.1. Museu de História Natural do Jardim Botânico.....	109
8.7.2. Museu de História Natural do Funchal da CMF.....	109
9. Resultados de um estudo exploratório.....	111-126
9.1. Objetivos, estrutura, metodologia e análise dos inquéritos	111
9.2. Turismo de Natureza como potencializador de benefícios	114
9.3. Empresas de animação turística	116
9.4. Teleféricos, jardins, alojamentos e museus	119
9.5. Análise SWOT	125
10. Conclusões.....	127-132
Bibliografia	133-145
ANEXOS.....	146-202
Seção 1: Imagens e Figuras.....	146
Seção 2: Tabelas	158
Seção 3: Inquéritos realizados.....	174
Seção 4: Questionários para as entidades.....	185

Índice de Figuras

Figura 1: Algumas designações dadas ao TN.	10
Figura 2: Principais categorias que definem e integram o Turismo de Natureza. ...	13
Figura 3: Elucidação de algumas das várias atividades de TN.	20
Figura 4: Principais características do turista de natureza <i>soft</i> e <i>hard</i>	32
Figura 5: Grandes eixos para que aconteça um desenvolvimento/turismo sustentável.....	43
Figura 6: Mapa da RAM, com a localização do concelho do Funchal em contexto das NUTS II.	60
Figura 7: Mapa hipsométrico do concelho do Funchal com a delimitação dos 6 patamares geográficos.....	61
Figuras 8 e 9: Cidade do Funchal vista do Teleférico do Funchal/Monte e do Forte de São José, respetivamente.	63

Figura 10: Delimitação espacial das áreas da Ilha da Madeira que compõem o Parque Natural da Madeira.....	83
Figuras 11, 12 e 13: Ilustrações do Teleférico do Jardim Botânico, do Funchal/Monte e dos Carreiros do Monte.	91
Figuras 14 e 15: Ave freira da Madeira (<i>Pterodroma madeira</i>).....	93
Figuras 16, 17, 18 e 19: Ilustrações da Levada do Curral e Castelejo; Imagens da Levada dos Piornais com alguns turistas/visitantes.	95
Figura 20: Elucidação de algumas das principais espécies de flora dos jardins do Funchal – sevidilha, cardeal, estrelícia, agapantos, palmeira das Canárias, magnólia, til, massarocos, barbusano, respetivamente	100
Figuras 21 e 22: Jardim do Palheiro e Jardim Oriental, área pertencente ao Jardim Monte Palace.....	103
Figuras 23 e 24: Elucidação de um dos barcos da <i>Madeira Catamaran</i> e visionamento da <i>Nau de Santa Maria</i> , a partir do Forte de São José, no Funchal..	104
Figuras 25, 26 e 27: Património conservado dos museus de história natural do Funchal - da CMF e do Jardim Botânico, respetivamente.....	108
Figura 28: Atividades na natureza praticadas no Funchal pelos inquiridos.....	113
Figuras 29, 30, 31, 32 e 33: Ilustração da prática de <i>canyoning</i> e escalada pela <i>Madeira Harmony in Nature</i> ; pedestrianismo e <i>jeep tours</i> pela <i>NatureMeetings</i> ; observação de cetáceos pela <i>Rota dos Cetáceos</i>	118

Índice de Tabelas

Tabela 1: Benefícios do Turismo de Natureza nos territórios.....	44-45
Tabela 2: Impactos negativos do Turismo de Natureza nos territórios.....	46
Tabela 3: Dados dos estabelecimentos e capacidade de alojamento, tendo em conta a distribuição geográfica.....	75
Tabela 4: Dados das dormidas, estada média, hóspedes e proveitos, tendo em conta a distribuição geográfica.....	75

Tabela 5: Número de hóspedes, dormidas, estadas médias, taxas de ocupação de cama, proveitos de aposento e estabelecimentos de alojamentos do Funchal, nos anos de 2010, 2011 e 2012.....	76
Tabela 6: Evolução do número de hóspedes e das dormidas, no Funchal, tendo em conta a proveniência geográfica.....	77
Tabela 7: Número de utilizadores/visitantes em teleféricos, jardins, alojamentos e museus do Funchal, em 2013.....	119

Índice de Figuras (Anexos)

Figura I: Elucidação de alguma sinalética presente nos percursos pedestres.....	147
Figuras II e III: Alguns dos jardins no <i>Heritage Village Cloppenburg</i>	147
Figuras IV, V e VI: Elucidação de um dos parques naturais mais atrativos de Jaén – Parque Natural de Sierra Mágina.....	148
Figura VII: Paisagem do <i>Parc National du Mont -Tremblant</i> , vista do alto de uma das trilhas mais populares.....	149
Figuras VIII e IX: Imagens das aves mais características das ilhas Farne (<i>Puffin</i>) e do Farol do século XIX.....	149
Figuras X e XI: <i>Grand Canyon National Park</i> e uma das imagens representativas do <i>Yellestown National Park</i>	150
Figura XII: Distribuição geográfica das freguesias que pertencem ao concelho do Funchal.....	151
Figuras XIII, XIV, XV e XVI: Elucidação da Festa da Flor de 2014, com destaque para o comércio de flores na Avenida Arriaga (1 e 2) e para o cortejo na Avenida do Mar (3 e 4).....	152
Figuras XVII e XVIII: Imagens ilustrativas da Selvagem Grande e da Selvagem Pequena.....	153
Figuras XIX e XX: Imagens ilustrativas dos denominados “poços da neve” em pleno Parque Ecológico do Funchal, em estações diferentes.....	153

Figuras XXI, XXII, XXIII, XXIV e XXV: Paisagens e edifício principal do Parque Ecológico do Funchal.....	154
Figuras XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX e XXX: Imagens relativas às paisagens, serviços e ao percurso da Vereda do Areeiro no Pico do Areeiro.....	155
Figuras XXXI e XXXII: Percurso pedestre para o Pico das Torres e Pico Ruivo, os dois pontos mais altos da Madeira.....	156
Figuras XXXIII e XXXIV: Alguns produtos à venda no Pico do Areeiro.....	156
Figuras XXXV até XLI: Respetivamente: tentilhão (<i>fringilla coelebs madeirensis</i>); bisbis (<i>Regulus ignicapillus madeirensis</i>); baleia de bryde (<i>Balaenoptera edeni</i>); golfinho pintado (<i>Stenella frontalis</i>); manta (<i>Buteo buteo barterti</i>); cagarra (<i>Calonectris diomedea borealis</i>); lagartixa-da-madeira (<i>Lacerta dugesii</i>).....	157

Índice de Tabelas (Anexos)

Tabela I: Teses de Mestrado encontradas com as palavras-chave de “Turismo de Natureza na Ilha da Madeira” e “Turismo de Natureza no Funchal” no Repositório Nacional de Teses.....	159
Tabela II: Nome e caracterização dos miradouros selecionados pela DRTM...160-161	
Tabela III: Empresas de animação turística com sede no Funchal.....	162
Tabela IV: Alguns dos principais jardins do concelho do Funchal.....	163-165
Tabela V: Alojamentos de Turismo em Espaço Rural do Funchal.....	166-168
Tabela VI: Características dos principais percursos pedestres do Funchal.....	169
Tabela VII: Respostas do 1º Grupo do Inquérito “Dados Pessoais”.....	170
Tabela VIII: Respostas do 2º Grupo do Inquérito “Atividade Realizada”.....	171
Tabela IX: Respostas do 3º Grupo do Inquérito “Outras Informações”.....	172-173

1. Introdução

1.1. Temática de investigação

O presente trabalho é fruto de uma investigação multifacetada do fenómeno turístico de natureza, integrado no curso de mestrado em Lazer, Património e Desenvolvimento da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Com vista a validar o presente tema da tese, fizemos uma análise das teses nacionais publicadas no *website* da entidade denominada de “Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal”, comumente chamada/conhecida de Repositório Nacional de Teses. Essa análise baseou-se na introdução de palavras-chave como “Turismo de Natureza na Ilha da Madeira” e “Turismo de Natureza no Funchal”, e os resultados foram 8 páginas, nas quais estavam (até fevereiro de 2014) apenas 6 teses que tiveram, de alguma forma, em conta o Turismo de Natureza no nosso território de estudo (Ilha da Madeira), porém, nenhuma delas focou-se exclusivamente ao território do Funchal e todas detiveram metodologias e cursos muito variados, diferentes da presente tese (Tabela I, em Anexos).

Esta temática do Turismo de Natureza tem despertado grande interesse por parte de vários estudantes, professores e investigadores, dada a sua franca expansão. Prova disso é vista na mesma entidade que recolhe com a palavra-chave “Turismo de Natureza”, uma série de teses de mestrado, doutoramento, artigos científicos e outros, relacionados com destinos turísticos de natureza em vários contextos geográficos.

1.2. Objetivos

Os objetivos definidos para este trabalho passam por dois grandes objetivos gerais que vão ao encontro de vários objetivos específicos. Assim sendo, define-se como objetivos gerais a necessidade de obter um estudo e uma visão bem organizados e interessantes sobre o Turismo de Natureza, tendo em conta as suas características e especificidades; bem como a obtenção de um estudo exploratório no concelho do Funchal, na prática multifacetada que pode ser o Turismo de

Natureza, no domínio da sua procura e oferta. Estes objetivos conjugam-se com os seguintes mais específicos:

- Obter dados estatísticos do Turismo de Natureza ou ao turismo em geral.
- Desenvolver um sentido crítico e de análise face aos recursos bibliográficos e webgráficos lidos.
- Recorrer a conteúdos lecionados da licenciatura e do mestrado.
- Coadunar o Turismo de Natureza com outros conceitos como património, desenvolvimento, identidade local e outros.
- Estudar as várias facetas possíveis do Turismo de Natureza no Funchal.
- Realizar questionários aos turistas do Funchal, tal como algumas entidades públicas e privadas desse território.

1.3. Metodologia

A metodologia utilizada baseou-se em vários parâmetros. Com o fim de fazer um trabalho bem conseguido, foi prudente recolher obras em bibliotecas e na internet sobre o turismo, o lazer, o segmento de Turismo de Natureza, o património, o desenvolvimento sustentável, o turismo no Funchal, bem como algumas características deste destino e outras áreas.

Outras estratégias metodológicas passaram por:

- Valorização de organizações internacionais respeitantes as grandes áreas da Tese (turismo e ambiente);
- Realização de questionários para a Câmara Municipal do Funchal; Direção Regional de Turismo da Madeira; vários jardins, parques e quintas de ordem pública e/ou privada; os dois teleféricos do Funchal; alguns alojamentos do Funchal e outras instituições;
- Leitura de notícias do Jornal da Madeira de agosto de 2013 até agosto de 2014, para encontrar aspetos sobre o turismo da Madeira/Funchal;
- Análise de teses de mestrado e de doutoramento, se possíveis, como ferramentas importantes para comparação, citação e complemento.

Por último, escolhemos para esta investigação um inquérito por questionário, pois é uma técnica quantitativa que permite medir, caracterizar e conhecer comportamentos particulares através de pequenas amostras, de carácter anónimo, ou não, mas que são extrapoláveis para tendências da realidade.

1.4. Estrutura

A estrutura desta tese, como é habitual em qualquer dissertação de mestrado, assenta em duas componentes, a componente teórica e a componente prática. Além disto, a presente investigação é compreendida pelas habituais partes de qualquer tese (agradecimentos, resumo, lista de abreviaturas e outras).

A parte teórica conta com 4 principais tópicos (Lazer, Turismo e Espaço; Turismo de Natureza; relações/influências do Turismo de Natureza e Turismo de Natureza como prática nacional e internacional), os quais desdobram-se em outros subtópicos, sendo eles o reflexo daquilo que se aprendeu ao longo da licenciatura e mestrado, bem como de outras ideias sobre o tema – Turismo de Natureza.

Por outro lado, optou-se por dar mais atenção a três modalidades com grande afinidade com o Turismo de Natureza. Duas delas – Turismo de Jardins e Turismo de Passeio Pedestre – uma vez que são das que mais se fazem sentir no concelho do Funchal. A outra, ou seja o Ecoturismo, decidiu-se abordar em tópico particular, com vista a definir melhor, já que há alguma confusão na sua definição e no conhecimento que inúmeras pessoas têm dele.

Já em relação a parte prática, tivemos oportunidade de caracterizar o território em estudo – Funchal – tendo em conta a perspetiva geográfica (física e humana), histórica e turística. Seguidamente, acabou-se por explicar as características do Turismo de Natureza que pode ser e é praticado no Funchal de várias formas, como por exemplo observação e fruição da e na natureza; levadas e percursos pedestres; observação de vida selvagem; desportos de natureza e os museus de história natural. Nesta componente prática, há lugar para análise dos resultados do estudo exploratório e para a realização de uma análise SWOT para congregar os pontos fortes e fracos, as oportunidades e ameaças do TN.

2. Lazer, Turismo e Espaço

2.1. Considerações preliminares

É importante analisar o lazer, o turismo e o espaço, enquanto três grandes elementos que se relacionam entre si e que têm uma dinâmica clara. Com isto, é o espaço, aquele que suporta atividades como o turismo e o lazer. O espaço é produzido, representado e moldado por setores de atividades económicas, pessoas, entidades e fenómenos naturais diversos que desembocam em interessantes aspetos neste mundo pós-moderno.

Ora o turismo, enquanto fenómeno humano, mobilidade, até indústria, insere-se no conceito de lazer. Nesta perspetiva, estas duas atividades enfrentaram ao longo dos tempos importantes mudanças, uma vez que o lazer e o turismo de hoje, não se assemelham tanto com a forma como eram vistos, realizados e produzidos no passado. São atividades altamente diversificadas, dinâmicas e ao mesmo tempo complexas. A sua noção envolve práticas já existentes, por exemplo na antiguidade clássica devido à sabedoria que Atenas, berço do conhecimento, terra de filósofos, passou para todo o mundo. Documentos, objetos e artefactos dessa época mostram-nos hoje que haviam atividades que se podem dizer integradoras do lazer. É o caso de pinturas em casas, objetos de comida como pratos, taças, entre outros, que foram desenhados com pessoas praticando algumas atividades (comendo, bebendo, dançando, cantando, jogando, entre outros).

Com a revolução industrial e com as implicações que essa mesma obteve, o lazer passou a ser progressivamente um direito de todas as pessoas. Deste modo, foi o sociólogo francês Joffre Dumazedier que deu uma definição bem interessante e real daquilo que se pode entender do lazer, enquanto:

“conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se, ou ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais.” (DUMAZEDIER *apud* GAMA e SANTOS, 2008: p. 16).

O lazer, sendo aquela atividade praticada no tempo livre, para SANTOS (2008) este é uma conquista do século XX, o qual é facilmente conjugado com espaços próprios de realização de práticas de lazer, que envolvem produções e apropriações (lazer diários, de fim de dia, fim-de-semana, fim de ano, férias, reforma, viagens, turismo, lazer local, regional, nacional e internacional). Estas práticas de lazer, são lazer de uns e sem dúvida, o trabalho/emprego de outros.

Consequentemente, há muitos interesses na prática de lazer, no entanto, LANÇA (2007) define 6 grandes categorias: físicos – referem-se à participação dos indivíduos em atividades físicas, que impliquem movimento/exercício; práticas – são atividades produtivas, livres de obrigações; artísticos – expressões artísticas, tanto da cultura erudita como da cultura popular (teatro, cinema, fotografia, literatura, etc.); intelectuais – referem-se a atividades ligadas à informação e ao conhecimento (leitura de jornais, de revistas e de livros); sociais – englobam a família, os amigos e colegas de trabalho, de clubes que propiciam a sociabilidade, a participação; ecológicos/ativos – atividades com enfoque na natureza, como sejam as caminhadas ou qualquer outro tipo de atividade no ambiente).

No espaço e mais propriamente, nas suas paisagens, que cada vez mais apresentam a tipologia cultural e natural, os homens desenvolvem relações com esses mesmos lugares. Aquilo que FERNANDES (2013) chama de topofobias e topofilias, às quais completam a rede de lugares que todos os humanos apresentam (topoligamias) e influenciam a prática turística e/ou de lazer. As topofobias são baseadas nas relações menos positivas que os homens têm com os territórios (territórios de experiências geralmente traumáticas), por contraste as topofilias que designam-se nas relações positivas que os homens têm com os territórios (ligados a memórias de infância, de trabalho, entre outras).

Relativamente a este mundo pós-moderno, em que vivemos, as paisagens são marcadas e modelam-se pelo consumo, mobilidade, multidimensionalidade e multifuncionalidade. Estas paisagens apresentam várias dimensões que uma ou mais, pode(m) levar à atração do turista, à própria diferenciação dos lugares, dando-lhe e/ou reforçando-lhe a sua identidade territorial (algo mais ou menos particular desse lugar). São elas dimensões materiais e imateriais (*smellscape*, *soundscape*, *noisescape*, *landscape*), integrando paisagens que têm frequentemente

geosímbolos – em geografia cultural, entendidos como os pontos de referência que podem ser naturais e/ou culturais, sendo basicamente símbolos materiais ou imateriais que revelam relações assimétricas de poder (FERNANDES, 2013).

No atual contexto em que vivemos, minado de incertezas, numa sociabilidade cada vez mais pautada na distância e indiferença, a designada sociedade “hipermoderna”, do “hiperconsumo”, “mosaico” apresenta diversas estruturas demográficas, familiares, de mobilidade, do trabalho e do emprego, tal como processos de formação, ocupação dos tempos livres, estilos de vida e consumo, e ainda uma diversidade de comportamentos pessoais. Esta sociedade pode caracterizar-se também pelo hedonismo, pelo gosto das novidades, pela promoção do fútil e do frívolo, pela vontade de expressar uma identidade singular, pelo narcisismo, centrado na figura do indivíduo (responsável, organizado, eficaz). Agora mais que antes, é nesta sociedade, o corpo do ser humano, visto, cada vez mais, como lugar de lazer. E dele que o Homem necessita para viver, trabalhar, divertir-se e fazer turismo (CARVALHO e SILVA, 2013; PORTUGAL, 2005; SANTOS, 2008; SANTOS, 2011).

2.2. Importância e singularidade do turismo atual

“The right to travel has implicitly become a human right, but at the same time responsibility has to be accepted from the part of the tourists, the local residents and all tourism players” (BÖHM, 2009: p. 3).

O turismo atual é frequentemente intitulado de turismo pós-moderno, uma vez que ele enfrenta desafios e dá oportunidades como nunca antes vistos. COHEN (2005) analisou 3 grandes tendências do turismo pós-moderno sendo elas o turismo de fantasia (indivíduos com poucas condições económicas e baixo estatuto social, que valorizam os ditos “não lugares”, com a não-identidade, pois longe de se criar uma identidade produzem-se mercadorias para serem consumidas em todos os momentos da vida, nos momentos de trabalho e de não-trabalho, como os

parques temáticos, centros comerciais e outros espaços onde a fantasia domina); o turismo de distinção (onde os praticantes com boas condições económicas e culturais não procuram experiências de turismo que sejam extraordinárias, mas sim experiências para ganharem distinção junto dos seus familiares, amigos e outros atores) e turismo extremo (no qual, os turistas buscam a excitação, a emoção e o risco da viagem em lugares da terra que permanecem afastados do turismo de massas). Esta última tendência é a que mais se assemelha às práticas do Turismo de Natureza (Ecoturismo e o Turismo de Aventura).

Todavia, algumas tendências do turismo atual são tidas como novas dinâmicas, para SILVA (2013), entre tantas, destacam-se as principais que passam pelas alterações no perfil e nas motivações da procura turística – com turistas cada vez mais informados, exigentes e com maior capacidade para tomar decisões valorizando mais o turismo de nichos e não o de massas; mudanças significativas no *marketing* turístico tornando-se mais relacional e valorizando a internet; dispersão geográfica da atividade turística, com a emergência de novos destinos recetores e emissores; desenvolvimento dos mercados por produtos voltados para os três ‘E’: “entretenimento, excitação e educação”; incorporação dos pressupostos do desenvolvimento sustentável, bem como das preocupações ambientais; crescimento, diversificação e inovação de viagens alternativas de baixo custo, baseada na partilha de experiências e formas de turismo colaborativo ou criativo, como o *couch surfing*, o agroturismo e o turismo comunitário; valorização do turismo interno; crescimento acentuado do turismo sénior – realidade crescente um pouco por todo o mundo; valorização das férias mais ativas, das experiências e dos serviços de animação.

De acordo com o mais recente Barómetro da OMT (Organização Mundial do Turismo), as chegadas de turistas internacionais cresceram 5 % em 2013, cerca de 1.087 milhões de chegadas, com mais 52 milhões de turistas internacionais que viajaram em 2013 em relação a 2012. Estes dados espelham a importância e a orientação do turismo em afrontar e ajustar-se aos desafios económicos globais. A Europa liderou o crescimento acolhendo 29 milhões de chegadas de turistas internacionais adicionais em 2013. Já para este ano, a OMT prevê de 4 % a 4,5 % de crescimento do turismo internacional.

Por esta via, o Conselho Mundial de Turismo e Viagens (WTTC) lembrou que o turismo suporta, diretamente, 10 milhões de empregos na Europa, muito mais do que as indústrias automóvel (3,2 milhões), mineira (3,6 milhões) e financeira (8,5 milhões) e mais de 230 milhões de postos de trabalho em todo o mundo.

Afinal de contas o turismo, podendo ter impactos negativos, ele “emprega funcionários para limpeza, lavandaria, jardinagem, recepção, restaurante, guias, administradores, pilotos, etc.” (SOIFER, 2008: p. 12).

Já o Índice de Competitividade Turística de 2011, dava para Portugal a posição 18ª posição (5.01) de 139 países, ficando no pódio a Suíça, a Alemanha e a França. Em 2013, Portugal desceu 2 lugares, ficando-se pela 20ª posição, com mais um país avaliado; Suíça e Alemanha, mantiveram-se no pódio. Essa descida poderá ter ocorrido por múltiplos fatores como a maior especialização turística de outros países e as dificuldades que Portugal está a passar. Este Índice é um instrumento importante porque revela a atratividade em realizar/desenvolver investimentos na área do turismo (viagens, recursos e produtos turísticos), bem como avalia como os países põem em prática os fatores e políticas para o desenvolvimento do turismo e viagens.

Segundo a *Deloitte*, Portugal encontra-se, atualmente, na 27ª posição do *ranking* de receitas geradas pelo turismo, com uma movimentação aproximada de 26,6 mil milhões de euros, valor que corresponde a cerca 0,5% do total mundial de receitas geradas. Esta indústria representa, a nível nacional, cerca de 6,4% do PIB e 7,6% do emprego total (cerca de 396 mil empregos diretos).

FERNANDES (2013) diz-nos que a paisagem turística não é um mero espaço de consumo. É também uma paisagem ideológica e política que não é neutra em termos de relações de poder, porque o turismo é um setor contestado e de inovação. Este é uma mobilidade espacial que (re)produz, desloca e territorializa diferentes formas de capital. O autor revela que alargou-se a sua espacialidade para lugares até há pouco mais fechados, confrontando o turista com comunidades e contextos económicos e socioculturais diferenciados e heterogéneos. Importam aspetos como a luz e cor, formas, linhas, desenhos e texturas nas paisagens, mas também cada vez mais há outras coisas que importam nos territórios turísticos,

como o que essas paisagens evocam, simbolizam e representam nos ambientes naturais e artificiais, rurais e urbanos (ARPA, 2003; CARVALHO e SILVA, 2013).

Assim sendo, um território pode tornar-se um grande foco de curiosidade e agradar turistas e visitantes praticamente num “pisar de olhos”. E isto devido à um conjunto de fatores que condicionam evidentemente a procura turística (formações geomorfológicas raras, publicidade e marketing, preço dos lugares, segurança, patrimonialização e outros fatores). No nosso ponto de vista, o turismo de hoje é claramente diferente do de amanhã, nenhum local do planeta está a salvo de ter fluxos turísticos.

Por outro lado, há questões pertinentes sobre a imagem dos lugares, dado que o impacto das imagens projetado das mais diversas maneiras (fotografia, cinema, televisão, mental, entre outros) criam e/ou reforçam identidades. Esta imagem que o turista “cria” dos lugares/paisagens, é dependente do olhar do espectador, que seleciona e hierarquiza o que vê (DOMÍNGUEZ, 2013; GASTAL, 2013). Igualmente para TARRÉS e VELA (2005), as atrações que influenciam também a imagem dos destinos são integradas nas categorias naturais (rios, mares, florestas, praias, montanhas, reservas naturais); históricas (ruínas, castelos, construções antigas); culturais (museus, religião, arquitetura, férias, festivais e eventos) e artificiais (parques temáticos e outros).

3. Turismo de Natureza

3.1. Conceitos de Turismo de Natureza

A relação do Turismo de Natureza (TN) com o espaço é óbvia e ao mesmo tempo muito complexa. Isto é comprovado pelo considerável número de ações e iniciativas deste turismo no espaço, como são exemplos rotas/percursos, eventos, espetáculos, conferências, colóquios, todas elas em diferentes tempos (férias, fins de semana, nas várias estações do ano, de dia ou de noite, etc).

Neste sentido, ele é para a OMT um dos segmentos turísticos mais importantes, atrativos e dinâmicos conjuntamente às tipologias de Sol e Praia, Desporto/Aventura, Turismo em Espaço Rural (TER), Turismo de Negócios, Turismo Urbano, Turismo Cultural e Turismo de Cruzeiros.

Quando falam de TN, existem diversas formas ou designações que as mais variadas pessoas conferem-lhe, sendo exemplo o Turismo Baseado na Natureza, o Turismo Verde e Ativo (Figura 1).



Fonte: Elaboração própria, a partir dos autores: BAPTISTA (1997); BECERRA *et al.*, (2009); BUCKLEY (2009); PATTERSON (2007); PIRES (1994); SILVA (2013); TISDELL e WILSON (2012).

Figura 1: Algumas designações dadas ao TN.

Este turismo também pode ser denominado, atendendo ao tipo de prática, como Turismo de Saúde e Bem-Estar (TISDELL e WILSON, 2012), tanto como motivação primária, como motivação secundária (THR – Turismo Hotelaría y Recreación – 2006).

Por conseguinte, o Turismo de Natureza é um conceito bastante abrangente e pode enquadrar-se no conjunto de várias modalidades/segmentos “de hospedagem, de atividades e serviços complementares de animação ambiental, que permitam contemplar e desfrutar o património natural, arquitetónico, paisagístico e cultural, tendo em vista a oferta de um produto turístico integrado e diversificado” (SANTOS e CABRAL, 2005: p. 10). CATER (1994) e (DOWLING *et al.*, 2013) são exemplos de autores que nos dizem que as atrações baseadas na natureza, podem incluir recursos e influências associadas ao domínio cultural (património arquitetónico, paisagístico, imaterial e outros), com fins entre os quais educacionais e de aprendizagem, relaxamento, consumo e estéticos.

Em CUNHA (2009: p. 51) observamos o Turismo de Natureza como aquela prática turística que se manifesta de duas maneiras divergentes:

“o turismo ambiental e o turismo ecológico (Graburn, 1998). O ambiental relaciona-se com os vários aspetos da terra, do mar e do céu e com o seu estado de pureza; por sua vez, o turismo ecológico ou ecoturismo inclui as viagens para as áreas naturais com o fim de observar e compreender a natureza e a história natural do ambiente tendo o cuidado de manter inalterável a integridade do ecossistema.”

Todavia, SANTOS e CABRAL (2005) explicam-nos melhor que TN pode inserir-se em serviços de hospedagem de TER – empreendimentos turísticos em espaço rural (parques de campismo rurais e hotéis rurais); de Turismo de Habitação, Turismo Rural, Agroturismo, Turismo de Aldeia, Casas de Campo e de Casas de Natureza (casas-abrigo, centros de acolhimento, casas-retiro); e em serviços de animação ambiental (animação, interpretação ambiental e desportos de natureza).

TISDELL e WILSON (2012) dão-nos outra perspetiva de Turismo de Natureza, sendo este típico de pequenas e médias empresas, que consiste na visita

de objetos inanimados naturais (montanhas, lagos, quedas de água, vulcões, glaciares, e outros) e animados (visita e observação de espécies de fauna). Esta prática é integrada em atividades de consumo e de não-consumo para DOWLING *et al.* (2013). Práticas de consumo envolvem a caça, pesca e atividades desportivas radicais, como atividades que exigem mais atitude, vontade e gastos dos turistas; contrariamente às de não-consumo que se dirigem à observação de fauna e flora, aos passeios pedestres e outros desportos não-radicaais.

De igual forma, a OMT e o estudo de THR (2006) fazem uma distinção clara que acontece no TN, sendo elas a *Natureza Soft* e a *Natureza Hard*. As atividades de TN inseridas na noção de *Natureza Soft* são mais calmas e relaxantes como o pedestrianismo, a observação de vida selvagem, a visita às áreas protegidas ou espaços naturais com valores naturais e culturais singulares, entre outros. Pelo contrário, as atividades de TN da *Natureza Hard*, são organizadas principalmente por atividades desportivas na terra, na água e no mar de carácter mais radical.

Com isto, o conceito de Turismo de Natureza coaduna-se com atividades que implicam experiências de interação nos espaços naturais com diferentes preços, tempos, autenticidades e intensidades de risco (BECERRA *et al.*, 2009).

É um tipo de turismo que pode requerer equipamentos especializados, bem como nem sempre é sinónimo de conservação e dos mínimos impactos negativos, embora valorize o trabalho, a interculturalidade, os direitos humanos, a equidade social e de género e a formação (BECERRA *et al.*, 2009; IDELHADJ *et al.*, 2012).

O TN pode ser realizado ou não em áreas protegidas. No entanto, será nas áreas protegidas onde a experiência turística poderá ter maior singularidade e atratividade. Estes espaços protegidos são entendidos como artefactos culturais com longa história, sendo que é na Europa e na América que elas surgiram para a conservação desses espaços (EAGLES *et al.*, 2002). Neste contexto, PIRES (1994: p. 23) refere haver várias tipologias de áreas protegidas e diz-nos que:

“a criação de Áreas Protegidas baseia-se na proteção de zonas com características especiais em termos naturais, pela sua raridade, valor e fragilidade. São áreas com características paisagísticas e particularidades sob o ponto de vista de património natural e, também natural. São, igualmente, zonas onde a qualidade ambiental é acrescida.”

GRANET (2012) e SÉGUIN (2010) são autores que nos dão conta da grande dependência do Turismo de Natureza face à evolução do tempo, das estações de ano e dos estados de tempo. Este tipo de turismo é muito condicionado com as condições do tempo e as estações do ano que marcam as regiões de várias maneiras e podem ser fator de atração e até de entrave para a visita de destinos turísticos frios, quentes, húmidos, bem como destinos onde aconteçam eventos astronómicos (visionamento de eclipses, chuvas de meteoros e outros) e eventos terrestres/aéreos e aquáticos como a migração e reprodução dos animais, florescimento das plantas, entre outros.

Em resumo, podemos concluir que o Turismo de Natureza congrega várias tipologias de atividades com ou sem consumo de objetos animados ou inanimados da natureza, das principais categorias de procura e oferta deste segmento como são exemplos os vários desportos de natureza existentes, as práticas nos vários espaços naturais, as condições de tempo como atrativo ou não (Figura 2).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 2: Principais categorias que definem e integram o Turismo de Natureza.

3.2. Contextualização do Turismo de Natureza

A prática do Turismo de Natureza é hoje uma das mais realizadas em todo o mundo, confirmado pela OMT, que refere que o TN é o nicho que mais “cresce no mundo com cerca de 20% da procura internacional” (SOIFER, 2008: p. 12). Para THR (2006) em 2015, espera-se que as viagens de Turismo de Natureza na Europa atinjam os 43,3 milhões de viagens. Já o Observatório do Turismo dos Açores, assinala que para 2020 a procura deste segmento, em termos europeus, rondará 1000 milhões de entradas de turistas na Europa.

Ora, é na década de 90 que o Turismo de Natureza ganhou uma dinâmica forte que foi acompanhando também outros tipos de turismo, também pelas mudanças que o mundo enfrentava (novas tecnologias, desenvolvimento dos transportes, maior divulgação dos territórios, preocupações com a natureza, necessidade de evasão da vida urbana, e outros fatores) (CUNHA, 2009; MCKERHER, 2002; PORTUGAL, 2005).

Não obstante, a maneira como é vista a natureza divergiu ao longo do tempo, condicionando assim a prática de turismo com o propósito da natureza. A natureza tinha, na Idade Média, para GASTAL (2013) dois tipos de olhares – o religioso, no qual a natureza é fonte de prazer sensorial e fonte de pecado e engano da alma; e o olhar camponês, a partir do qual quem trabalha na natureza vê nela associada o esforço e o trabalho, ou seja suporte de vida e dependência. Contudo, é com o Renascimento, que a natureza ganha uma nova perspectiva e outra imagem, como fonte insaciável de descoberta, utilização e manipulação.

Recordam-se os séculos que permitiram o conhecimento mais pormenorizado do mundo, nomeadamente os séculos XV, XVI e XVII, como aqueles em que são os primórdios de práticas de TN. Nesses séculos em que portugueses, espanhóis e mais tarde ingleses, americanos, alemães e franceses levavam consigo colonizadores e cientistas, nos seus navios, esses viajantes descobriram e trouxeram espécies de fauna e principalmente de flora para a Europa, começando para alguns a “globalização” com o progressivo conhecimento de tudo e de todos. Mais tarde também “grupos de naturalistas, ornitólogos, orquidólogos,

paleontólogos, geólogos e outros foram estudar a diversidade do Novo Mundo, principalmente nos séculos XVIII e XIX” (SOIFER, 2008: p. 28).

Já em FENNELL (1999) damos-nos conta que a criação do termo ‘ecoturismo’ está atribuída à Claus-Dieter Hetzer que, em 1965, num Fórum Internacional no México, apresentou o ecoturismo fundado em quatro pilares: mínimo impacto ambiental; mínimo impacto e máximo respeito sobre a cultura anfitriã; máximo benefício económico para o país de destino; máxima satisfação recreativa para os turistas. No entanto, a primeira definição de ecoturismo é de Ceballos-Lascurain na década de 80, definido como uma forma de turismo baseada na natureza.

Por fim, Budowski definiu em 1990 o Turismo de Natureza como “forma de desfrutar da Natureza, baseada na apreciação da fauna e flora e suas numerosas integrações com o meio ambiente, das paisagens naturais assim como de certas paisagens humanas” (SOIFER, 2008: p. 27).

Quanto à evolução do TN em Portugal, volta-se a citar SOIFER (2008) que nos diz que no Porto, em 1932, fundou-se o Grupo Excursionista Ar Livre que promovia atividades aéreas para os residentes e que alguns turistas também participavam, seguindo-se a Liga da Proteção à Natureza, em 1948 e o lançamento do Plano Nacional do Turismo de Natureza em 1998 pelo então Secretário de Estado, Vítor Neto, como os marcos de proteção da natureza e de desenvolvimento da consciencialização das pessoas da prática turística.

3.3. Particularidades do Turismo de Natureza

A prática turística de natureza tem frequentemente, tal como tantas outras práticas, vários *stakeholders* que a definem enquanto *cluster*. Estes *stakeholders* são todas as pessoas ou organizações que têm um interesse ligado à prática turística, com uma visão mais ou menos restrita como turistas, visitantes, investidores, empresas, residentes, governos, investigadores, associações e organizações locais, regionais, nacionais e internacionais, grupos de influência, entre tantos outros (BARROS, 2011; NEVES, 2010). Aqui muitas vezes ocorrem conflitos de interesse

como por exemplo CARVALHO (2009) denomina, dado que como tudo ou quase tudo, ninguém gosta de ficar a perder o que quer que seja.

DOWLING *et al.* (2013) são da opinião que as áreas naturais sempre atraíram pessoas, porque muitas partilham o desejo de ver, tocar, sentir, conectar-se, inspirar-se nos espaços naturais. Estes autores demonstram os vários tipos de áreas naturais que podem ser territórios turísticos (regiões polares, tundras, desertos, florestas tropicais, temperadas e outras, montanhas, áreas marinhas, ilhas, costas litorais, etc).

De outro modo, em CUNHA (2009: pp. 266-267) podemos ver os principais núcleos recetores naturais do TN. Destacam-se:

- Reservas Naturais – enquanto aquelas áreas classificadas de proteção de *habitats* de flora e fauna para assegurar as condições naturais necessárias à estabilidade ou à sobrevivência das espécies;
- Parque Natural – áreas naturais, pouco transformadas pela exploração ou ocupação humana que, em razão da beleza das suas paisagens e da riqueza e representatividade dos seus ecossistemas, possuem valores ecológicos, estéticos, educativos e científicos de atenção particular;
- Monumento Natural – corresponde a uma ocorrência natural, com um ou mais aspetos, que pelos valores em termos ecológicos, estéticos, científicos ou culturais, exige a sua conservação e manutenção da sua integridade;
- Paisagem Protegida – área com paisagens naturais, seminaturais ou humanizadas, de interesse regional ou local, resultante da interação harmoniosa do homem e da natureza com valor estético ou natural;
- Jardins – áreas constituídas por elementos naturais dispostos por intervenção humana com valores ecológicos e/ou estéticos, educativos.

As razões para a expansão do TN, por todo o mundo, são derivadas a fatores como a grande concentração de pessoas em áreas urbanas que sentem a necessidade, vontade de conhecerem/usufruírem/distraírem-se com a natureza; maiores sensibilizações face aos problemas de natureza; níveis de qualificação e instrução progressivamente maiores; importância económica e social dos tempos e dos espaços de lazer; melhores e mais acessibilidades e transportes; questões de

viagem por moda/*status*; turismo personalizado e não de massas, não tão saturado como o turismo convencional (essencialmente Sol e Praia); melhoria e construção de infraestruturas em áreas atrativas para o TN; maior disponibilidade de tempo livre; a oferta variada de espaços naturais; interesse maior pelo património classificado (DOWLING *et al.*, 2013; MÍNGUEZ, 2001; RODRIGUES, 2011; SANTOS e CABRAL, 2005; SOIFER, 2008; TISDELL e WILSON, 2012).

Os pilares da competitividade que importa realçar no Turismo de Natureza, semelhantes a outros tipos de turismo, são o “planeamento dos recursos, a inovação/diferenciação, a qualidade da oferta e a qualificação profissional” (NUNES, 2008: p. 31). É de referir que no caso português, essa questão é bem mais visível, uma vez que nem sempre quem está por detrás de determinados cargos do turismo, corresponde aqueles que têm mais e melhores qualificações em turismo.

Todavia, a competitividade do TN, acarreta outros fatores como a diversidade dos recursos naturais (ecossistemas, flora e fauna e outros); existência de espaços naturais protegidos, tidos como patrimónios nacionais e/ou internacionais; boas acessibilidades; limpeza dos lugares; valorização, promoção e conservação dos lugares e das paisagens; proximidade de aglomerados populacionais; qualidade das instalações, dos equipamentos e dos serviços de atendimento; interesses culturais na região envolvente; exigência de investimento limitado; um bom desempenho e características profissionais como a empatia entre tantos outros (DOWLING *et al.*, 2013; SANTOS e CABRAL, 2005; SOIFER, 2008; THR, 2006).

Em relação aos objetivos que o Turismo de Natureza deve ter, estes são dependentes do tipo de destino turístico, e como principal objetivo centra-se em admirar, estudar, desfrutar, fruir da viagem, das plantas, dos animais, em suma da natureza. Também para RODRIGUES (2011: p. 3), os objetivos deste turismo dependem das particularidades dos destinos turísticos, mas centram-se sobretudo em 3 objetivos gerais:

- Facilitar o uso público do espaço natural, tendo em conta que as atividades recreativas devem ser compatíveis com a conservação dos valores naturais e culturais do espaço;
- Proporcionar o conhecimento dos recursos da área para que a satisfação e o aproveitamento da visita seja maior e melhor;

- Gerar impactos positivos para a conservação e proteção do meio ambiente.

O estudo do THR (2006) refere 5 fases para o desenvolvimento do TN de uma região. São elas: o planeamento – onde se estabelecem as condições básicas para o funcionamento do produto turístico; o desenvolvimento da oferta – criar e/ou consolidar as infraestruturas, equipamentos, serviços básicos e complementares; o reforço da competitividade – apostando na animação ambiental e dando ênfase à inovação e à qualidade dos recursos, produtos e serviços; a diversificação e aprofundamento da oferta – com vista a antecipar e satisfazer necessidades e desejos; e o marketing – promovendo produtos e recursos para vários tipos de consumidores com tendência personalizada e autêntica.

A procura do segmento turístico da natureza é como todos os outros tipos, condicionada por diversos fatores. MAKENS *et al.* (2005) identificam fatores determinantes da procura turística: fatores que determinam se uma pessoa irá realizar ou não uma viagem (idade, tempo e rendimento disponíveis, preferenciais, opinião de amigos e familiares); fatores que determinam o tipo de viagem: internos (motivações, personalidade, estilo de vida, saúde, situação familiar, de trabalho, estilo de vida) e externos (caraterísticas do destino, estímulos, aspetos políticos, sociais e económicos). BECERRA *et al.* (2009) acrescentam o fator condição de viagem (acompanhamento, motivo de viagem, primeira viagem e outros).

O Turismo de Natureza tem cada vez mais uma relação séria e complexa com marketing. O marketing, apontado em MAKENS *et al.* (2005) enquanto atividade cada vez mais importante, na qual é essencial e rigoroso anunciar, vender e satisfazer as necessidades dos consumidores, torna o lazer e o turismo cada vez mais cativantes, despertadores do interesse e do desejo do ser humano (marketing verde que se preocupa com a qualidade e respeito pelo ambiente).

WIGHT (1994) realça a questão de que os mercados estão a tornar-se cada vez mais ‘verdes’, devido às crescentes sensibilidades e consciencializações sobre as questões do ambiente, pelo que dispõem de um marketing responsável mas que nem sempre é correto, pois às vezes há o “uso inapropriado do termo ecoturismo por razões de marketing, o chamado ‘green-washing’, é usado para fazerem parecer negócios sustentáveis” (BÖHM, 2009: p. 7).

BIEN (2007) aborda um tema interessante e importante para o turismo baseado na natureza e o ecoturismo, isto é a certificação. Na sua obra revela que mais de 60% das certificações concedidas são em alojamentos, seguindo-se dos destinos, dos operadores e agências turísticas, assim como há dezenas de programas (sistemas de certificação, ecoetiquetas e prémios relacionados), que se encarregam de certificar produtos e serviços turísticos, trazendo vantagens para as empresas, consumidores, governos e para o ambiente e as comunidades locais.

A certificação é uma ferramenta muito útil e singular, também porque é uma forma de garantir que uma atividade ou produto ou o serviço cumpre com certas normas estabelecidas. Segundo esse autor (BIEN, 2007) a certificação é um processo que remonta ao século XV, com a certificação do queijo “Roquefort fue” e mais tarde, nos séculos XIX e princípios do século XX, com a certificação dos vinhos franceses, e da segurança de aparelhos e equipamentos elétricos, pela *International Electrotechnical Commission* (IEC). Esta distingue-se da acreditação pois a primeira podem ser os prémios concedidos a empresas, produtos, processos ou serviços, contrariamente a acreditação que é mais para avaliar, validar e dar licenças à entidades. Há liberdade para escolha de certificações e depois da escolha têm que ver se cumprem com os requisitos base. Segundo a *Global Ecolabelling Network* um *ecolabel* é um selo que identifica a preferência ambiental global de um produto ou serviço com base em considerações de ciclo de vida. Assim, os *ecolabels* destinam-se a distinguir as melhores práticas, sendo alguns exemplos a *Green Globe* (dos EUA com atividade internacional, tem enfoque nas comunidades, operadores e instalações turísticas); a *NEAP* (*Nature and Ecotourism Accreditation Program* que certifica a partir da Austrália) e a *Bio Hotels* (certifica hotéis que correspondam a determinados padrões, um pouco por todos os países europeus).

Por fim, realça-se que de forma similar a várias tipologias de turismo, como o Turismo Cultural e/ou Religioso, o TN tem ligações com áreas como a gastronomia e os vinhos, o património histórico e cultural e outros. O importante é que cada território saiba usar, (re)inventar aquilo que poderá garantir uma estada maior e satisfeita dos turistas, nunca devendo descurar a “criação de condições necessárias para que, nesses recursos naturais, o visitante possa viver experiências, de alguma forma, inesquecíveis” (OLIVEIRA *et al.*, 2008: p. 44).

3.4. Tipos de modalidades de Turismo de Natureza

A grande diversidade de práticas/modalidades de Turismo de Natureza, pode ser considerada de nichos/segmentos particulares e atrativos, uma vez que para NOVELLI (2005), o turismo de nichos envolve práticas culturais, ambientais, rurais, urbanas e outras, onde os interesses são especiais e particulares, tal como onde há um menor número de turistas e são práticas que vão ao encontro da autenticidade e não tanto pela encenação. As práticas de TN acontecem em atividades terrestres (pedestrianismo, montanhismo, hipismo), aquáticas (remo, surf, vela) e aéreas (parapente, paraquedismo) (Figura 3).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 3: Elucidação de algumas das várias atividades de TN.

Importa definir alguns turismos integrantes de TN que consideramos importantes, embora haja outras modalidades nos próximos tópicos que merecem atenção:

- Geoturismo – é uma forma de turismo centrada especialmente na geologia e nas paisagens, intuito de observação/apreciação e aprendizagem (elementos naturais e/ou culturais) (DOWLING *et al.*, 2013);
- Turismo em Espaço Rural – “consiste no conjunto de atividades, serviços de alojamento e animação a turistas, em empreendimentos de natureza familiar, realizados e prestados mediante remuneração, em zonas rurais”, podendo também envolver a participação no meio rural (cultivo de alguma coisa, tratamento de animais e outras atividades (SANTOS e CABRAL, 2005: p. 15);
- Turismo Científico – vocacionado para o estudo de espécies de fauna/flora, formas geológicas fertilidade do solo, a biodegradação, indicadores de saúde ambiental (MCKERHER, 2002; RIENTJES,1999);
- Turismo Aquático – a água como principal recurso deste tipo de turismo; é visto como atrativo turístico e desenvolve a prática de atividades náuticas recreativas ou de competição, ambas encaixadas em desportos de natureza aquáticos e não só – mergulho, o surf, observação da flora e fauna aquática e outras (HENRIQUES *et al.*, 2010);
- Turismo de Aventura – definido pela OMT como a participação em atividades que podem envolver algum esforço físico. Compreende dois grandes tipos: *Hard adventure* (inclui nomeadamente produtos como escalada, montanhismo, slide, *rafting*); *Soft adventure* (canoagem, *birwatching*, passeios de bicicleta e em balões de ar quente) (AHP – Associação dos Hotéis de Portugal, 2005);
- Espeleologia – “é o estudo das cavidades naturais (grutas, cavernas fontes e águas subterrâneas) (...). Requer conhecimentos técnicos multidisciplinares, nomeadamente de escalada e montanha, e uma condição física que permita enfrentar situações de grande esforço” (SANTOS e CABRAL, 2005: p. 130);
- Turismo Desportivo – aquele que tem tido uma crescente procura um pouco por todo o mundo, especialmente pelas razões de saúde e bem-estar. É praticado com vista ao acompanhamento de acontecimentos desportivos, ou desempenho e participação nos mesmos (KNOP, 2006; PIRES, 1990).

3.4.1. Turismo de Natureza e Ecoturismo

Aquilo que nos apercebemos com a leitura e análise de obras sobre a presente temática é que há uma certa conflitualidade em definir tanto o Turismo de Natureza como o Ecoturismo. Na nossa perspetiva, o Ecoturismo é uma das modalidades possíveis de Turismo de Natureza, sendo que há obras onde se considere o Turismo de Natureza e Ecoturismo como o mesmo conceito (PORTUGAL, 2005).

Não é só em meio rural que se poderá praticar Ecoturismo, uma vez que “mesmo em meio urbano são possíveis algumas formas de ecoturismo, porventura menos espetaculares que as praticadas nas grandes paisagens e nos grandes santuários de vida selvagem” (OLIVEIRA, 2009: p. 69).

A grande diferença do Ecoturismo para com o Turismo de Natureza é que este último não tem sempre em atenção primária ou secundária a conservação e os valores educacionais dos patrimónios naturais e culturais das comunidades turísticas, enquanto que Ecoturismo é para vários autores aquele que é mais sustentável do que as outras práticas de TN. Isto é comprovado pelos próprios princípios de Ecoturismo que passam também pela sua definição:

- Não deve degradar os recursos e deve ser desenvolvido de forma ambientalmente saudável (WIGHT, 1994);
- Deve proporcionar benefícios a longo prazo para os recursos naturais para a comunidade e a indústria local (WIGHT, 1994);
- Deve promover responsabilidades e comportamentos corretos para o ambiente natural e cultural por todos os parceiros (WIGHT, 1994);
- Deve ser integrado em pequenas ou médias empresas (JIMÉNES, 2001);
- Deve promover a compreensão e envolver parcerias entre muitos parceiros (WIGHT, 1994);
- Ser adepto do uso e prática sustentáveis da cultura, da aventura e em pequena escala (FENNELL, 1999);
- Limitação de praticantes no acesso a áreas/atividades (PATTERSON, 2007);
- Ambiciona a conservação e a educação ambiental, por meio de guias de interpretação qualificados (PATTERSON, 2007);

3.4.2. Turismo de Percursos Pedestres

O Turismo de Passeio Pedestre é outra das modalidades de Turismo de Natureza presente na noção de “Natureza Soft”. Abordar este tema é importante, dado que nos dias de hoje tem cada vez mais representatividade em várias regiões nacionais e internacionais, urbanas e rurais.

Também denominada para GRANET (2012) de Turismo de Itinerário/itinerante, esta prática define-se como:

“uma atividade de percorrer distâncias a pé, de forma a desfrutar de tudo o que rodeia, a um ritmo tranquilo. O caminho não é um fim, mas um meio, pelo que as rotas são habitualmente estabelecidas tendo em conta o interesse paisagístico, cultural ou histórico” (SANTOS e CABRAL, 2005: p. 103).

De acordo com esta temática, BRAGA (2007) faz um breve retrato histórico, no qual aponta o pedestrianismo como prática organizada na Inglaterra do século XIX e diz-nos que só depois da 2ª Guerra Mundial deu-se o “boom” da criação de percursos por várias regiões de Portugal e do mundo. No entanto, desde cedo já existiam práticas que foram a origem desta atividade, uma vez que na Idade Média e depois, no Renascimento, “eram sobretudo os comerciantes e os peregrinos que se deslocavam por milhares de quilómetros, em míticas viagens que duravam anos, à procura de novos mercados, da espiritualidade e da saúde, à descoberta de novos mundos” (BIETOLINI, 2007: p. 7).

Este tipo de turismo cresce ao longo dos anos, como há um forte aumento das práticas de *merchandising* de equipamentos e serviços deste desporto de natureza, assim como o BTT (Bicicleta Todo o Terreno) (CALMÉ, 2011; GRANET, 2012).

A base de sustentação deste desporto são os percursos pedestres que divergem consoante a forma (circular, ziguezague, oito, linear, em anéis contíguos, em anéis satélites e em labirinto); o grau de dificuldade (fácil, médio e alto), com ou sem guia de interpretação ambiental; a extensão (grande rota e pequena rota – trajetos com o máximo de 30 km) (BIOTOLINI, 2007; BRAGA, 2007; CALMÉ, 2011).

É do nosso conhecimento que há vários países do mundo com maior tradição desta atividade do que Portugal. Alguns países da Europa destacam-se pela vasta

rede de percursos sinalizados, uma grande diversidade de empresas deste ramo e as formas de divulgação, como a Áustria, a França, a Alemanha, o Reino Unido, a Suécia e a Suíça. Por exemplo, TOVAR (2010) mostra-nos que a Alemanha tem mais de 200.000 quilómetros de percursos sinalizados, Áustria com 44.000 km, Bélgica a rondar os 5000 km e Chipre com mais de 530 Km.

Por outro lado, em BARBOSA (2000: p. 14) encontra-se uma série exaustiva de conselhos práticos para fazer uma boa caminhada com o equipamento e segurança adequados. Entre os diversos conselhos, sobressaem os seguintes:

“leve sempre consigo uma mochila com uma muda de roupa, primeiros socorros, um saco para lixo, um apito de emergência, uma lanterna, um farnel energético e água potável. (...) Use calçado resistente e vestuário desportivo, adequado à estação do ano. No inverno, não se esqueça do impermeável e, no verão, do chapéu, protetor solar e óculos de sol. Evite caminhar ou pedalar nas horas de maior calor. Embora em passeios com as características destes a bússola possa não ser necessária, não a dispense, é sempre um excelente ‘tira-teimas’ e, caso se desvie do bom caminho ou tenha algum azar, pode ser a sua salvação. Se tiver telefone móvel leve-o, mas não conte com ele em todos os momentos do percurso. Evite passear sozinho. Se for essa a sua opção, deixe o seu contato e uma cópia do percurso que vai fazer a alguém da sua confiança. Antes de partir leia o descritivo do passeio e organize o seu dia em função do tempo que calcula gastar, de modo a que a hora de regresso seja sempre antes do pôr-do-sol.”

Já BIETOLINI (2007: p. 23) apresenta um leque de regras que considera fundamentais para o pedestrianista. Estas regras passam por ser um conjunto bem o extenso que vai desde o material que deve ser utilizado, ao comportamento que deve ter, à relação com o meio e com os outros. Assim, destacam-se os seguintes:

- Ajudar quem se encontra em dificuldades;
- Comunicar às autoridades competentes tudo aquilo que pensa poder causar danos ambientais;
- Evitar fazer barulho;
- Não apanhar flores e não assustar os animais;

- Não pisar plantações;
- Não atirar pedras;
- Respeitar as populações locais e a propriedade privada;
- Acampar nas zonas destinadas a esse efeito e, se for forçado a acampar, ter o cuidado de não fazer fogueiras com vento e extinguir os tições.

“Não sendo uma atividade particularmente perigosa, exigente ao nível de conhecimentos técnicos ou uma forte interação com outros recursos ou setores” (SANTOS e CABRAL, 2005: p. 105), pode de facto ser promotor de desenvolvimento, dado que tende a valorizar a conservação dos caminhos, calçadas, lugares de interesse, a fauna e a flora, pois depende deles. As entidades governamentais têm um papel decisivo para instrução, consciencialização de todos (praticantes, moradores, entre outros) (GABRIEL, 2005).

Relativamente aos benefícios que levam as pessoas a praticarem este desporto, estes são também as motivações que levam essas mesmas pessoas a fazerem esta atividade. Este desporto é praticado por vários indivíduos que ambicionam obter resultados proveitosos em termos de imagem e de saúde. Contudo, há outros motivos que levam certas pessoas a praticarem este desporto, como é o caso de conhecerem mais e melhor a variedade paisagística, a fauna e a flora, as formas e singularidade dos percursos, a vontade de distrair-se por alguns motivos e passarem em família momentos diferentes da rotina diária (ALENCOÃO *et al.*, 2010; CALMÉ, 2011; GABRIEL, 2005).

Os painéis informativos e a sinalética são ferramentas importantes nesta atividade. Estas encontram-se em várias áreas do percurso e possuem informação de orientação e completar para os praticantes, com dados sobre o percurso e a área envolvente, bem como outra informação que possa ser útil para o pedestrianista (podemos encontrar mapas, ilustrações, descrições de distância, grau de dificuldade, descrição do percurso, locais de alojamento e de restauração, contatos úteis, entre tantos outros dados (TOVAR, 2010) (Figura I, em Anexos).

Esta modalidade é muito condicionada pelas condições atmosféricas, sendo o nevoeiro e a neve, os temporais e raios, temperaturas elevadas ou baixas as mais desafiantes (BIETOLINI, 2007; GABRIEL, 2005; GRANET, 2012; TOVAR, 2010).

Por último, esta atividade tem, um pouco por todo o mundo, várias associações, clubes e organizações que trabalham com essa atividade e têm como objetivo principal a promoção desta atividade. Alguns exemplos de organizações são:

- A Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP), com génese em 1945, enquanto entidade que regula as atividades de pedestrianismo, cuja Lei de Bases do Desporto de 2004, confere-lhe a representação nacional e internacional do pedestrianismo. Todavia, a FCMP proporciona eventos/atividades e tem a função de homologar os percursos pedestres, assim como de orientação da instalação de painéis informativos, marcação de percursos e placas indicativas.
- A *European Ramblers Association* (ERA), fundada em 1969, na Alemanha, com os objetivos de criação e melhoria de condições para a prática de pedestrianismo na Europa, integra mais de 50 organizações, de 26 países e conta com cerca de 5 milhões de membros. Apresenta informações bem organizadas na sua página web, com possibilidades de passeio em diversos países europeus. Esta organização destaca que a maioria das caminhadas na Europa faz-se por um dia, mas há quem faça por semanas e use diferentes tipos de acomodações.
- *La Fédération Française de la Randonnée Pédestre* (FFRP) é representada por 120 comités regionais e departamentos de caminhadas, que reúne 3.350 associações ou clubes locais. Desenvolveu o projeto “Numérique”, no qual são apresentados, por via da internet, todos os percursos homologados por essa identidade, para gerenciar melhor esses percursos, unificar todas as equipas, e facilitar a visita dos futuros caminhantes com o fornecimento de informações úteis. Tem conselhos e divide os percursos em várias categorias como: costeira, campo, floresta, montanha, áreas naturais protegidas, cidade, condições desafiadoras e outras.

3.4.3. Turismo de Jardins – importância e evolução dos jardins

Outro segmento que tem uma relação próxima, ou mesmo certa afinidade com o Turismo de Natureza, é o Turismo de Jardins, *Garden Tourism*. Importa caracterizar e descrever melhor esta modalidade de TN, uma vez que o caso prático tem esta modalidade bem vincada no território.

Esta tipologia turística pode envolver a visita de jardins e parques, tal como festivais e outros eventos que envolvem esses espaços verdes (IMC, 2012). Todavia é de referenciar que:

“O turismo de jardins tem origens na Europa, particularmente em Inglaterra, onde se desenvolveu o conceito de garden tours impulsionado pelo *National Garden Scheme* e o *The National Trust*, e na Alemanha com os Federal Garden Shows (Bundesgartenshaus) (...) não é menos importante em França, Nova Zelândia, Austrália, Singapura, Japão, Irlanda, Holanda, Canadá ou Estados Unidos da América” (CARVALHO e SILVA, 2013: p. 636).

No que toca às motivações para a prática deste segmento, podemos dizer que são muito diversas, uma vez que os jardins não são apenas natureza, produzem e reproduzem cultura, são fonte inspiradora de pessoas “normais” e de artistas, envolvem-se com outras áreas como a arquitetura, os recursos naturais, a história e a cultura da localidade, a saúde e bem-estar populacional, a certificação e conservação, entre tantas outras (ANDRADE, 2008; CARVALHO e SILVA, 2013). Com isto, é de mencionar que os jardins congregam-se em paisagens tendencialmente multidimensionais, com cores, texturas, cheiros, luzes diferentes.

No que concerne à forma como os jardins eram vistos e utilizados, é de mencionar que evoluiu bastante. Antes os jardins eram mais de carácter privado e de colecionismo e só no século XIX, para ANGELIS e LOBODA (2005) é que assumem uma função utilitária, sobretudo nas áreas urbanas densamente povoadas. E em Portugal estes começam “a ser encarados como espaços turísticos apenas na década de 90 (do século XX) através do Instituto de Financiamento e Apoio ao Turismo (Fundo de Turismo)” (CARVALHO e SILVA, 2013: p. 638).

ANGELIS e LOBODA (2005) apontam a China, como o país que é considerado “pátria” dos jardins naturalistas. Os jardins da China têm habitualmente cunho religioso, espiritual e simbólico com a presença constante de “pedras, água, pontes, lamparinas, entre outros” (ANGELIS E LOBODA, 2005: p. 127).

Tal como o turismo foi e é influenciado por este mundo pós-moderno, os jardins também o são para ANDRADE (2008: p. 483), dado que este autor identifica duas categorias de jardins:

- Jardim moderno – tipo de jardim marcado pela racionalidade (por exemplo patente na geometria do todo e na linearidade dos percursos); pelo classicismo, pelo formalismo e épica inerentes ao seu estilo; perenidade, devido à conceção de regulação e panotismo que introduz; globalismo, pela propaganda etnocentrista de modelo europeu subjacente.
- Jardim pós-moderno – irracionalidade, detetável no caos que subjaz ao seu todo e nos seus percursos sinuosos; carácter romântico, através da informalidade e dramatismo de estilo; fugacidade, através do culto do momento da descoberta do próximo passo do itinerário; localismo, já que privilegia a diferença e as identidades de múltiplas culturas. De algum modo, o jardim moderno preocupa-se com a intimidação, enquanto que o jardim pós-moderno privilegia a intimidade.

Por outro lado, em IMC (2012), vemos que os principais recursos do Turismo de Jardins enquadram-se em 6 categorias de jardins (Parques e Jardins; Outros Sítios Públicos; Jardins Produtivos; Sítios Espirituais; Sítios de Coleção e Exibição e Paisagens Culturais).

Temos o exemplo da Rússia, como país que possui uma série variada de jardins, muito antigos e visitados por milhares de pessoas como os jardins da cidade Zvenigorod (jardim de *Savvino-Storozhevsky* dos séculos XIV e XV) e da cidade Sergiev Posad (jardim *Troice-Sergieva Lavra* do século XIV). Todavia, há o caso de museus ao Ar livre como o *Heritage Village Cloppenburg* – Alemanha, foi fundado em 1934 e é detentor de alguns jardins. Este museu oferece coleções da vida rural das pessoas que viviam nessa localidade (roupas, comidas, casas, tradições), além disso, desenvolve um programa com visitas guiadas especiais para

crianças e jovens em idade escolar que podem preparar sua própria comida como a comunidade preparava no passado e ainda tende a preparar. Tem também eventos ligados aos jardins, nomeadamente *workshops* (Figuras II e III, em Anexos).

FADIGAS (2010) dá-nos uma visão interessante sobre a relação entre cidades e a natureza. Convicto, do crescimento significativo da população urbana um pouco por todo o mundo, consciente que as pessoas que vivem em cidades, tendem a ser mais informados, exigentes, buscam incessantemente melhores condições de vida, conforto, qualidade, segurança e prazeres, dá-nos conta que nos principais centros industriais e comerciais antes do século XX, Manchester, Liverpool, Birmingham e Leeds, foram marcados pelo surgimento dos parques e jardins urbanos que lhes trouxeram melhor organização, vivacidade, atratividade e cor aos territórios.

Quanto ao caso português, a principal atração deste turismo assume uma realidade um pouco diferente de outros jardins da Europa, confirmada por CARVALHO e SILVA (2013: p. 638), os quais referem que:

“O jardim português, embora não seja dotado da grandiosidade e opulência dos jardins do centro da Europa e Grã-Bretanha no que diz respeito aos traçados, materiais, decoração ou dimensão, reúne um conjunto de predicados (desde a localização, ao clima, história sociopolítica e económica à topografia) que servem tão específicos de uma cultura, e raramente vislumbrados nos grandes jardins europeus, fazem com que o jardim português tenha um carácter original, diferente e por isso seja atrativo”.

Ora os jardins têm de facto várias funções/benefícios, nas cidades e não só. Estas funções/benefícios configuram-se em elementos ecológico-ambientais, de recreio e lazer, sociais, estéticos, identitários e culturais, tal como de conforto ambiental (ANGELIS e LOBODA, 2005; CARVALHO e SILVA, 2013; FADIGAS, 2010). Estas mesmas funções e benefícios servem residentes, visitantes, turistas e tantas outras pessoas. Assim sendo, alguns desses benefícios/funções passam por:

- Melhoria da estética urbana/rural e Equilíbrio solo-clima-vegetação;
- Atenuante dos níveis de ruído (melhoria da qualidade de vida e bem-estar);
- Possíveis promotores de recreação, sociabilidade e distração;
- Possibilidade de contemplação, despertar memória/referências histórica;

- Podem ser objeto de estudo/investigação e conservação.

Sublinha-se que o Turismo de Jardins é um segmento embrionário em Portugal, porque é “pouco divulgado e explorado, adquirindo particular visibilidade enquanto nicho na Ilha da Madeira (Quintal, 2009), e cuja face mais visível são os jardins Botânicos” (CARVALHO e SILVA, 2013: p. 637).

A Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos (APJSH) define-se como “uma associação sem fins lucrativos que reúne proprietários de jardins históricos, profissionais de jardins e amantes da jardinagem, do património e da natureza.” Além disso, como principais atividades, esta instituição auxilia, informa e promove a conservação do património material e imaterial dos jardins; realiza eventos culturais e ações de formação em várias regiões do país; colabora com entidades públicas no estudo e concretização de diplomas, tal como programas de defesa e conservação dos jardins. Apresenta uma lista de jardins de vários tipos e de diversas localidades de Portugal, não tendo, até à presente data, registo de jardins da Madeira.

Segundo a CENTER – Central Nacional do Turismo no Espaço Rural, os Jardins são sem dúvida, parte integrante e atração singular de Turismo de Natureza, além de que promove uma oferta singular nesta área, o chamado percurso “Jardins dos Solares”, que integra diversas casas e jardins de Portugal, com a possibilidade de pernoitar nalgumas dessas casas, o percurso compreende um total de 13 solares situados sobretudo no Norte e Centro do país. Esta entidade considera os jardins como uma modalidade e atração do Turismo de Natureza.

3.5. Perfil do turista de natureza

De uma maneira geral, o turista atual tende a ser mais consumista, sensível às questões ambientais, às culturas das localidades, mais independente e consciente das suas decisões, bem como mais flexível, mesmo que procure sempre a qualidade dos serviços e produtos turísticos. O turista de hoje, procura experiências

desafiantes, autênticas e marcantes e tende a desejar contribuir para um impacto positivo no destino (MCKERHER, 2002).

Particularmente o turista de natureza passa também um pouco por aquilo que MAKENS *et al.* (2005) referem, isto é o facto do comportamento do consumidor do turismo ser muito variável, já que ele é livre de escolher, mas é influenciado por vários fatores (idade, profissão, rendimentos, habilitações, situação familiar, marketing e imagem dos lugares e outros).

A AHP (2005: p. 636) sabe que o turista de natureza “não procura (...) nem boa comida, nem hotéis de qualidade. Em geral, faz viagens mais longas e está disposto a gastar o dobro dos turistas não orientados para a natureza.” Já para a TIES (*The International Ecotourism Society*), os ecoturistas têm também maior disponibilidade para gastar nos destinos escolhidos, mas esta organização caracteriza os ecoturistas como aqueles que têm idades compreendidas entre 45 e 54 anos, são homens e mulheres, e mais de 80% têm estudos superiores.

A motivação principal para o turista de aventura é o destino e as características intrínsecas das infraestruturas, sendo que o alojamento e os detalhes da viagem/transporte são secundários. Já para o turista de natureza/ecoturista é relaxar, disfrutar, conviver de forma calma e segura com a natureza.

Assim como referimos anteriormente, a THR (2006) dividiu os turistas de natureza na categoria de *hard* e *soft* com categorias de consumo, hábitos de informação e perfil sociodemográfico muito variados. Isto de acordo com a própria Organização Mundial do Turismo que considerou a categoria *hard* com turistas que procuram atividades mais ativas/desportivas (turista de desportos/de aventura) e a categoria *soft*, com turistas que procuram atividades mais calmas e de relaxamento na natureza (turista de natureza/ecoturista) (Figura 4).



Fonte: Elaboração própria e adaptada de THR (2006).

Figura 4: Principais características do turista de natureza *soft* e *hard*.

Por fim, releva-se que é sem dúvida, com a perceção do comportamento de turistas, condicionado pela(s) sua(s) motivação(ões), características como a idade, experiência de viagem, habilitações literárias, que o planeamento turístico dos destinos têm que lidar para tornarem-se destinos que apostem na qualidade dos seus produtos e serviços, assim como do atendimento ao turista, neste caso de natureza, que é cada vez mais informado, exigente e está disposto a ter experiências distintas.

4. As relações/influências do/no Turismo de Natureza

4.1. O papel das organizações locais, regionais, nacionais e internacionais no turismo e patrimónios de natureza

As várias organizações, sejam elas locais, regionais/nacionais ou internacionais, com ou sem fins lucrativos que existem e que lidam de forma direta e/ou indireta com o património, têm habitualmente várias funções e objetivos, entre as quais o auxílio de pessoas, territórios e instituições públicas/privadas; a realização de campanhas de sensibilização de um ou vários temas particulares; a concretização de estudos variados; o fornecimento gratuito e fiável de informação; a criação de postos de trabalho. Com isto seguir-se-ão alguns exemplos de organizações importantes.

A ONU – Organização das Nações Unidas – fundada em 1945, é das organizações internacionais mais completa e complexa ao ter vários programas, fundos e organismos especializados. Esta lida com um grande leque de questões (desenvolvimento local, direitos humanos, desigualdade social, paz mundial, etc), mas também reconhece no turismo uma via possível de manutenção da paz no mundo, tal como apoia organizações e sociedades turísticas, de natureza, pois reconhece o papel da natureza para o homem.

A União Internacional para a Conservação da Natureza (*The International Union for Conservation of Nature* – IUCN) é a maior e a mais antiga organização ambiental global do mundo. Fundada em 1948, é uma grande organização de conservação da natureza com sede na Suíça. A conservação da biodiversidade é fundamental para a missão da IUCN, que tem também um conjunto de programas temáticos para facilitar e coordenar melhor as áreas ambientais.

A Organização Mundial do Turismo (OMT), do ano de 1970, tem um papel decisivo na promoção do desenvolvimento de um turismo responsável, sustentável e de acesso universal. Desenvolveu o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), em 2005, que vai ao encontro do conceito de turismo sustentável, assente em 12 metas, a saber: viabilidade económica – garantir a qualidade e a competitividade dos destinos e empresas turísticas;

prosperidade local – turismo tem que contribuir para a prosperidade económica do destino; emprego de qualidade – deve fornecer emprego; equidade social – buscar uma distribuição dos benefícios justa; satisfação dos visitantes com segurança e qualidade; controlo local; bem-estar das comunidades; riqueza cultural – respeitar e melhorar o património; integridade física – manter e melhorar a qualidade das paisagens; eficiência dos recursos; pureza ambiental – minimizar a poluição da terra.

A UNESCO (*The United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*) fundada em 1946, é das entidades mais relevantes em matéria de património à escala mundial. Esta empenha-se na valorização das relações entre patrimónios e o turismo. Com mais de 190 países membros, promove eventos, como conferências, *workshops*, seminários e outros, importantes para dar a conhecer ideias, pessoas, patrimónios e unificar os povos. Esta possui uma lista de patrimónios mundiais com mais de 900 elementos (981), onde mais de 750 são de natureza cultural, 193 de natureza natural e o resto de natureza mista.

O Conselho Mundial de Turismo e Viagens definindo-se como “fórum global de líderes de negócios na indústria de viagens e turismo”, aconselha, informa e disponibiliza dados para o setor público e privado um pouco por todo o mundo, ligado à temática ampla que é o turismo e a viagem, dá também uma especial atenção para os recursos humanos, para o controlo da qualidade ambiental nos hotéis e as alterações climáticas.

A *World Wide Fund for Nature* (WWF – Fundo Mundial para a Natureza) com sede na Suíça, desde 1961, tem mais de 5 milhões de associados e representantes um pouco por todo o mundo, combate a destruição da natureza, da fauna e da flora, a caça dos animais, além de fornecer ajudas e realizar campanhas de proteção de animais ou plantas.

A TIES, fundada em 1990, é outra instituição que oferece orientações e normas, treinamento, assistência técnica e recursos educacionais. Esta atualmente tem membros em mais de 120 países, representando diversas áreas profissionais e segmentos da indústria, incluindo: académicos, consultores, profissionais de conservação e organizações, governos, arquitetos, operadores turísticos, proprietários de pousadas e gestores, especialistas em desenvolvimento em geral,

e ecoturistas. Empenha-se em promover o conhecimento de ecoturismo e do turismo baseado na natureza, e tem como principais princípios, os seguintes:

- Minimizar os impactos ambientais e sociais;
- Aumentar a consciência e o respeito por o ambiente a pela cultura;
- Oferecer experiências boas para os visitantes e para a comunidade local;
- Aumentar a sensibilidade dos turistas face ao país que os acolhe, no seu clima político, cultural e social;

No âmbito local, regional/nacional, também existem organizações e instituições governamentais e não-governamentais, um pouco por todo o mundo, que promovem um papel importante e decisivo nos territórios direta e/ou indiretamente ligados ao turismo e a natureza. Temos o exemplo da APA – Agência Portuguesa do Ambiente – que ambiciona propor, desenvolver e acompanhar a gestão integrada e participada das políticas de ambiente e de desenvolvimento sustentável, de forma articulada com outras políticas setoriais e em colaboração com entidades públicas e privadas que concorram para o mesmo fim, tendo em vista um elevado nível de proteção e de valorização do ambiente, assim como a prestação de serviços de elevada qualidade.

4.2. Turismo de Natureza e Turismo Criativo

O Turismo de Natureza sendo uma tipologia do turismo tão abrangente, poderá de facto encaixar-se em práticas de Turismo Criativo.

Antes de mais, é necessário definir os limites conceituais do turismo criativo (*Creative Tourism*). Este é visto em CARDOSO *et al.* (2009) como o fenómeno que se alicerça em vários elementos como a inovação, produtos e experiências, participação ativa do turista, desenvolvimento de aptidões e conhecimentos, consumos especializados, identidade e autenticidade, novos conhecimentos e no desenvolvimento pessoal.

Ainda assim, este tipo de turismo vai ao encontro das dimensões educacional, emocional e social, tal como é muito ligado ao turismo cultural, devido à sua

vertente cultural e de identidade territorial, também se pode integrar ao turismo de natureza, principalmente na modalidade de TER. Ao acontecer em contexto rural, mais propriamente, em contexto de natureza, é importante e fornece desafios e oportunidades para essas áreas, uma vez que pode concretizar-se com a promoção de eventos como (*workshops*, atividades de plantação e de cuidado de animais, agroturismo e outros) (CARVALHO, 2013; GONÇALVES, 2008).

CARVALHO (2013) que, no seu relatório de projeto, refere a criatividade como um elemento que acrescenta distinção à experiência turística e que pode contribuir para a sua diferenciação no mercado, releva o facto dos espaços rurais possuírem características ímpares para o desenrolar de experiências criativas marcadas pela ligação entre a comunidade local, os agentes de desenvolvimento e os visitantes. Destaca o exemplo de Janeiro de Cima (integrada na Rede de Aldeias de Xisto), como espaço onde os seus recursos naturais e culturais são pautados pela autenticidade/criatividade.

Dada a crescente importância e os impactos geralmente positivos que o turismo criativo tem, surgiu muito recentemente a *Creative Tourism Network* (CTN). Esta instituição, criada em 2010, é uma organização internacional que tem como objetivo principal identificar e promover os destinos que apostam no turismo criativo, dando a conhecer e preservando as tradições e o património imaterial em geral, entre outros. Instituída pela *Fundación Sociedad y Cultura* (FUSIC), revela que o conceito de *Creative Tourism*, surgiu no ano de 2000, pelos professores Greg Richards e Crispin Raymond que o definiram como aquele turismo que cria, desenvolve e valoriza o potencial criativo dos turistas.

Algumas práticas de turismo criativo são mencionadas e promovidas por esta organização entre as quais: soprar obras de vidro em Biot; iniciar-se na rumba em Barcelona; interpretar um concerto numa igreja de Roma.

A UNESCO é outra organização internacional que valoriza esta temática, uma vez que apontou as cidades que tendem a ser das mais criativas do mundo, como Edimburgo, Iowa, Paris, Melbourne, Dublin e Nova Iorque pelo número considerável de escritores que escreveram e representaram essas cidades, mas principalmente, pelas suas iniciativas de edição, divulgação e promoção de obras

de literatura tanto nacional como internacional (destaque para as feiras que por lá se realizam com alguma frequência um pouco por todo o ano).

4.3. Turismo de Natureza e património natural

Em relação à ligação entre o Turismo de Natureza e o património natural, é de mencionar que é o património natural o principal recurso deste tipo de turismo. Neste sentido, “as atrações naturais são um dos fatores que leva mais gente a viajar justificando a criação de atividades turísticas nos próprios locais ou nas proximidades” (CUNHA, 2009: p. 267).

Para definir melhor o que é património natural, devemos referenciar os meados do século passado, nos quais como se sabe ocorreu uma série de eventos, que no pós-segunda Guerra Mundial, marcaram a mudança, em vários setores da vida mundial, tal como no turismo e na consciencialização da dependência direta para com o ambiente/natureza. São exemplos a *Recomendação de Paris*, denominada igualmente de *Recomendação de Paisagens e Sítios* de 1962, da UNESCO, a qual, foi uma das principais indutores da temática da salvaguarda do património natural, mais propriamente da beleza e da autenticidade das paisagens naturais do mundo que foram postas em causa com os conflitos. Contudo, é com a *Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, de 1972, que se definiu a noção de “património natural”, como aquele património que está relacionado com:

- “Os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excecional do ponto de vista estético ou científico”;
- “As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem *habitat* de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excecional do ponto de vista da ciência ou da conservação”;
- “Os locais de interesse naturais ou zonas naturais estritamente delimitadas, com valor universal excecional do ponto de vista à ciência, conservação ou beleza natural”.

Neste evento, foi constatado que o património cultural e o património natural estavam cada vez mais ameaçados de destruição, não apenas pelas causas tradicionais de degradação, mas também pela evolução da vida social. Esta Convenção teve a necessidade de formar um *Comité do Património Mundial*, composto por quinze Estados do mundo, contando com a ajuda e coordenação do Fundo do Património Mundial para identificar, proteger e restaurar os mais diversos patrimónios mundiais. Assim, este comité passou a fornecer uma assistência personalizada em diversos vínculos, entre os quais destacam-se:

- Promoção de estudos sobre os problemas artísticos, científicos e técnicos resultantes da proteção, conservação, valorização e restauro do património cultural e natural;
- Direcionamento da mão-de-obra qualificada para supervisionar e auxiliar, eventuais trabalhos;
- Valorizar e dar formação em áreas como a inventariação, valorização, proteção, conservação e restauro do património cultural e natural;
- Dar equipamento aos Estados, quando for necessário dependendo das situações apresentadas;
- Efetuar empréstimos ou ajudas monetárias com juros reduzidos.

Por conseguinte, o património natural passa por ser aquele património que se diferencia do património cultural, embora tenha nele impregnado valências e dimensões culturais como a capacidade de gerar e reforçar a identidade territorial das comunidades, bem como ter valor educativo e de conservação (LAURAJANE, 2006). Este património natural integra também outros tipos de património como o património rural, património geomorfológico, património vegetal, património aquático e outros (SEQUEIRA e RAMALHO, 2010).

O binómio necessidade/responsabilidade do património é fator de delimitação de identidades territoriais e revela-se na maneira como é inquestionável o valor do património em termos socioculturais mais até que económico (CARVALHO, 2009).

A questão da patrimonialização, em que hoje quase tudo não está a salvo de ser considerado património e daí encarar-se com desafios como o turismo, é referenciada por CARVALHO (2009: p. 82), autor que fala da interpretação do património como uma ferramenta “dentro da estratégia de difundir o património e da tarefa de estabelecer vínculos (afetivos, educativos, lúdicos e identitários) entre o património e a sociedade, que vai ganhando peso e protagonismo”.

Por consequência, classificar o património seguindo BAPTISTA (1997: p. 498) “provoca consequências nos preços do imobiliário, no número de turistas, na aglomeração da circulação, no aumento dos preços dos produtos de consumo corrente e na textura do lugar”. São várias as entidades que podem classificar como a UNESCO, o Conselho da Europa e os governos locais e nacionais.

VALAGÃO (2009: p. 14) refere que a paisagem como património natural tem recursos tangíveis como “arvoredo, plantas, comunidades, horizontes” e é “habitada por outros tantos contornos intangíveis ou imateriais – cultura oral, saberes, modos de ser”. Esta autora fala-nos igualmente do uso das plantas como património alimentar e medicinal.

Nesta perspetiva, para CARVALHO (2012) o património é um conceito marcado por um certo nomadismo científico e por uma acentuada plasticidade temporal e espacial, precisamente por estar presente em diversas escalas, tipologias e contextos. É uma temática que tem ganho visibilidade nos últimos anos pela sua importância e singularidade, principalmente por ser um autêntico promotor de desenvolvimento dos territórios por meio da sua utilização turística ou não. Este poderá passar por contextos como a requalificação e revitalização dos lugares; melhoria das condições e da qualidade de vida das populações; reconstrução de memórias e identidades; processos de mediação educativa e integração dos lugares na esfera dos lazeres.

Com a certeza de que os espaços rurais/naturais têm maior número de patrimónios naturais, CARVALHO (2004: p. 233) considera que o património é um “elemento estrutural de memória, imagem e identidade territorial” que permite um desenvolvimento local efetivo no novo panorama dos espaços rurais.

Todo o património natural, seja ele classificado, ou não, deve ser valorizado, promovido mas, sobretudo, conservado. Esta questão da conservação da natureza é entendida por OLIVEIRA (2009: p. 14) como:

- Manter os processos ecológicos essenciais e os sistemas de suporte da vida (proteção dos solos, depuração das águas, por exemplo), dos quais os homens dependem;
- Garantir a utilização sustentada das espécies e dos ecossistemas que suportam as comunidades rurais, assim como indústrias, para promover a sustentabilidade dos lugares;
- Preservar a diversidade genética da qual dependem os programas de reprodução necessários à proteção e melhoramento das plantas cultivadas e dos animais domésticos, assim como a maioria dos progressos científicos, a inovação técnica e a subsistência da maioria das indústrias.

4.4. Turismo de Natureza – impactos, desenvolvimento sustentável/local

Um dos principais impactos do TN é sem dúvida o desenvolvimento local e/ou sustentável que este pode exercer nos territórios onde se faz sentir. Cabe agora fazer uma contextualização do desenvolvimento sustentável/local para depois analisar mais ao pormenor os impactos negativos e/ou positivos do TN.

É com os anos 70 do século XX, que surgem, “a nível mundial e também em Portugal, a consciência global da necessidade premente de preservação da natureza e da biodiversidade” (SARAMAGO *et al.*, 2002: p. 89). Isto aconteceu porque nessa década ocorreram várias ações de consciencialização sobre os problemas mundiais (efeitos de alguns herbicidas e pesticidas, a utilização excessiva do carvão na Alemanha e as emissões tóxicas de gases em Londres, Los Angeles e em São Paulo que provocaram problemas de saúde e destruíram ecossistemas) (SOIFER, 2008).

Por conseguinte e como resultado desses e outros problemas, uma definição muito utilizada atualmente – desenvolvimento sustentável – foi promovida largamente na década de 70 e é apontada no relatório de *Brundtland* (“Nosso

Futuro Comum”), publicado pela Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a qual diz que o desenvolvimento sustentável “é o desenvolvimento que satisfaz as necessidades da geração presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de satisfazerem as suas próprias necessidades”. Mais tarde outras ações deram maior relevância ao desenvolvimento sustentável e posteriormente ao turismo sustentável, como foi o caso da aprovação da Agenda 21 no Rio de Janeiro 1992 e as múltiplas conferências e congressos mundiais.

FERRAND (2010) esclarece que mesmo que o nascimento dos movimentos de conservação da natureza seja antigo, é nos anos 90 do século XX que o mundo entendeu e sensibilizou-se para o problema do empobrecimento e destruição da diversidade biológica. Foi a partir daí que os governos começaram a elaborar e a adotar estratégias nacionais de conservação da natureza.

Para CARVALHO (2009) foram essas preocupações de conservação da natureza que conduziram ao aparecimento de áreas naturais protegidas, como são exemplos os parques nacionais, o primeiro conhecido na América (Parque Nacional de Yellowstone, declarado área protegida em 1872), depois em África e mais tarde na Europa (Espanha, no Parque Nacional de Ordesa, em 1918).

Quanto às preocupações ambientais em Portugal, para SARAMAGO *et al.* (2002: p. 94) “têm o seu primeiro embate em 1948”, pois foi o ano da fundação da União Internacional para a Preservação da Natureza.

Em relação ao turismo sustentável, é de destacar a Carta do Turismo Sustentável, resultado da Conferência Mundial do Turismo Sustentável, de 1995 da ilha de Lanzarote. Esta carta pretendeu sensibilizar e informar, dando atenção especial ao papel dos transportes e os seus impactos no ambiente e na atividade turística, bem como o desenvolvimento de instrumentos, equipamentos e infraestruturas que devem ser feitos no intuito de redução e do uso controlado de energias e recursos não renováveis. Deste modo, o desenvolvimento turístico deverá fundamentar-se sobre critérios de sustentabilidade, pois tem que ser suportado ecologicamente a longo prazo, viável economicamente e equitativamente desde uma perspetiva ética e social para as comunidades locais.

A Carta Europeia do Turismo Sustentável nos Espaços Naturais, de 2001, com mais de 100 países aderentes, é outro documento importante sobre o turismo de natureza sustentável, na qual o principal objetivo assenta no desenvolvimento sustentável da região, de modo a permitir responder às necessidades económicas, sociais e ambientais das gerações presentes sem comprometer as das gerações futuras. A Carta quer um relacionamento sério e concreto entre as áreas protegidas e todos aqueles que têm um papel fundamental.

Entende-se que o turismo sustentável é um conceito que se prende com o legado de valores histórico-culturais e ecológicos da geração presente deixado para as gerações vindouras e, conseqüentemente, para as atividades turísticas futuras. Este paradigma passa por ser conciliável com várias tipologias do turismo, mas é no turismo de natureza e no ecoturismo que ganha maior destaque e quer-se precisamente o cumprimento dos seus princípios (BÖHM, 2009; PIRES, 1994; RIENTJES, 1999; SOIFER, 2008; TISDELL e WILSON, 2012).

NUNES (2008: p. 79) diz-nos que:

“Planear o turismo sustentável, é valorizar os recursos do território, é contribuir para preservar o ambiente, é mobilizar atitudes de cidadania, é promover o espírito de cooperação e de parceria, é melhorar a qualidade de vida das comunidades, é, em resumo um investimento para sempre.”

Respeitante aos fatores que condicionam o turismo sustentável, enquadram-se em quatro grandes eixos: sustentabilidade económica, sustentabilidade sociocultural, sustentabilidade política e sustentabilidade ambiental. A sustentabilidade económica assegura um crescimento turístico eficiente – mais emprego e ótima relação custo/benefício dos recursos. A sustentabilidade sociocultural potencializa a cultura e os valores da população local preservando a sua identidade e buscando a equidade social. Já a sustentabilidade ambiental assegura a conservação dos processos ecológicos, a biodiversidade e geodiversidade, assim como o uso racional dos recursos naturais (NUNES, 2008). Para algumas pessoas outro grande eixo que é a sustentabilidade política, onde a política tem um papel importante por vários meios (informação, controlo, entre outros) na promoção do desenvolvimento/turismo sustentável (Figura 5).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 5: Eixos para que aconteça um desenvolvimento/turismo sustentável.

PEZZULLO (2007) dá uma visão mais “negra”, “tóxica” e negativa do turismo, relacionada com os impactos negativos, entendidos na sua obra, como a poluição, o preconceito racial/cultural e de classes, que este fenómeno pode exercer nos territórios e nas suas gentes, destacando não haver nenhum tipo de turismo, livre dessa faceta, que põe em causa tudo e todos.

Os impactos do turismo são sempre influenciados por vários fatores de origem turística (caraterísticas da procura e da oferta; a tipologia de turismo em causa; o perfil de turista e suas caraterísticas e outros), económica, cultural e social (o local e suas caraterísticas identitárias, também os seus habitantes, o Estado e investidores) e patrimonial (tipologia de patrimónios classificados regional e/ou internacionalmente). PIRES (1994: p. 15) aponta os fatores de origem turística como os principais, destacando que:

“algumas das degradações provocadas pelo turismo podem mesmo ser irreversíveis levando ao desaparecimento total de património natural. Noutros casos, ainda se pode investir na recuperação de determinados

valores, sendo reconhecido que os valores dos investimentos para a recuperação destas áreas são normalmente bastante elevados.”

Nesta perspetiva, atendendo ao carácter do turismo criador de soluções e/ou problemas para os territórios turísticos, em 1993, a OMT adotou uma definição de capacidade de carga que admite alterações às condições do meio iniciais e considera que esta pode ser dividida nas componentes ecológica, turística e social. Assim este conceito para PIREs (1994) é um nível de desenvolvimento e de utilização limitado, o qual não resulta na degradação do ambiente de forma grave, tal como em problemas socioculturais e económicos, nem seja fator de desvalorização do aproveitamento e da apreciação para os turistas. Deste modo, cada país terá que ter em conta a sua capacidade de carga para promover a sustentabilidade dos seus territórios, questão complexa e nem sempre seguida.

Para o nosso país, tal como outros países, o Turismo de Natureza, a par de outras tipologias de turismo, pode trazer benefícios significativos, como são exemplos os que se encontram na Tabela 1, que reúne vários impactos positivos que foram identificadas em diversas obras relacionadas com o tema.

Tabela 1: Benefícios do Turismo de Natureza nos territórios	
- Diversificação da economia regional, ao potenciar diversos negócios (SOIFER, 2008);	- Criação local de empregos (SOIFER, 2008; BÖHM, 2009);
- Protege e providencia uma fonte de receitas para o património (natural e cultural) (NUNES, 2008);	- Ajuda a construir comunidades mais coesas, confiantes e mais ativas (NUNES, 2008);
- Fixação da população turística em determinadas áreas, passando de turistas para estrangeiros fixos/residentes (PORTUGAL, 2005; SOIFER, 2008);	- Permite um acréscimo da atenção dispensada ao ambiente e à necessidade de o proteger e preservar, encorajando uma rigorosa análise da importância dos ecossistemas locais (NUNES, 2008);
- Criação de uma ou mais alternativas de receitas para Parques Naturais e Áreas Protegidas (SOIFER, 2008);	- Contribui para a melhoria da imagem externa e interna de uma região (NUNES, 2008);
- Contribuição para a conservação do património natural e cultural (SOIFER, 2008);	- Suporta e ajuda a manter serviços locais, como o comércio tradicional e

	restaurantes (NUNES, 2008);
- Investimento e melhoria em equipamentos de atendimento e apoio aos turistas e infraestruturas de transportes, comunicações e saneamento (BÖHM, 2009; SOIFER, 2008);	- Suporta e contribui para um programa mais extenso de atividades recreativas, culturais, desportivas e outras (NUNES, 2008);
- Reforço da identidade cultural, orgulho da população local (BÖHM, 2009);	- Transmite os valores de conservação, através da educação e interpretação;
- Contribuição para a diminuição da sazonalidade da procura turística (SOIFER, 2008);	- Importa despesas e consumos de outros agentes exteriores dentro do mercado local (NUNES, 2008);
- Permite e/ou fomenta intercâmbios culturais, contribuindo continuamente para uma atitude de mudança das pessoas (BÖHM, 2009; PORTUGAL, 2005);	- Encoraja os residentes a permanecer nos seus locais de residência aproveitando aí os seus momentos de lazer e consumo (NUNES, 2008);
- (Re)nascimento da arte local, artesanato e atividades culturais tradicionais/inovadoras como complementaridade as atividades de TN;	- Permite a manutenção e conservação da paisagem agrícola com recursos à revitalização das atividades agrícolas tradicionais (por norma mais ecológicas) (NUNES, 2008);
- Revitalização das regiões pobres e não-industriais, devido ao aumento da procura por acomodação e serviços adicionais (BÖHM, 2009);	- Encoraja a modernização e recuperação de edifícios e terrenos degradados ou abandonados (NUNES, 2008);

Fonte: Elaboração própria.

O Turismo de Natureza pode também ter vários impactos negativos que põem em causa os patrimónios, as populações e até os próprios turistas. Estes impactos negativos, não promovem um desenvolvimento local e são determinados por fatores como a sobrecarga turística, as características dos turistas e a má organização do território que desembocam impactos como são listados alguns de seguida (Tabela 2).

Tabela 2: Impactos negativos do Turismo de Natureza nos territórios

- A comercialização da cultura e produtos locais em outras regiões do mundo, a qual leva à perda de certa identidade e autenticidade local (BÖHM, 2009);	- Violação de celebrações e lugares sagrados (BÖHM, 2009);
- Manipulação e/ou usurpação do património natural e cultural (BÖHM, 2009);	- Aumento dos preços e diminuição da qualidade dos serviços prestados, reduzindo a satisfação quer dos turistas quer das populações residentes (PIRES, 1994);
- Degradação ou destruição de áreas de interesse ecológico por ações diversas (PIRES, 1994);	- Declínio das atividades tradicionais como a agricultura (BÖHM, 2009);
- Massificação e destinos superlotados que aumenta as tensões/insatisfação entre residentes e os turistas (BÖHM, 2009; PIRES, 1994);	- Aumento da riqueza gerada pelo turismo pode desequilibrar a vida social e as estruturas sociais tradicionais (BÖHM, 2009);
- Turismo influenciável pela situação económica envolvente e a imagem que circula (BÖHM, 2009);	- Congestionamento dos transportes e a respetiva poluição a nível atmosférico e de ruído (PIRES, 1994);
- Degradação e perda de certas tradições (BÖHM, 2009; PIRES, 1994);	- Aumento dos preços da terra, da especulação, basicamente dos custos de vida dos destinos (BÖHM, 2009);
- Sobrecarga das infraestruturas de saneamento básico reduzindo a capacidade de resposta a nível de abastecimento de água ou de tratamento de efluentes, por exemplo (PIRES, 1994);	- Degradação paisagística de algumas áreas, ou a sua artificialização, pela construção em excesso de equipamentos, infraestruturas e outros para o turismo (PIRES, 1994);
- Modificação da estrutura de emprego, aumentando a dependência por este setor (PIRES, 1994);	- Sobrecarga dos serviços sociais e de saúde, diminuindo a capacidade de resposta (PIRES, 1994);

Fonte: Elaboração própria.

Os impactos do turismo podem ser quantificados ou qualificados consoante determinados modelos e métodos existentes. BÖHM (2009) é a autora que nos traz

exemplos de metodologias de medição dos impactos como são exemplos *Doxeys'irritation model*, o *Getz study* e o *Ap and Crompton's model*. Estes modelos são um pouco complicados e envolvem áreas como a matemática. Paralelamente, os dados que pedem são um pouco difíceis de obter principalmente os de carácter privado. No entanto, são modelos que são feitos, com algumas adaptações, por entidades que conseguem ter mais depressa e melhor os dados de alguns países.

O Turismo de Natureza deve passar pelas questões de planeamento estratégico nos territórios para que potencialize os seus benefícios e minimize os seus impactos negativos, promovendo assim o desenvolvimento local e até sustentável. Por esta via, BARROS (2011: p. 12), revela-nos as vantagens do planeamento nos territórios, destacando-se as seguintes:

- Auxilia os territórios a identificar e a melhorar as suas vantagens competitivas;
- Processo de investigação/decisão/acção apto a gerir oportunidades, eventualidades, mudanças e a contrariar fragilidades ao desenvolvimento;
- Processo capaz de gerir a mudança e delinear os caminhos mais promissores para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida;
- Promove a colaboração e a cooperação público-privada, alargando a coordenação entre os diferentes níveis;
- Constitui uma oportunidade de participação, empenho e mobilização dos atores territoriais na elaboração do projeto de desenvolvimento territorial;
- Insere-se numa lógica de descentralização de competências e apela a uma nova cultura de governação e de gestão territorial;
- Formula objetivos prioritários e concentra recursos limitados.

Em suma, os benefícios que o Turismo de Natureza e a gestão correta dos impactos negativos que o mesmo pode ter, tal como qualquer outro tipo de turismo, podem de facto desencadear o denominado “desenvolvimento local”. Esta é uma área importante, para a qual são vários os tipos de iniciativas locais que contribuem para que aconteça, entre elas a construção de equipamentos e infraestruturas; o apoio m a pequenas e médias empresas; a formação de recursos humanos; a criação e a difusão de inovações, assim como o turismo (BARQUERO,

2009). Neste sentido, já dizia BARQUERO (2009: p. 5) que “todas as localidades e territórios dispõem de um conjunto de recursos que constituem o seu potencial de desenvolvimento.” Para esse autor a estratégia de desenvolvimento local tem que ser pensada consoante as especificidades de cada território, pois todos os territórios são diferentes em tantos parâmetros.

4.5. Turismo de Natureza, animação, educação e interpretação ambientais

A animação, educação e interpretação ambientais são três áreas importantes para o Turismo de Natureza. Pelo que nos apercebemos, são áreas fulcrais para tirar melhor partido dos territórios com qualidades suficientes para o Turismo de Natureza, assim como podem levar ao aumento da estada dos turistas junto das comunidades recetoras. Ainda assim são áreas que tornam os territórios mais interessantes caso sejam bem aproveitadas, valorizadas e promovidas aos turistas e visitantes. Potencializadoras de encontrar problemas e posteriormente soluções para os territórios, são atividades que podem desenvolver os territórios. Por isto mesmo, importa defini-las para entendermos melhor os seus contornos.

Por esta via, estas três áreas que se relacionam direta e indiretamente com o Turismo de Natureza, são áreas que se integram em atividades, serviços e instalações (SANTOS e CABRAL, 2005).

Dos autores que melhor caracterizam a animação ambiental salientam-se SANTOS e CABRAL (2005: p. 15) que consideram a animação ambiental como “o conjunto de atividades que se destinem à ocupação dos tempos livres dos turistas e visitantes, permitindo a diversificação da oferta turística (gastronomia, artesanato, desportos de natureza, etnografia, etc).”

Podemos referir que a animação turística é um setor jovem e emergente, muito difuso em Portugal e concentrado principalmente em empresas pequenas, contrariamente a outros países do Mundo e principalmente da Europa (SILVA, 2013). Com isto, são empresas de animação turística as que tenham por objetivo:

“a exploração de atividades lúdicas, culturais, desportivas ou de lazer, que contribuam para o desenvolvimento turístico de uma determinada região e não se configurem como empreendimentos turísticos, estabelecimentos de restauração e bebidas, casas e empreendimentos de turismo no espaço rural, casas de natureza e agências de viagens.” (SANTOS e CABRAL, 2005: p. 85).

Para MENDES (2011), tal como SANTOS e CABRAL (2005), existem imensas entidades que podem pedir o licenciamento para atividades, iniciativas ou projetos de animação ambiental, desde comerciantes, federações, clubes e associações desportivas, instituições particulares de solidariedade social, institutos públicos, associações juvenis. Essas autoras também nos dizem que há vários elementos importantes e integrantes da animação ambiental como a ocupação dos tempos livres dos turistas; a integração de atividades com recursos das áreas turísticas; contribuição para a divulgação dos recursos locais, bem como o recurso às infraestruturas e aos serviços existentes no âmbito do TN.

AGUIAR e MORELLI (2006) referem que o ponto principal de aproximação entre o turismo e a educação são as relações sociais existentes nas duas atividades. Em ambos, as experiências são muito significativas para os participantes, e podem conduzi-los a entendimentos diversos sobre as relações humanas e as formas de compreender e organizar o mundo. A troca de experiências entre o residente local e o visitante pode ter uma relação de ensino-aprendizagem formal e informal.

Nesta perspetiva, FERRAND (2010) complementa ao referir a educação ambiental como a área que se relaciona com projetos que podem ser feitos para valorização das espécies e dos lugares. Já MENDES (2011: p. 25) tem outra visão, considerando-a como aquela que se apresenta “como um agregado de técnicas para solucionar problemas ambientais, através de enfoques tecnológicos, científicos e ecológicos, segmentando diversas áreas, como a económica, a política e a social, que os determinam”. Enquanto que para SANTOS e MUSSOI (2006) a educação ambiental é transmissão de conhecimentos e informações, mas também possibilidade de participação social nas decisões referentes ao ambiente e desenvolvimento rural.

CUEVAS (2003) vai mais longe ao considerar interpretação patrimonial/ambiental e a educação ambiental serem completamente diferentes.

Assim sendo, a interpretação passa por ser uma atividade educativa, recreativa e uma estratégia de comunicação, destinada ao público em geral (turistas, visitantes, residentes, investidores) que deve ser adaptada de acordo com as características dos territórios. Já a educação ambiental caberá mais aos professores e guias intérpretes que buscam ensinar e poucas vezes planeiam a conservação. Com isto, defende que se pode interpretar valores do património natural *in situ* (paisagens, rios, formações geológicas, fauna, flora, explorações agrícolas...), bem como com a análise de documentos impressos, gráficos, fotografias e nas experiências pessoais.

CARVALHO (2009) diz-nos que a interpretação do património, tanto natural como cultural, teve a sua origem nos finais do século XIX, nos EUA, em estreita ligação aos parques nacionais, aparecendo em 1957 com o livro *Interpreting our Heritage*, de Freeman Tilden, seguindo-se do 1º Congresso Mundial de Interpretação (1985).

SANTOS e CABRAL (2005: p. 90) definem a interpretação ambiental como todas as atividades que levam ao visitante a ter conhecimento do património que tem o espaço natural visitado, pela “observação no local, das formações geológicas, da flora, fauna e respetivos *habitats*, bem como de aspetos ligados aos usos e costumes das populações com recurso às instalações, sistemas e equipamentos do turismo de natureza.” Já BRAGA (2007: pp. 61-62) apresenta-nos os objetivos da interpretação ambiental que passam por:

- Despertar para novos conhecimentos e perspetivas;
- Despertar para uma nova compreensão das questões ambientais;
- Constituir uma forma de valorização dos recursos locais;
- Fomentar a participação das comunidades na descoberta e valorização do ambiente que as rodeia.

Entende-se que estas três áreas precisam ser melhor regulamentadas, em termos de leis, recomendações e outras categorias, pois, pelo que se entendeu dos seus conceitos, o desenvolvimento criativo do TN nas regiões passará também pelo melhor aproveitamento da animação, educação e interpretação ambientais, por serem áreas tão dinâmicas e possibilitarem marcar a diferença junto dos turistas.

5. Turismo de Natureza como prática nacional e internacional

5.1. Turismo de Natureza como prática mundial

Hoje, em várias escalas do mundo, assiste-se à um conjunto de regiões, que possuem valores naturais e elementos de património natural com grande aceitação e foco de visita por parte de curiosos, estudiosos, investigadores e não só.

Em AHP (2005: p. 636) já era destacado que os principais destinos mundiais de TN “têm sido a Indonésia e o Bornéu, Índia, Venezuela, Arquipélago dos Galápagos, Costa Rica, Antártica, África de Leste e Madagáscar.” Contudo, em THR (2006) vemos que os principais destinos de viagens de Turismo de Natureza, de acordo com a frequência dos destinos que aparecerem nos catálogos de operadores turísticos e nos portais de viagens na internet, são entre os tantos, França, Alemanha, Quênia, Tanzânia, Brasil, Equador, Austrália, Índia e Malásia.

BECERRA *et al.* (2009) apresentaram um estudo do TN na Costa Rica, que incluía as principais atividades desse tipo de turismo – caminhada/pedestrianismo, visita à vulcões, observação de fauna e flora (aves principalmente) e o desporto *canopy*. É importante referir que a “Costa Rica divide-se em 12 zonas ecológicas que refugiam cerca de 5% da biodiversidade mundial” (BECERRA *et al.*, 2009: p. 77). Com mais de 25% do território deste país da América Central protegido, abundam milhares de espécies de fauna e flora de grande relevo e alguma raridade mundial. BECERRA *et al.* (2009) demonstraram que o Turismo de Natureza do país é de elevado interesse aos turistas internacionais que viajam principalmente com a família, tal como, dos inquiridos, quase 50% tinham mais de 50 anos. Esta é outra tendência que abrange grande parte dos destinos turísticos, a idade cada vez mais elevada dos turistas, tendência, essa, que deve ser bem gerida.

Outro exemplo de boas práticas em termos de TN é a Itália, pois:

“(…) pela diversidade das paisagens e dos ambientes (dos glaciares dos Alpes às ilhas vulcânicas), pela riqueza dos bens culturais, artísticos e históricos espalhados no tecido territorial, pelas especialidades gastronómicas e pelas

tradições locais, é um país particularmente fértil para idealizar e projetar percursos e circuitos” (BIETOLINI, 2007: p. 79).

IBARRA *et al.* (2013) dão-nos conta de um exemplo de destino de ecoturismo – Península de Yucatán, no México. Estes descrevem que o México tem várias regiões com potencialidades turísticas, nas quais os moradores viveram e vivem de setores como a agricultura, a caça e a pesca. Percecionam no ecoturismo uma atividade viável para essas áreas, tal como captador de subsídios do Estado. É valorizada a iniciativa do Programa ‘Mundo Maya’ (PMM), pois tem o objetivo de desenvolver projetos ecoturísticos nas comunidades rurais, com vista a revitalizar e, por vezes, refuncionalizar lugares. O ecoturismo nessa região contribuiu para a criação de empregos, a fixação e permanência de população, e o aumento de receitas económicas. Mas esses benefícios estão mal distribuídos com o monopólio das operadoras turísticas face ao setor familiar/local e uma desigualdade de género. Aqui uma das soluções passaria pela realização de pacotes turísticos integrais que incluam o alojamento, a alimentação e outras atividades.

Relativamente a França, este embora seja um dos países mais visitados do mundo principalmente pelos seus recursos e produtos culturais, em GRANET (2012) podemos verificar que o TN, acontece com algum dinamismo. Esta autora utiliza o estudo feito pelo *l’Institut National du Sport de l’Expertise et de la Performance* (ISEP), para validar a importância da França, enquanto destino com potencialidades de TN (sobretudo Turismo de Passeio Pedestre). Este instituto conclui que a França é um país em que, pelo menos 20 milhões de indivíduos, praticam pelo menos um desporto de natureza. Este país foi um dos pioneiros na caminhada organizada e sinalizada da Europa e, talvez por isso mesmo, tenha milhões de praticantes com idades maioritariamente compreendidas entre os 35 e os 64 anos e por volta de 180 mil km de trilhos sinalizados. No caso de estudo da autora, na região dos Alpes de Haute-Provence, ela concluiu que esta região tem 137 guias de montanha e tem uma procura internacional muito importante capaz de gerar receitas avultadas nessa região, mas também nas regiões envolventes.

Em complementaridade, BIETOLINI (2007: p. 81), ao referir que a rede de percursos de natureza na Europa é vastíssima e bem aproveitada, integrados e não

só, em grandes e distintos parques nacionais suecos e noruegueses, a respeito de França, elucida que este país tem:

“itinerários bem sinalizados e ordenados; cartas-guia atualizadas, precisas e tecnicamente válidas; inúmeras estruturas de acolhimento e coordenação entre as várias associações. Se a isto adicionarmos um território com imensos espaços naturais e uma variedade ambiental extraordinária, a França pode tornar-se num paraíso para o *trekker*: da Provença, aos Pirenéus, do Maciço Central à Costa Azul, da Picardia à Córsega e, finalmente os Alpes”.

JIMÉNES (2001) descreve outro destino turístico de natureza, a província de Jaén, uma localidade de Andaluzia, Espanha. O autor refere que esta era uma região que se encontrava com uma grave degradação ambiental, enfrentava uma redução extrema de população aliada ao envelhecimento, ao desemprego e à insuficiência produtiva dos setores agrícolas, mas foi a partir dos anos 80 que começaram a surgir melhores perspetivas. Aquela região transformou-se numa rede ampla de parques naturais que são visitados por um número considerável de pessoas. Um exemplo retratado na investigação, é o Parque Natural de Sierra Mágina, com cerca de 20 mil hectares, inserido num contexto orográfico bastante acidentado e pertencente a vários municípios (Figuras IV, V e VI, em Anexos).

SÉGUIN (2010) mostra-nos o exemplo do Quebec, província da América do Norte, que tem também boas potencialidades na modalidade de passeios pedestres, com as virtudes de educação e interpretação ambiental assentes em recursos naturais de grande diversidade (florestas, áreas protegidas, rios, lagos, entre outros). Todavia, este país, atendendo às nossas pesquisas *online*, apresenta potencialidades na procura e principalmente na oferta de atividades aquáticas ligadas ao meio fluvial, em particular quando inseridos em parques naturais como o Parc National du Mont -Tremblant (Figura VII, em Anexos).

Todavia, volta-se a citar o estudo de THR (2006), na medida em que segundo ele, por ano, só para a Europa são contabilizadas viagens na ordem de 22 milhões com propósito de TN. Sendo a Europa uma das regiões turísticas mais emissoras de turistas desta categoria, todos os seus países, uns mais que outros, recebem turistas que praticam TN, tanto como motivação principal como secundária. A

Alemanha e a Holanda têm sido os principais emissores de viagens de TN, principalmente pelas suas condições socioeconômicas e culturais.

Já BIETOLINI (2007: p. 81) valoriza, a grandiosidade e a extraordinária variedade de ambientes naturais do mundo:

“do deserto do Sara à floresta amazônica, das ilhas da Polinésia aos glaciares da Patagônia ou do Tibete, guiado pela curiosidade e pela emoção. Os destinos de maior apelo encontram-se, no entanto, na Ásia, na cadeia do Himalaia entre o Nepal, o Butão, o Paquistão, a Índia e a China.”

Um exemplo de um país onde cada vez mais há um esforço na organização da oferta e uma procura específica do TN, é o Brasil, detentor de uma riqueza incalculável em termos de recursos endógenos paisagísticos, assim como em diversidade de fauna e de flora. No entanto, são conhecidos, pelas notícias casos de negligência e até de vandalismo neste país de atratividades naturais, como o exemplo de tráfico de recursos naturais (madeira, animais, flores e outros). Há também ainda territórios no Brasil bem preservados e atrativos para SANTOS e MUSSOI (2006), alguns deles até com “tribos e quilombos” pouco conhecidos.

JAÉN (2003) traz-nos um exemplo do ecomuseu do rio Caicena em Almedinilla, numa pequena localidade do sul de Córdoba. Ecomuseu é uma tipologia museológica que se baseia na participação da comunidade local na criação, promoção, interpretação de atividades com vista ao desenvolvimento local sustentável. Esta tipologia de museu conta com três grandes eixos de ligação – História, Cultura e Ambiente – e surgiu em 1971 na Conferência Geral do ICOM (*The International Council of Museums*), por Hugues de Varine Bohgam, sucessor de Rivière na direção desse organismo (CARVALHO, 2009; MENDES, 2009). Tem muitas atividades e objetivos, apoia projetos relacionados com a etnografia da área, assim como é um exemplo feliz de como a natureza e a cultura unem-se e são capazes de gerar benefícios locais. Almedinilla era uma localidade bastante pacata e agora muito mais dinâmica e atrativa, o que decorre dessa iniciativa museológica, que segundo as nossas pesquisas, oferece cursos de formação, tem também salas de exposição temporária e permanente, promove eventos como jornadas

interculturais, tem visitas guiadas, grutas temáticas com pinturas, sítios arqueológicos, entre outros.

Outro exemplo de práticas de TN, encontra-se nas Ilhas Farne, geridas pelo *National Trust*; situadas no Reino Unido, são um conjunto de ilhas rochosas entre 15-28, quando estão visíveis, “habitadas por focas e aves marinhas” (OLIVEIRA, 2009: p. 65). De acordo com a *National Trust*, estas ilhas têm 23 espécies de aves, incluindo 37 mil pares de *Puffins*, enquanto ave mais característica que vivem, alimentam-se e reproduzem-se lá. São ilhas que são acessíveis aos turistas, e, segundo essa entidade, visitadas por fotógrafos de natureza e ecoturistas, bem como outro tipo de pessoas que podem desfrutar de tempos de relaxamento nos espaços como o Castelo de Bamburgh e o Farol (Figuras VIII e IX, em Anexos).

Em 2004, segundo a *Travel Industry Association of America* (TIAA), nos EUA, o TN, é o segundo propósito para viajar, representando 19 % de viagens. Atualmente, esse valor possivelmente aumentou. Esta área geográfica conta com várias potencialidades de TN, entre elas dois espaços naturais gigantescos como o *Grand Canyon National Park* (com quase 5 milhões de visitantes a verem o *Grand Canyon* a 1,6 km de profundidade todos os anos, segundo o site oficial do Parque Nacional) e o *Yellestown National Park* (onde habitam várias espécies de animais como as emblemáticas aguias, lobos, bisontes, alces e os ursos, também as suas fontes termais, tendem a ser a principal atração) (Figuras X e XI, em Anexos).

5.2. Turismo de Natureza em Portugal

Em 2013, Portugal foi o país escolhido, num total de 24 países, como melhor destino do mundo para se viajar pela *Condé Nast Traveller*, pois é referenciada a qualidade das suas paisagens e natureza, a sua gastronomia, história e cultura, bem como a simpatia dos portugueses. Também, nesse ano, Portugal foi declarado, pelo “World Travel Awards” como o destino europeu líder no golfe, enquanto o Algarve manteve a qualificação de melhor destino de praias, bem como a Madeira distinguiu-se como melhor destino insular e Lisboa como destino especial para *coffee breaks*.

Já em 2014, Lisboa, Madeira, TAP, Douro Azul e Turismo de Portugal foram vencedores dos “World Travel Awards” (Lisboa venceu nas categorias de porto e destino de cruzeiros; a TAP obteve o “óscar” de melhor companhia aérea para África e América do Sul; o Turismo de Portugal recebeu o prémio de melhor organismo oficial de Turismo da Europa).

O nosso país tem de facto grandes potencialidades para o turismo com uma procura e oferta cada vez mais significativas em várias modalidades turísticas. Deste modo, segundo a Organização Mundial do Turismo, em 2004, a modalidade de Turismo de Natureza representava em Portugal 6% das motivações primárias dos turistas que nos visitaram. As regiões nas quais este turismo é mais importante são os Açores (36%) e a Madeira (20%) (THR, 2006). Compreende-se que os arquipélagos da Madeira e principalmente dos Açores, detentoras de características únicas de geologia e biodiversidade dependam mais deste tipo de turismo, pois são ilhas que apresentam um património natural classificado regional e internacionalmente, bem como integrado numa beleza expressiva.

No entanto, em Portugal Continental também há exemplos claros de uma procura considerável em termos do TN. Elucida-se que para CUNHA (2009) o Parque Nacional da Peneda Gerês tem grande atratividade para o Turismo de Natureza. Esta área protegida, desde 1971, localizada no Norte de Portugal Continental, é Reserva Mundial de Biosfera e recebe um número considerável de visitantes todos os anos que usufruem das grandes e singulares qualidades das paisagens, dos distintos animais e espécies de flora, além dos percursos pedestres e do particular património construído (santuários).

De acordo com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), Portugal tem uma diversidade considerável de paisagens e uma distinta diversidade de *habitats* naturais (montanhas, estuários, lagoas, escarpas e outros). Esta instituição refere que Portugal tem cerca de 21%, do território continental, classificado por ter valores naturais e de biodiversidade singulares, revelando que:

“a proximidade de Portugal aos mercados europeus emissores, o clima ameno durante todo o ano, permitindo que, em todos os períodos, seja possível realizar um conjunto vasto de atividades *outdoor*, e a segurança do destino, são outros aspetos relevantes para a oferta de Turismo de Natureza”.

As várias atividades pertencentes ao TN são integradas em empresas um pouco por todo o país, embora para o estudo THR (2006) existam mais atividades e empresas a nível terrestre do que aquático e aéreo em Portugal. Paralelamente, revela que a procura do TN em Portugal é em maior número de residentes no país do que de estrangeiros (mais de 90%). Estes e outros dados apontados por este estudo estarão evidentemente um pouco desatualizados, mas pensamos que não fugirá muito da realidade atual do TN que acontece em Portugal, embora o aumento de práticas desportivas, sobretudo aquáticas, seja agora maior que no passado atendendo às publicidades que se têm feito em Portugal como destino de turismo aquático (surf e outros desportos marítimos). Quanto à procura provavelmente seja maior atendendo as nossas perceções de notícias e do próprio visionamento do país, porque apesar da crise que enfrenta sabe-se que o turismo e o lazer não deixarão de existir.

Portugal criou um Programa Nacional de Turismo de Natureza (PNTN), através da resolução do Conselho de Ministros nº 112/98, de 25 de agosto. Nesse instrumento são identificadas as modalidades de hospedagem e atividades e serviços de alojamento e animação turística ambiental, integradas no TN. Ainda, o PNTN, direcionado para as áreas protegidas, identifica as competências das entidades e órgãos envolvidos em todo o processo de gestão das áreas protegidas (SANTOS e CABRAL, 2005).

Por outro lado, Portugal teve, de acordo com o estabelecido no Decreto-Lei n.º 108/2009, de 15 de maio, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 95/2013, de 19 de julho, o reconhecimento das atividades de animação turística e/ou marítimo-turísticas como Turismo de Natureza, obrigatório na Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP), criada em 1993, e opcional fora deste espaço (ICNF).

Em relação ao PENT (Plano Estratégico Nacional do Turismo), este plano setorial coloca o TN como um dos produtos turísticos estratégicos de Portugal e deve ser considerado como uma oferta distintiva e competitiva para as regiões de Lisboa, Centro, Norte, Madeira e Açores. Pelo que, nessas regiões, o TN deve ser uma prioridade. O PENT também refere que a competitividade deste turismo tem

que ir ao encontro de ações como por exemplo a diversificação e preservação da fauna e da flora, a construção de uma sinalização e de equipamentos básicos.

Portugal tem também um conjunto de organizações encarregue de valorizar, preservar e conhecer melhor as atividades de TN que coordena, sendo algumas:

- A Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves (SPEA – 1993) promotora de *birdwatching* e da conservação, estudo e valorização da Natureza, estabeleceu protocolos com entidades públicas e privadas, promove cursos para serem guias nas atividades promovidas dessa atividade.
- A Federação de Campismo e Montanhismo de Portugal (FCMP – 1945) como instituição que planeia eventos e promove o pedestrianismo nas suas mais variadas valências.
- A Associação do Turismo de Habitação (ATH – 1993) que trabalha na conservação da autenticidade do Turismo de Habitação, Agroturismo e Turismo Rural, certificando a qualidade da oferta.

No que respeita às críticas menos positivas do TN em Portugal, estas passam pela insuficiência de vigilantes da natureza; pelo reduzido investimento em infraestruturas e equipamentos de apoio aos visitantes (postos de turismo, centros de informação, mapas, folhetos, brochuras e outros); pela incapacidade para monitorizar o acesso, usos, impactes dos visitantes e medidas de controlo dos mesmos; alguma falta de qualificação nos profissionais do setor; alguma existência de operadores turísticos fraudulentos; desigualdade geográfica de sua prática; poucas ideias de promovê-lo e torná-lo mais criativo em certas localidades; domínio de pequenas empresas que dificulta de certo modo a competitividade e o desenvolvimento dos territórios (BARROS, 2011; OLIVEIRA, 2009; PIRES, 1994; PORTUGAL, 2005; SANTOS e CABRAL, 2005; THR, 2006).

Deste modo, encerramos o enquadramento teórico que se centrou em várias esferas, começando por definir os conceitos e relações de lazer, turismo e espaço; seguindo-se pela caracterização multifacetada do TN, e os exemplos apresentados nacionais e internacionais; agora importa abordar o caso de estudo (Funchal), tendo em conta as suas dinâmicas em termos de turismo em geral e de TN em particular (oferta e procura).

6. Caracterização do território (Madeira/Funchal)

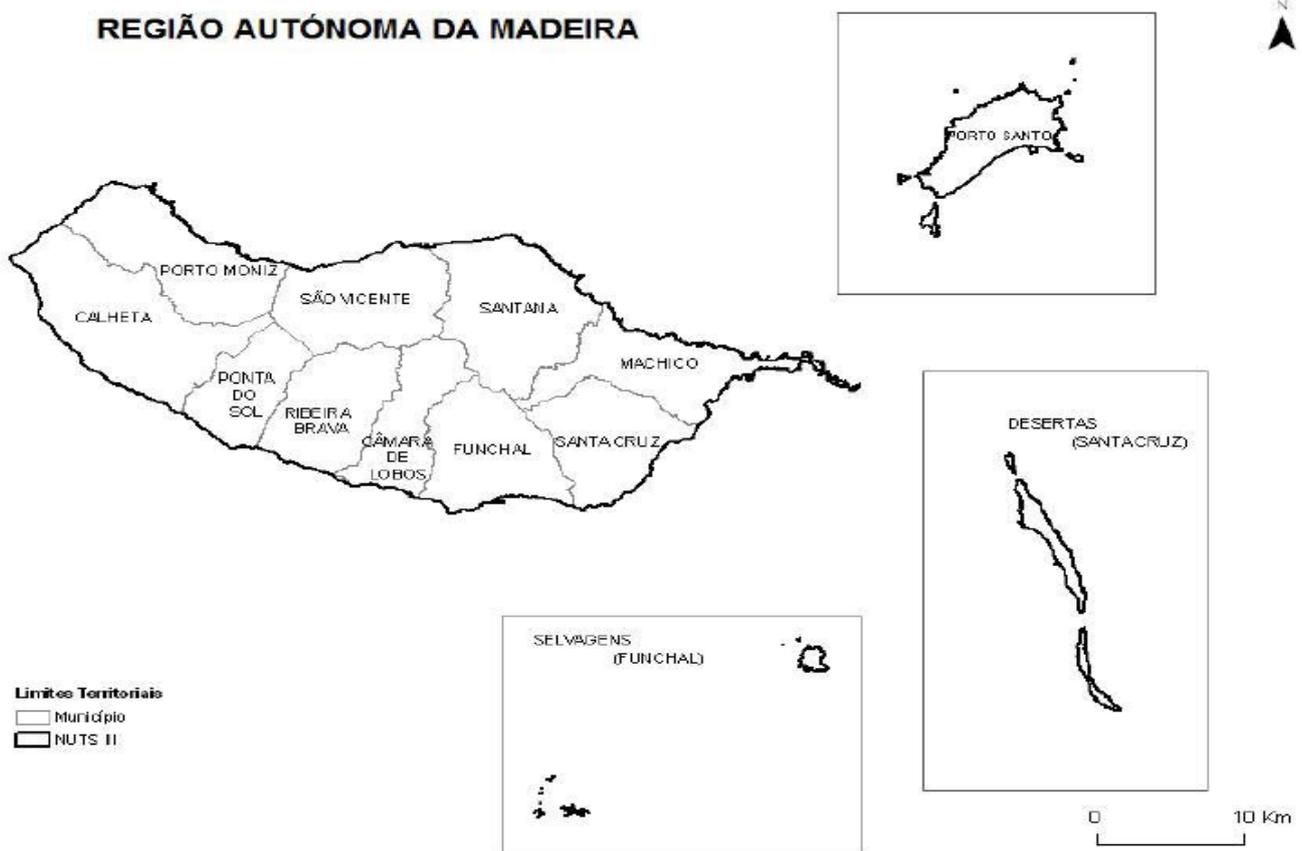
6.1. Perfil geográfico – físico e humano

O município do Funchal insere-se no contexto territorial do arquipélago da Madeira. Este arquipélago, também denominado de “Região Autónoma da Madeira” – RAM, fica situado no oceano Atlântico, a Sudoeste da Península Ibérica, aproximadamente entre as latitudes de 30°01’N e 33°31’N e as longitudes de 15°51’W e 17°30’W do Meridiano de *Greenwich*. Este conjunto territorial, conjuntamente com os arquipélagos dos Açores, Canárias e Cabo Verde, definem a localização da área biogeográfica com maior biodiversidade na Europa, denominada de “Macaronésia”. Estes são ilhas de origem vulcânica, detentoras de paisagens heterogéneas, de uma fauna e flora singulares, sendo a mais conhecida a denominada “Floresta Laurissilva” (QUINTAL, 2007).

Com 4 conjuntos de ilhas principais, sendo elas a Ilha da Madeira, a Ilha do Porto Santo e as Ilhas Desertas e Selvagens, configuradas num total aproximado de 796,8 Km², o arquipélago da Madeira tem uma clara origem e influência vulcânica, à qual acaba por moldar as características físicas e humanas das localidades.

LOUREIRO (2010), além de identificar os vários “aluviões”, enquanto inundações que ocorreram na Madeira (mais de 30 inundações/enxurradas, num total de 234 linhas de água ocorridas desde o século XV), esclarece-nos que todo o Arquipélago da Madeira possui, quanto ao aspeto geológico, uma estrutura preenchida por rochas vulcânicas e rochas piroclásticas.

Neste sentido, o concelho do Funchal é o principal conjunto populacional das ilhas do Arquipélago, este concelho é delimitado a Oeste pelo concelho de Câmara de Lobos; a Este pelo concelho de Santa Cruz; a Norte pelo concelho de Santana e a Nordeste pelo concelho de Machico. O Funchal tem cerca de 76 km², com 10 freguesias – Imaculado Coração de Maria; Monte; Sé; São Roque; São Martinho; São Pedro; São Gonçalo; Santo António; Santa Maria Maior e Santa Luzia. Este, enquanto concelho e capital da RAM (num total de 11 concelhos), apresenta o maior número de habitantes da região com mais de 111 mil (censos de 2011). O conjunto de Ilhas Selvagens (Selvagem Grande, Selvagem Pequena e o Ilhéu de Fora) também faz parte deste concelho (Figura 6) (Figura XII, em Anexos).



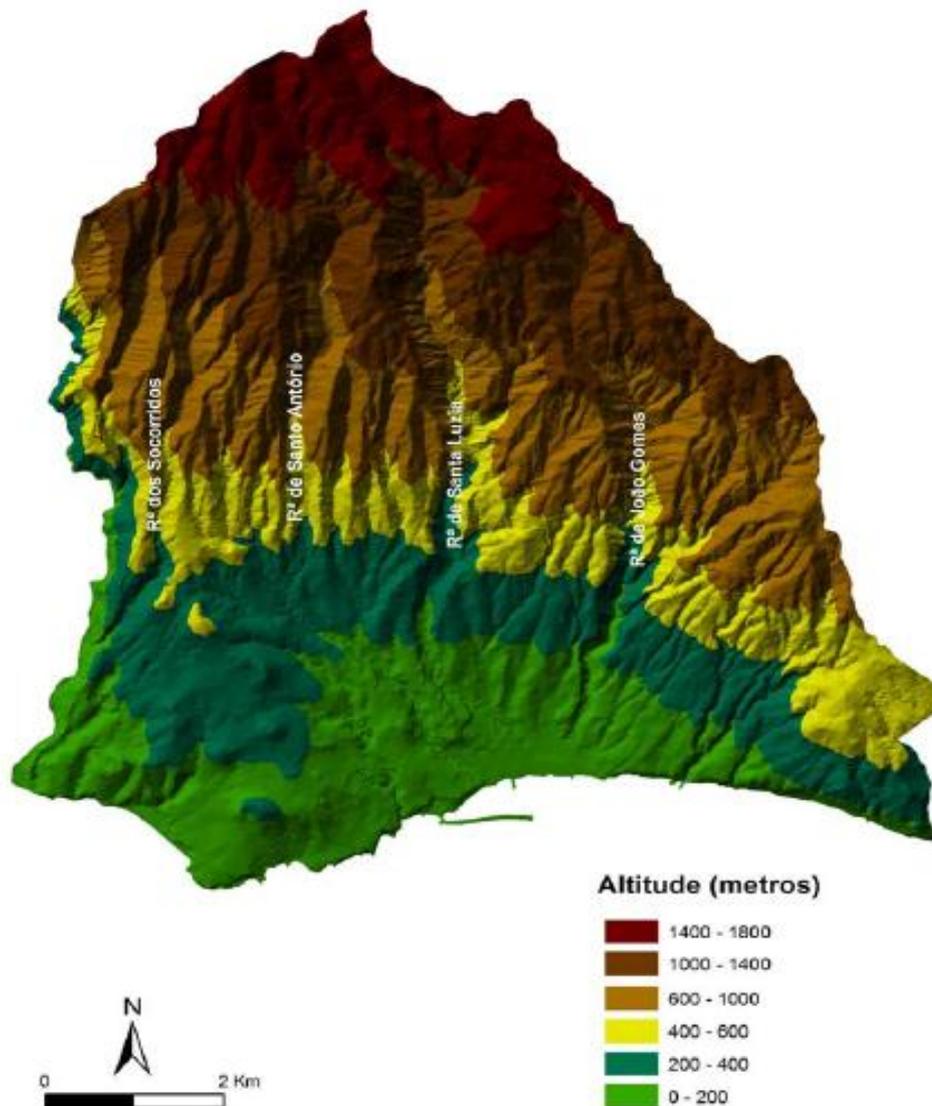
Fonte: INE (Instituto Nacional de Estatística) (2013: p. 38).

Figura 6: Mapa da RAM, com a localização do concelho do Funchal em contexto das NUTS II.

O Funchal, como toda a Ilha da Madeira (736 km²), é detentor de um clima bem definido anualmente, com as 4 estações bem determinadas. O seu clima é sem dúvida um recurso turístico bastante importante, o qual dita a competitividade e influencia outras atividades económicas como a agricultura (MARUJO, 2013). O clima do Funchal e do resto das ilhas apresenta microclimas relacionados com os vários e expressivos contrastes de relevo e suas formas vigorosas, com vales muito encaixados e profundos, sobressaindo o terceiro ponto mais alto da Madeira, o Pico do Areeiro (1818 m), no Funchal, próximo ao ponto mais alto da Madeira, isto é, o Pico Ruivo (1862 m), em Santana.

O território do concelho do Funchal é abarcado pelo maciço vulcânico central que tem orientação Este/Oeste, mas também por outras altitudes mais baixas a Sul. Nessas diferentes altitudes, podemos visitar as várias quintas madeirenses com coleções de espécies indígenas e exóticas de interesse científico e pedagógico. Com

isto, QUINTAL (2007) descreve o município do Funchal, através da divisão que faz, tendo em conta 6 grandes patamares geográficos. Nesses patamares há diferentes características de altitude, da flora, bem como da ocupação humana, do clima e outros aspetos (Figura 7).



Fonte: QUINTAL (2007: p. 21).

Figura 7: Mapa hipsométrico do concelho do Funchal com a delimitação dos 6 patamares geográficos.

Neste sentido, com mais de 30% do território coberto de florestas, vamos caracterizar os patamares, para compreender melhor a estrutura física do concelho que como se verifica, contém uma orografia bastante acidentada:

– O primeiro patamar corresponde ao patamar dos 0 aos 200 metros, no qual está inserido o Núcleo Histórico da Cidade, onde o setor que predomina é o setor terciário, com áreas de habitação e comércio distintas, destacando-se os diversos hotéis presentes, bem como a grande influência do mar. Aqui, insere-se a principal área de negócios do município e da cidade do Funchal, com todas as características habituais das cidades (administrativas, sociais, culturais, económicas, de saúde e bem-estar e outras), que tornam a área, detentora grandes fluxos populacionais.

– Já o segundo patamar dos 200 aos 400 metros corresponde a uma ocupação agroubana, caracterizada por uma “mescla” de habitações familiares e plantação de frutos e legumes, predominantemente de consumo doméstico. Como espécies vegetais principais registam-se o dragueiro (*Dracaena draco* ssp. *Draco*), o zambujeiro (*Olea maderensis*), a figueira-do-inferno (*Euphorbia piscatoria*), a malfurada (*Globularia salicina*) e o massaroco (*Echium nervosum*).

– O patamar dos 400 a 600 metros marca o limite da área habitada com a presença de árvores exóticas (eucaliptos, acácias, pinheiros) e com espaços verdes bastante apreciados pela população local e turística (Quinta Monte Palace, Quinta do Palheiro Ferreiro, Parque Municipal do Monte e outros). Aqui prosperam o barbusano (*Apollonias barbujana*), a faia-das-ilhas (*Myrica fayal*), o azevinho (*Ilex canariensis*) e o marmulano (*Sideroxylon mirmulans*).

– Por outro lado, os patamares dos 600 aos 1400 metros cuja orografia é bem influenciada pelas ribeiras de João Gomes, Santa Luzia, dos Socorridos e Santo António, correspondem a uma área com uma floresta de folhosas (acácias e eucaliptos), resinosas (pinheiro bravo) e algumas espécies de Laurissilva.

– O último patamar, correspondente aos 1400-1800 metros, o qual engloba as cabeceiras das grandes ribeiras e os pequenos planaltos do Chão dos Balcões (Chão da Lagoa) e Achada Grande, bem como o Pico do Areeiro, sendo o patamar com maior precipitação e onde há mais exemplares da Floresta Laurissilva (til – *Ocotea foetens*; vinhático – *Persea indica*; loureiro – *Laurus novocanariensis*; – são as espécies dominantes, sobressaindo entre árvores de menor porte e de outras famílias como o folhado (*Clethra arborea*), o pau-branco (*Picconia excelsa*), o sanguinho (*Rhamnus glandulosa*), o perado (*Ilex perado*), o sabugueiro (*Sambucus lanceolata*), a gingeira-brava (*Prunus hixa*) e o mocano (*Pittosporum coriaceum*)).

No que refere ao aspeto humano, o município e cidade do Funchal são capazes de atrair vários perfis populacionais, tendo em conta os seus diversos recursos, produtos, serviços, equipamentos e infraestruturas. É de referir que o Funchal conta com 74 bens imóveis classificados (Monumentos, Conjuntos e Sítios). Em 2012, foram registados 109 149 residentes no Funchal (INE, 2013).

Por último, no Funchal predominam paisagens bastante diversificadas, denotando uma forte ocupação do solo, traduzida nas atividades ligadas ao setor terciário, muito ligado à atividade turística, condensado em áreas de restauração, comércio e hotelaria (Figuras 8 e 9). Fora dos limites da cidade, seguem-se as atividades do setor secundário, com as indústrias de construção civil, floricultura, laticínios e algum artesanato e gastronomia regionais. O setor primário cinge-se sobretudo à agricultura, com o cultivo de batata (a conhecida semilha, como termo regional), as flores e plantas ornamentais, a vinha e alguns frutos, bem como alguma pecuária (criação de aves, coelhos e ovinos).



Fonte: Elaboração própria.

Figuras 8 e 9: Cidade do Funchal vista do Teleférico do Funchal/Monte e do Forte de São José, respetivamente.

6.2. Síntese histórica

A história do Funchal é rica em acontecimentos que decididamente marcaram a diferença no território e tornaram o Funchal naquilo que é hoje, um centro de passagem de pessoas de toda a ilha e de várias partes do mundo.

A designação dada a este território, segundo a Câmara Municipal do Funchal (CMF), que se apoia em diversos historiadores/cronistas, advém do nome que foi dado pelos primeiros povoadores do Funchal, uma vez que, ao desembarcarem neste local, verificaram uma grande quantidade de funcho, enquanto espécie herbácea comestível e aromática muito conhecida nos dias de hoje.

Neste sentido, o Funchal desde a sua (re)descoberta por portugueses, apontada no século XV (1450), foi uma das duas capitânicas da Madeira, ou seja a Capitania do Funchal, dirigida por João Gonçalves Zarco. Esta constituiu-se logo, numa área que fixou população mais ou menos ilustre de várias regiões da Europa.

AFONSO (1993: p. 15) refere que “os primeiros povoadores instalaram-se na margem esquerda da Ribeira de João Gomes e logo a seguir numa zona limitada a Este pela Ribeira de S. Luzia, a Norte pelo Pico dos Frias, a Oeste pela Ribeira de S. João e a Sul pelo mar.”

BARROS (2010: p. 51) esclarece-nos que o desenvolvimento do Funchal deveu-se, numa primeira via, pela agricultura, sendo que:

“no início plantou-se trigo. Mas foi a exploração do açúcar que impulsionou o crescimento da vila do Funchal. Dois anos depois, é construído o primeiro engenho movido pela força da água para fabrico de açúcar na Ribeira da Serra de Água, atual Ribeira de Santa Luzia.”

Foi em 1508 que o Funchal tornou-se cidade, “passando a ser a primeira cidade que se constituiu nos domínios ultramarinos de Portugal” (MENDES, 2007: p. 10). Esta elevação a cidade, deveu-se em grande parte ao Duque D. Manuel que numa época que ainda não era rei, considerou que pela posição geográfica e pelo papel do porto do Funchal, o sucesso do povoamento e a prosperidade económica, pretendia fundar, no Funchal, uma diocese com jurisdição sobre os territórios ultramarinos. Desse desejo resultou, em 1485, um plano urbanístico para a então

vila, no qual contava a igreja (a Sé) e a Casa do Concelho. Mais tarde, em agosto de 1508, já rei de Portugal, D. Manuel elevou-a à condição de cidade através de uma carta régia (ARAGÃO, 1987; BARROS, 2010; CARITA, 2008; MENDES, 2007).

Posteriormente, em 1572, D. Sebastião manifestou a vontade de fortificar a cidade, uma vez que era necessário que o Funchal estivesse mais protegido contra os corsários. As obras de fortificação da cidade levaram várias décadas até estarem concluídas, uma vez que “o rei determinou a construção de uma muralha desde a Ribeira de João Gomes até à Ribeira de São João, fechando deste modo a frente mar do Funchal. Outras duas muralhas correriam ao longo destas ribeiras” (BARROS, 2010: p. 66). No século XIX essa mesma fortificação foi demolida progressivamente, restando hoje, três fortalezas no interior da cidade.

No século XVII, com o declínio da produção e da exportação da cana-de-açúcar, devido a vários fatores, mas principalmente, pela concorrência do açúcar brasileiro, foram desativados engenhos que deram lugar aos lagares de madeira, resultando num aumento exponencial da produção e divulgação do Vinho Madeira.

O século XVIII, foi o século das mudanças. Neste período houve um terramoto em 1748 que fez muitos estragos na ilha, obrigando à reconstrução de edifícios, ruas, pontes e outras infraestruturas. Foi o século da grande emigração de milhares de madeirenses e houve uma reintrodução da cana-de-açúcar; introduziram-se também o cultivo da batata, bem como a pesca da baleia e do atum (ABREU, 2009; ARAGÃO, 1987; BARROS, 2010; CARITA, 2008; MENDES, 2007).

Também, segundo a Câmara Municipal do Funchal, foi nos finais do século XVIII que a cidade expandiu-se pela encosta, até ao Monte. Todavia, foi neste século onde o turismo começou a ganhar proporções bem definidas, com a visita à ilha, de várias pessoas ilustres e não só.

VIEIRA (2008: p. 95) ao evidenciar o facto da ilha ser considerada como um ‘Jardim’, diz-nos que no século XIX houve grandes instituições como o *British Museum*, *Linnean Society*, *Kew Gardens* que enviaram para a Madeira “especialistas para proceder à recolha das espécies para posterior estudo e preservação.”

A Câmara Municipal do Funchal ainda diz-nos que os finais do século XIX e os inícios do século XX foram marcados pelas melhorias significativas nos transportes marítimos e aéreos, pois foram criadas as novas instalações do porto

do Funchal, depois do aeroporto de Santa Catarina, que contribuíram para o Funchal dinamizar-se ainda mais e em vários setores.

Tal como o açúcar, o vinho no Funchal também enfrentou crises de produção e exportação (concorrência de mercados; pragas das uvas/vinhas e outras). Como refere BARROS (2010: p. 79), “graças ao comércio vinícola, o Funchal tornou-se uma cidade cosmopolita, aonde até vinham expedições científicas estrangeiras constituídas por estudiosos da Botânica, Geologia e Zoologia”.

Quanto às famosas “Quintas Madeirenses”, autênticos espaços de diversidade de fauna e sobretudo da flora, desde o século XVI pertenceram a personalidades nacionais e estrangeiras, é de evidenciar que muitos negociantes estrangeiros:

“desde os finais do século XVIII, adquiriram algumas destas quintas, aproveitaram as casas ou construíram outras de novo, mas a novidade é que substituíram os terrenos agrícolas por bonitos espaços ajardinados, rodeados de muitas árvores. Algumas quintas eram simplesmente paradisíacas e atraíram muitos estrangeiros” (BARROS, 2010: p. 105).

Por último, importa abordar o século XX como o século essencial para o desenvolvimento do Funchal, pois começaram as grandes obras do Estado Novo, entre elas o Liceu Jaime Moniz, a Escola Industrial e Comercial do Funchal, o Estádio dos Barreiros, várias estradas, a aposta na criação e reestruturação de levadas um pouco por toda a ilha, bem como centrais hidroelétricas. Mas, é com o pós 25 de Abril de 1974 que o Funchal se tornou na capital da Região Autónoma da República Portuguesa, estatuto obtido em 1976. Após 1974, notou-se tanto pelas pessoas que ainda se encontram vivas, como em várias fontes bibliográficas que a qualidade de vida das pessoas aumentou substancialmente, com a água potável, o saneamento básico e a eletricidade (ABREU, 2009; BARROS, 2010; CARITA, 2008).

6.3. Perfil turístico

6.3.1. Origem e evolução do turismo no Funchal/Madeira

Sendo para BOBONE (2010: p. 5) que “a Madeira é tida como o destino turístico mais antigo da Europa”, ABREU (2009) e MARUJO (2013) são dois dos autores que consideram a origem do turismo na Madeira patenteada no século XV aquando da sua (re)descoberta, o denominado, para o primeiro autor “Turismo Colonial”. No entanto, é claro também nesses e noutros autores como ESTUDANTE (2011) que a atividade turística na Madeira ganhou, maior consistência nos finais do século XVIII e inícios do século XIX.

Ora, a origem do turismo da Madeira caminhou, lado a lado, com a produção e comercialização do açúcar e do vinho, bem como com o aparecimento de novas atividades, uma vez que através delas, chegaram à ilha milhares de pessoas para negociarem, conhecerem a ilha, as técnicas e os produtos utilizados (ESTUDANTE, 2011). De facto com a posição geográfica singular do Funchal e da Madeira no panorama mundial, este território surgiu como grande suporte do comércio e exploração dos novos continentes (América, Ásia e África).

Das viagens que determinadas pessoas fizeram à Ilha, MARUJO (2013) refere-nos que surgiram descrições registando aspetos da geologia, fauna, flora, antropologia, clima e beleza paisagística da ilha em geral e do Funchal em particular, daí explicasse a atribuição de *slogans* (‘A Ilha dos Amores’, ‘O Recanto do Paraíso’, ‘A Pérola do Atlântico’ e outros) que divulgaram e muito a ilha.

Muitas personalidades visitaram a ilha no passado e ajudaram a promovê-la como destino de descanso, terapêutico e até científico. Vários príncipes, duques, princesas e duquesas, negociantes e outros tipos de personalidades europeias foram visitando a ilha, ao longo dos tempos, para fazerem negócios, desfrutarem da paisagem imponente e exótica, da flora e da fauna da Ilha, para passearem a pé, verem jardins, viverem em quintas, tratarem das suas doenças (sobretudo as do foro respiratório – tuberculose), entre tantos outros motivos (ABREU, 2009; BARROS, 2010; ESTUDANTE, 2011; FRANCO, 2008). Assim sendo, nestas práticas antigas e historicamente ocorridas sobretudo nos séculos XVIII, XIX e XX, podemos encontrar as origens do Turismo de Natureza atual do Funchal.

Neste contexto de pessoas mais ou menos ilustres que visitaram a Madeira, temos como exemplos o primeiro ministro britânico Winston Churchill; a imperatriz Isabel (Sissi), do império Austro-Húngaro que visitou por diversas vezes a Madeira; Amélia de Leuchtenberg; a rainha Adelaide de Inglaterra; o príncipe Maximiliano Napoleão, duque de Leuchtenberg; o imperador Maximiliano do México; Carlota da Bélgica; Imperador Carlos, de Áustria (ABREU, 2009; CARITA, 2008; ESTUDANTE, 2011; SARAMAGO *et al.*, 2002).

O encantamento que as pessoas ficavam da Madeira, essencialmente pela sua beleza e singularidade, ficou registado em vários relatos escritos e orais de visitantes de classes tendencialmente mais eruditas de outros países. Verificamos isso, na obra de MONIZ *et al.*, (2011), uma vez que esses autores revelam-nos algumas das representações literárias do Funchal, tendo em conta os diferentes registos textuais (narrativa, crónica, relato de viagem e poesia). Deste modo, é-nos dito que:

“(...) o Funchal, cidade insular, apresenta-se, simultaneamente, como o retrato de várias épocas, um espaço a partir do qual é possível exercitar a memória das suas origens e a observação do seu desenvolvimento, estabelecendo uma rede discursiva que se molda a partir de múltiplos diálogos, num coro de vozes por vezes díspares mas, com frequência harmoniosamente articuladas” (MONIZ *et al.*, 2011: pp. 7-8).

Por outro lado, dada a crescente procura turística registada a partir do século XVIII, houve necessidade de fazer guias para os visitantes, que na sua maioria eram de origem britânica, alemã e francesa. O primeiro “guia” registado dessa época, é da autoria de Thomas Edward Bowdich (1825), ainda que em 1850, para ESTUDANTE (2011) houvesse um guia-turístico bem completo que se focava em múltiplos elementos da história e tradições, geologia, flora e fauna da Madeira

No que concerne às infraestruturas hoteleiras, foram apontadas um total de mais de 10 pensões no Funchal no século XIX. Em 1840, existiam apenas dois hotéis: ‘The London Hotel’ e o ‘Yate’s Hotel Family’, os quais até ao final do século XIX, juntaram-se com outros 12 (‘Edinburg Hotel’, ‘Santa Clara Hotel’, ‘Milles Hotel’, ‘German Hotel’, ‘Boa Vista Hotel’, ‘Cardwell Hotel’, ‘Victoria Hotel’, ‘Hotel Central’,

'Hotel Funchal' e 'Hotel Lisbonense', 'Carmo Hotel' e 'Reid's New Hotel'). Destes hotéis, o hotel Reid's, de 1891, é o mais antigo hotel que ainda está funcionando na Madeira (BARROS, 2011; ESTUDANTE, 2011; MARUJO, 2013).

A partir do final do século XIX, verificamos que a Madeira, para MARUJO (2013) e ABREU (2009), perdeu a conotação de destino turístico terapêutico, para passar a ser um destino turístico de férias (Turismo de Lazer), embora o perfil turístico fosse ainda uma classe social mais elevada com maiores rendimentos.

O perfil turístico do turista madeirense manteve-se até 1930, altura em que começou a haver uma mudança profunda na procura e na oferta de produtos e serviços na Madeira. Isso aconteceu muito graças à "Comissão de Turismo", que a par das Comissões de Turismo de Portugal Continental, encarregou-se em divulgar e desenvolver o turismo regional. Neste sentido, este organismo empenhou-se na realização de exposições turísticas (naturais e culturais); na realização de artigos para revistas internacionais sobre a Madeira; na elaboração de guias, folhetos e cartazes turísticos; fora a publicidade feita para canais de televisão estrangeiros (ESTUDANTE, 2011; MARUJO, 2013).

Segundo ESTUDANTE (2011), depois da segunda metade do século XX, o turismo da Madeira enfrentou duas fases importantes, a saber:

- A fase que a Madeira encarou sérias dificuldades, na procura e oferta turística, oriundas do segundo conflito mundial, entendidas como o encerramento de muitos hotéis, e o decréscimo do número de turistas, conjuntamente com a crescente concorrência mundial de destinos turísticos também eles atraentes.
- A fase de início da grande prosperidade, que se deu com a inauguração do aeroporto da Madeira, em 1964, o qual proporcionou uma maior abertura ao exterior e a chegada de mais turistas de diferentes países, que até então não se faziam sentir na região. Anos depois (1978) houve a criação da Secretaria Regional do Turismo, que deu lugar a uma maior e melhor organização do turismo da região, com a promoção da marca: "Turismo da Madeira", enquanto conjunto variado de práticas turísticas que podem ser realizadas em toda a Madeira.

6.3.2. O turismo do Funchal na atualidade

Na atualidade, “a Região Autónoma da Madeira, um dos destinos turísticos mais importantes do país, é membro associado da OMT, participando nas suas tarefas e usufruindo dos seus benefícios” (SARAMAGO *et al.*, 2002: p. 36).

BOBONE (2010: p. 5) evidencia-nos aquilo que a Madeira tem de melhor, podendo evidentemente transpor essa realidade para a localidade do Funchal:

“o prestígio, a qualidade e a hospitalidade dos madeirenses fazendo as delícias dos visitantes nacionais e dos turistas estrangeiros. A beleza dos seus parques naturais, dos seus espaços verdes e das suas praias, o fulgor das suas festas e romarias, o valor da sua gastronomia variada e o prestígio do seu vinho, sem esquecer a criatividade do artesanato local e a originalidade da sua típica arquitetura, atraem em qualquer época do ano milhares de pessoas de todo o Mundo àquela ilha.”

Nesta circunstância, tendo em conta os múltiplos recursos naturais e culturais, materiais e imateriais da Madeira, como estratégia de promoção turística da RAM, é desenvolvida a ideia da marca/destino “Turismo da Madeira”, a qual é preenchida, atendendo à DRTM (Direção Regional de Turismo da Madeira), com vários produtos turísticos – sol e mar, *touring* cultural e paisagístico, turismo de natureza, golfe, *spas* e *welness*, entre outros.

O turismo de hoje, na Madeira em geral e no Funchal em particular, de acordo com Clara Noronha, técnica de turismo da DRTM que respondeu ao questionário, por nós realizado, está cada vez mais enquadrado em políticas de proteção e qualidade ambiental para que os seus impactos positivos e negativos sejam bem geridos. Neste particular, esta técnica refere-nos que têm sido implementadas infraestruturas em prol do ambiente, “atendendo às necessidades dos turistas e dos locais que os recebem, à atitudes ambientalistas, regras de utilização dos recursos naturais e a um pensamento ecológico, logo, os impactos (do Turismo de Natureza) têm sido positivos”. Para ela “cada vez mais há um assumir de consciência de proteger os recursos para as gerações vindouras, e de potenciar as atrações naturais ao nosso dispor, e isso é bem visível no concelho do Funchal.”

De forma a valorizar as boas práticas de empreendimentos turísticos, agências de viagens, empresas de animação turística e outros estabelecimentos turísticos, podem candidatar-se aos prémios e ao tão importante distintivo de qualidade ambiental, criado em 2009, através da Portaria 6/2009, de 26 de Janeiro. Este distintivo, segundo Clara Noronha, assenta em três níveis, coadunando-se com a percentagem de respostas positivas às questões formuladas no questionário:

- “Amigo do Ambiente” – Excelência – se obtiver respostas positivas em montante superior a 90%. Este é o nível mais alto do distintivo, dado que contempla as empresas cujas práticas ambientais e uso de recursos energéticos alternativos favoreçam uma utilização racional dos recursos e redução de custos.
- “Aliado do Ambiente” – Ouro – de 60% a 90% de respostas positivas.
- “Atitude Ambiental” – Prata – de 30% a 60% de respostas positivas.

É de referir que a Madeira, tem vindo ao longo destes anos a somar prémios, distinções e qualificações importantes para a dinamização da sua procura e oferta turística. Assim sendo, sobressaem os principais:

- O Centro Mundial de Excelência de Destinos (CED) atribuiu em 2009, o grau de Excelência de Qualidade à Madeira, através do *System of Measures for Excellence in Destinations* (SMED). Esta distinção levou em conta vários fatores como o ambiente e paisagem, a cultura e as tradições, a segurança e os transportes.
- No ano de 2000, o Funchal recebeu um galardão de ouro europeu, pela qualidade e diversidade dos seus jardins, flores e paisagens - 'Cidade Florida Europeia de 2000'.
- Nas 7 Maravilhas Naturais de Portugal, em 2010, mais de 600 mil portugueses elegeram a Floresta Laurissilva da Madeira, como um dos sete fenómenos naturais mais belos do país, na categoria de “Florestas e Matas”.
- O Funchal, em 2013, foi a grande vencedora dos "Civitas Awards", os quais distinguem as cidades europeias que mais se destacam na promoção da mobilidade sustentável. Teve esse galardão já que, segundo a APM

(Associação de Promoção da Madeira), o Funchal tem desenvolvido projetos como a disponibilização de guias interativos de rotas do Funchal; introdução da linha verde que reduz o congestionamento automóvel e a poluição; a promoção de transportes públicos.

- A Madeira foi eleita o Melhor Destino Insular de Férias da Europa, em 2013 e segundo consta, ganhou novamente, em 2014, essa distinção pela “World Travel Awards”, o que de facto é bastante positivo e realça a sua qualidade.
- As Ilhas Desertas receberam um Diploma Europeu na área da Conservação da Natureza, (Área Protegida) em Março de 2014, pelo reconhecimento das ações que ao longo dos anos têm sido feitas em prol da preservação de espécies de fauna e flora (MADEIRA, 2014: c).
- Em Julho de 2014, a DRTM, referiu unidades hoteleiras do Funchal que foram distinguidas com certificação internacional. O “Hotel Porto Santa Maria”, foi certificado pela “Green Globe”, marca que avalia a sustentabilidade no turismo. O “Hotel Savoy Gardens” obteve o certificado anual “Green Key”, atribuído de acordo com as medidas de sustentabilidade ambiental mantidas e implementadas pelos estabelecimentos hoteleiros aderentes. Os hotéis do grupo “Porto Bay”, “Vila Porto Mare” e o “The Cliff Bay” foram certificados pela “Travelife”, uma certificação internacional sobre boas práticas de sustentabilidade na hotelaria. Os hotéis “Royal Savoy” e “Savoy Gardens” foram distinguidos com o Certificado de Excelência 2014 do “Tripadvisor”, pela boa avaliação das experiências de viagens dos utilizadores/clientes. A “Quinta da Casa Branca” teve um “Gold Award”, atribuído pelo operador do Reino Unido, “TUI UK & Ireland”.

6.3.3. Plano de Ordenamento Turístico da RAM – perspetiva de desenvolvimento

O POT (Plano de Ordenamento Turístico da Madeira) é o único plano oficial turístico da RAM e tem fortes conexões com o Plano de Ordenamento do Território da Região Autónoma da Madeira – POTRAM, enquanto aquele que sustenta o POT,

por estabelecer as orientações gerais de planeamento e desenvolvimento das intervenções relativas ao uso e ocupação do solo, defesa e proteção do património cultural e natural e a distribuição da população no território.

Este instrumento de gestão territorial foi aprovado pelo Decreto Legislativo Regional n.º 17/2002/M, em agosto de 2002 com um período de atuação até 2012. É constituído pelas normas de execução, pelo relatório que aborda a estratégia de desenvolvimento, organiza as opções setoriais e o modelo territorial de desenvolvimento turístico, acompanhados, por último, pelas “peças gráficas” necessárias à sua representação denominadas por “anexo II”.

O POT diz respeito aos quatro conjuntos territoriais do Arquipélago da Madeira – Ilha da Madeira, Ilha de Porto Santo, Ilhas Desertas e Ilhas Selvagens. Consciente de que o PENT considera a Madeira um destino maduro e reconhecido internacionalmente, o POT articula-se com o PENT, pois ambos definem que para desenvolver os produtos prioritários desta região, é necessário implementar ações, com especial destaque para a continuação da aposta nos seus fatores de diferenciação: natureza – levadas, as aldeias típicas (Camacha e Santana), a Floresta Laurissilva, a praia do Porto Santo, a oferta hoteleira de qualidade e o Vinho Madeira. O PENT ainda menciona que a Madeira tem o crescimento de curto/médio prazo alavancado nos produtos: *Touring*, Sol e Mar e Turismo de Natureza, enquanto que os produtos Turismo de Negócios e Turismo Náutico (Cruzeiros) contribuirão para a redução da sazonalidade turística.

A respeito do desenvolvimento da Madeira, FONTINHA (2013) refere que a Madeira como outros territórios insulares dependem de aspetos como o ordenamento do território, bem como do correto e minucioso aproveitamento de recursos dos territórios. Essa ideia está presente nos objetivos do POT sendo eles a orientação dos investimentos públicos e privados para garantir o equilíbrio na distribuição territorial dos alojamentos e equipamentos turísticos; a promoção de um melhor aproveitamento e valorização dos recursos humanos, culturais e naturais; o enquadramento da distribuição territorial e das características dos empreendimentos turísticos face às realidades paisagísticas e históricas da RAM.

Por último, recentemente, em Julho de 2014, estão a ser organizados os preparativos para a reestruturação do novo Plano de Ordenamento Turístico da

RAM, uma vez que o último tinha um horizonte temporal até 2012. O novo plano deverá ser apresentado e regulamentado, possivelmente ainda este ano, com novas realidades, conceitos e abrangências espaciais/temporais.

6.3.4. Indicadores do turismo na Madeira/Funchal: procura e oferta

Para analisar alguma da procura e oferta turística no concelho do Funchal, recorreremos aos anuários estatísticos disponíveis no INE. Estes documentos foram importantes para comprovar que a Madeira em geral e o Funchal em particular, deixam grandes marcas no panorama nacional turístico. Por exemplo, consoante INE (2013), verificamos que a Madeira representou cerca de 14% das dormidas nacionais; teve uma estada média de hóspedes estrangeiros maior que a média nacional (6,1 noites de 3,5 de Portugal); registou 7% dos hóspedes nacionais; obteve aproximadamente 12% dos proveitos de aposento nacionais, bem como registou cerca de 10% da capacidade de alojamento nacional (Tabelas 3 e 4).

Segundo a mesma fonte, em 31 de julho de 2012, o Funchal representava aproximadamente 54% dos estabelecimentos da Madeira e 4% dos estabelecimentos de Portugal. Também o Funchal tinha, em relação ao *ranking* municipal da RAM, mais estabelecimentos nas várias categorias (hotéis, pensões e outros) e a capacidade de alojamento era maior em todas essas categorias (64% em relação a Madeira – hotéis, pensões e outros). O Funchal também detinha 6% da capacidade de alojamento de Portugal (Tabelas 3 e 4).

Nas tabelas 3 e 4 podem ainda observar-se os dados registados consoante os concelhos selecionados – Funchal, Câmara de Lobos, Santa Cruz, Santana e Porto Santo. Excluindo a partida o Funchal, os outros concelhos representaram, do total de dados apontados da Madeira, apenas: 24% dos estabelecimentos; 12,3% da capacidade de alojamento; 20% das dormidas; 21% dos hóspedes; 19% dos proveitos de aposento.

Tabela 3: Dados dos estabelecimentos e capacidade de alojamento, tendo em conta a distribuição geográfica								
Distribuição Geográfica	Estabelecimentos				Capacidade de alojamento			
	Total	Hotéis	Pensões	Outros	Total	Hotéis	Pensões	Outros
Portugal	2 028	988	551	489	296 321	166 106	25 257	104 958
Continente	1 787	881	501	405	259 021	143 021	22 737	93 263
Madeira	162	63	34	65	28 740	16 322	1 919	10 499
Funchal	87	36	13	38	18 253	10 268	979	7 006
Câmara de Lobos	4	0	0	4	684	0	0	684
Santa Cruz	21	6	4	11	3 935	2 196	208	1 531
Santana	4	3	1	0	334	-	-	0
Porto Santo	10	6	3	1	2127	1819	-	-

Fonte: Elaboração própria, com base em INE (2013).

Tabela 4: Dados das dormidas, estada média, hóspedes e proveitos, tendo em conta a distribuição geográfica				
Distribuição Geográfica	Dormidas	Estada média de hóspedes estrangeiros (noites)	Hóspedes	Proveitos de aposento (milhares de euros)
Portugal	39 681 040	3,5	13 845 419	1 290 103
Continente	33 218 615	3,2	12 524 292	1 105 547
Madeira	5 507 685	6,1	994 757	154 150
Funchal	3 798 355	6,3	658 591	110 971
Câmara de Lobos	74 891	6,0	12 527	1 888
Santa Cruz	770 617	6,6	129 333	18 959
Santana	35 845	3,2	12 018	865
Porto Santo	247 311	5,9	50 343	7 811

Fonte: Elaboração própria, com base em INE (2013).

Conscientes das capacidades atrativas do Funchal, decidimos fazer uma análise dos três últimos anuários para verificar alguns traços evolutivos marcantes no turismo do Funchal, que acabam por ser parte do que acontece também com várias áreas de Portugal Continental (Tabela 5).

Partindo para a análise dos anuários estatísticos – INE (2011; 2012 e 2013) – (Tabela 5), verificamos que no concelho do Funchal, o número de hóspedes representa um número bastante positivo, embora, em relação a 2011, em 2012 houve um ligeiro recuo desse número (29 631). Isto pode ser explicado pelo menor

número de turistas nacionais que visitaram a ilha em 2012, muito em causa pelo contexto social e económico nacional (chegada da *troika*, reformas estruturais que puseram em causa os rendimentos das pessoas). Tal como o número de hóspedes, o número de dormidas que de 2010 a 2011, cresceu significativamente (457 799 dormidas), em 2012, houve uma pequena descida do número de dormidas, ficando-se pelas 3 798 355 dormidas). Apesar disto, a estada média no estabelecimento e de hóspedes estrangeiros, bem como a taxa de ocupação de cama das várias tipologias de alojamento e os proveitos dos aposentos, registaram um aumento positivo desde 2010 até 2012, o que de facto é bastante bom, e traz vantagens para o Funchal mesmo que o número de estabelecimentos registados pelo INE, tenha descido em 2012 para 87 unidades.

Tabela 5: Número de hóspedes, dormidas, estadas médias, taxas de ocupação de cama, proveitos de aposento e estabelecimentos de alojamentos do Funchal, nos anos de 2010, 2011 e 2012

Anos	Hóspedes	Dormidas	Estada Média no Estabelecimento	Estada Média de Hóspedes estrangeiros	Taxa de ocupação de cama	Proveitos de aposento	Estabelecimentos de alojamentos
2010	639 811	3 361 613	5,3 noites	6,1 noites	49,6%	97 578 euros	100 unidades
2011	688 222	3 819 412	5,5 noites	6,2 noites	56,5%	110 324 euros	100 unidades
2012	658 591	3 798 355	5,8 noites	6,3 noites	57,5%	110 971 euros	87 unidades

Fonte: Elaboração própria, com base em INE (2011; 2012 e 2013).

Particularizando o número de hóspedes e das dormidas nesses três anos em análise (Tabela 6), é prudente referir que são em maior número de origem britânica, portuguesa, alemã e francesa, sendo que em 2010, o número de hóspedes registou-se em 179 068 de Portugal; 76 179 alemães; 142 968 do Reino Unido e 42 551 franceses. Quanto às dormidas, no mesmo ano 558 707 foram portuguesas, 495 819 alemãs, 933 978 do Reino Unido e 214 395 francesas. Já em 2011, o número de hóspedes de Portugal diminuiu com 146 921 registados, mas houve um aumento do número de hóspedes alemães (88 970), britânicos (164 091) e franceses (60 659). Também as dormidas de portugueses diminuíram (469 324), contrariamente às alemãs (623 310); francesas (320 136) e britânicas (1 077 534). Em relação ao ano de 2012, a tendência verificada em 2011, repetiu-se, uma vez que houve menos hóspedes e dormidas portuguesas (112 157 e 355 373 respetivamente). Compensou neste ano de facto o aumento do número de hóspedes e de dormidas estrangeiras com os hóspedes registados (139 467 do Reino Unido; 97 828 alemães, 70 615 franceses) e as dormidas (691 311 alemãs; 387 133 francesas; 934 712 do Reino Unido).

Tabela 6: Evolução do número de hóspedes e das dormidas, no Funchal, tendo em conta a proveniência geográfica

	2010	2011	2012
Hóspedes			
Portugal	179 068	146 921	112 157
França	42 551	60 659	70 615
Reino Unido	142 968	164 091	139 467
Alemanha	76 179	88 970	97 828
Dormidas			
Portugal	558 707	469 324	355 373
França	214 395	320 136	387 133
Reino Unido	933 978	1 077 534	934 712
Alemanha	495 819	623 310	691 311

Fonte: Elaboração própria, com base em INE (2011; 2012 e 2013).

Para além dos estabelecimentos hoteleiros considerados nos anuários estatísticos, existem outros com repercussão na oferta de alojamento aos visitantes, uns licenciados/registados pelo Turismo de Portugal e outros a operar de forma paralela, em diversas modalidades como por exemplo empreendimentos de turismo de habitação e/ou de turismo no espaço rural (casas de campo, agroturismo, hotéis rurais) na Madeira e, neste caso, no Funchal.

O Funchal apresenta um conjunto de empresas de animação turística sedeadas um pouco por todas as freguesias do seu território. Ao todo, segundo a pesquisa realizada em Maio de 2014, haviam 92 empresas no Funchal creditadas pela DRTM que prestam múltiplos serviços e produtos de TN. Procedeu-se à seleção dessas empresas analisando uma por uma, dado que o *website* não tem as empresas por concelhos (Tabela III, em Anexos).

No calendário de atividades recreativas do Funchal há espaço para as mais diversas áreas, desde o teatro, ao bailado, à música erudita e às festas populares. Cartazes turísticos por excelência são as Festas da Flor, das Vindimas e do Fim do Ano, sendo a última com maior projeção nacional e internacional (MENDES, 2007).

Todavia, o elemento natureza, de facto, está bem presente no Funchal, também na cultura, pois MARUJO (2013) confirma precisamente isso. Isto porque é facilmente visto em várias vertentes da cultura (toponímia, gastronomia, nos famosos bordados madeirenses, nas festas e romarias religiosas, entre outros). Desta relação com outras áreas, é como o turismo que acaba sempre manifestando-se como um fenómeno multifacetado que interage com tantas áreas e o torna factor de oportunidades e desafios nos territórios.

7. Turismo de/na Natureza no Funchal – procura e oferta

7.1. Caracterização geral do Turismo de Natureza do Funchal

O Turismo de Natureza do Funchal tem uma procura e oferta distintivas no contexto regional, nacional e até internacional. Este acontece maioritariamente no elemento terra, seguido do elemento água, sendo que o elemento ar, não é assim tão praticado, como em outros concelhos da RAM.

Todavia, tanto para quem pratica este tipo de turismo, como para o território do Funchal que recebe fluxos turísticos com motivação primária e secundária a natureza, são evidenciados concretos benefícios muito típicos deste tipo de turismo, encarados e distribuídos em esferas económicas, sociais/culturais, administrativas e até ambientais.

As grandes e diferenciais motivações para a prática de TN no Funchal, são, sem dúvida, o vasto património natural classificado regional/nacional e/ou internacionalmente, tal como a beleza paisagística, amenidade climática, amabilidade das pessoas, as boas infraestruturas/equipamentos de prática de observação e fruição de natureza (Parque Ecológico, percursos pedestres, desportos mais ou menos radicais, alojamentos, teleféricos e outros), bem como o facto da sua localização, por ser capital da RAM e pelo prestígio a isso associado.

Susana Bradford, técnica de turismo da Câmara Municipal do Funchal, que respondeu ao questionário, caracteriza este Turismo de Natureza como aquele que tem alguma tradição e detentor de perspetivas de expansão, com capacidades viáveis e por isso mesmo é fruto de uma aposta segura no presente e no futuro.

Já em relação aos principais produtos de TN do Funchal, Clara Noronha, revelou que no Funchal, os jardins são um dos principais produtos, bem como a área protegida do Parque Ecológico do Funchal, e “uma área de montanha média (Pico do Areeiro)”. Estes três vetores são aqueles que definitivamente potenciam grande parte da oferta de muitas outras atividades de natureza, como a observação e fruição da natureza no seu todo e particularmente na observação de aves/cetáceos, o *canyoning*, e o *trail running*. As levadas e percursos pedestres também têm uma procura considerável, mas não tão alargada como outros concelhos da RAM – Calheta e Santana.

As duas técnicas revelaram que atualmente a atividade que mais se destaca na RAM é a dos passeios a pé, mas gradualmente estão a surgir outros nichos de mercado relacionados com as atividades ligadas à observação de aves, observação de cetáceos, TER, *canyoning*, parapente e asa delta, cicloturismo, que têm vindo a despertar a atenção dos turistas que visitam a RAM.

Igualmente ambas corroboraram no que se refere ao facto de que este tipo de turismo é fulcral para o desenvolvimento económico do município do Funchal e, por isso, deve continuar a ser apostado, integrado no produto turístico *Madeira*. Similarmente, este promove o reforço da identidade cultural dos funchalenses.

Respeitante a procura deste segmento, atendendo as pesquisas, não há dados concretos sobre este elemento, embora seja claro que é um número bastante significativo. Aliás, como já é hábito, não há dados estatísticos sobre a procura de segmentos turísticos particulares, o que é de facto uma pena para nós e para quem quer conhecer mais e melhor as tendências e características turísticas.

São várias as entidades públicas e privadas que promovem atividades ou práticas deste segmento turístico no Funchal, desde associações, empresas, tipologias de alojamento, entre outros. Ao longo dos próximos tópicos faremos a elucidação dessas mesmas entidades.

Quanto aos riscos das práticas turísticas de natureza podemos constatar e refletir que estes estão predominantemente condicionados a fatores como as condições meteorológicas e as características geomorfológicas da ilha (NEVES, 2010). Relembremos um caso atual de turistas alemães que morreram num dos percursos pedestres do Funchal e só os encontraram dias depois. Deste modo, deveria haver um conjunto de medidas que melhorassem as condições de alguns percursos pedestres, tendo em conta as características dos utilizadores, bem como o reforço de vigilância nos espaços rurais/naturais que são altamente visitados/frequentados por turistas e não só (medidas como maior diálogo e estudo face as condições para a práticas turísticas; investimentos para a manutenção da qualidade, segurança e autenticidade da natureza e outros).

7.2. Onde pode acontecer o Turismo de Natureza no Funchal?

7.2.1. Floresta Laurissilva – principal recurso do Turismo de Natureza

A designada Floresta Laurissilva era já apontada em QUINTAL (2007: p. 53) como aquela para além do “interesse paisagístico e das raridades botânicas que alberga, (...) garante a disponibilidade de água para irrigação das terras de cultivo e jardins, abastecimento público e produção de energia elétrica.”

A elevação ao estatuto de Património da Humanidade pela UNESCO, em 1999, foi importante para desenvolver o território, atendendo aos desafios e as oportunidades que dessa classificação sobressaíram.

Com uma área de cerca de 15.000 hectares, a Floresta Laurissilva é distinguida como Reserva Biogenética do Conselho da Europa, Zona de Proteção Especial (ZPE) e Sítio de Interesse Comunitário (SIC) da Rede Natura 2000.

Em relação às espécies mais comuns da Laurissilva, destacam-se as *lauráceas* como o loureiro (*Laurus novocanariensis*), o vinhático (*Persea indica*), o til (*Ocotea foetens*) e o barbusano (*Apollonias barbujana*).

Esta Floresta com tantos atributos e prémios/distinções atribuídas, é o recurso que o Turismo de Natureza mais e melhor pode usufruir para reforçar a qualidade do seu turismo ativo ou menos ativo. São nessas áreas onde o Turismo de Natureza ganha valores e significados mais importantes tanto para a comunidade que detém esse património como para os turistas e visitantes que querem vivenciar das múltiplas espécies e paisagens dignas da fama e popularidade obtidas.

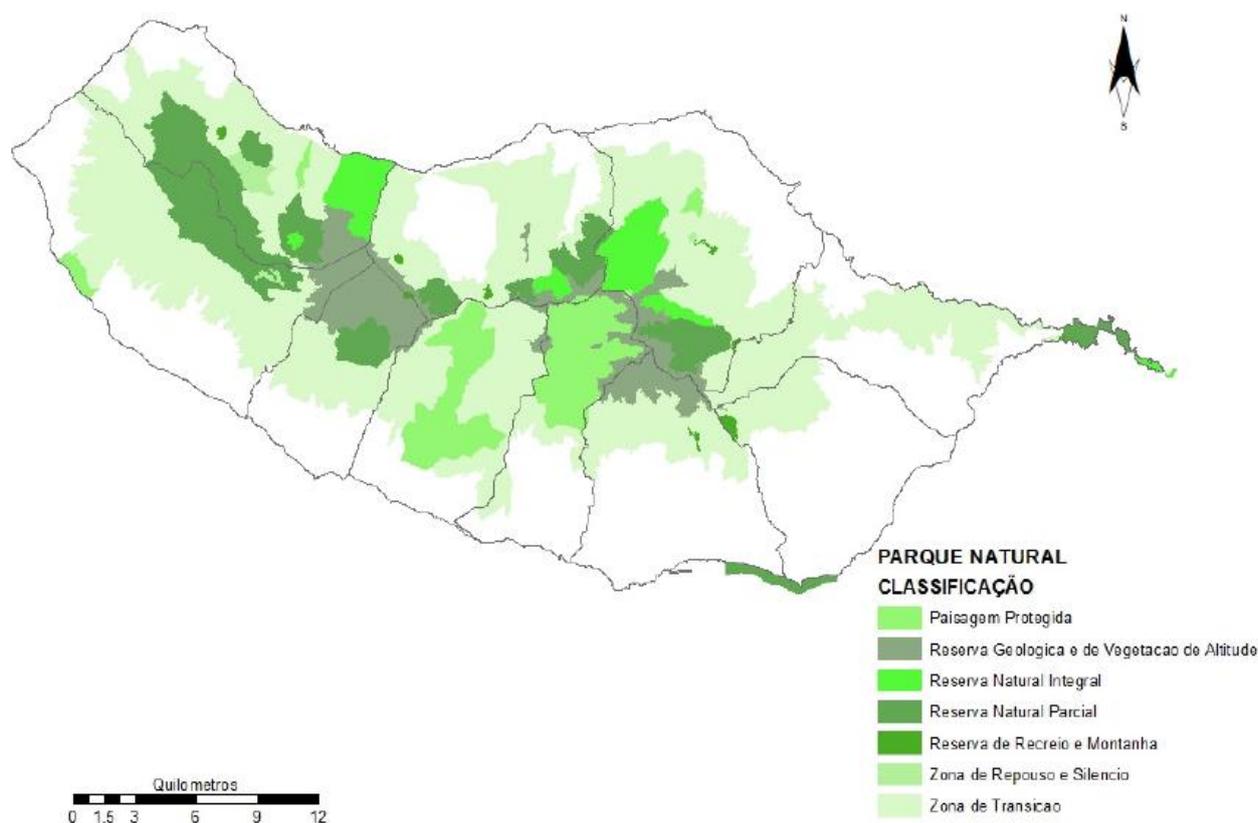
7.2.2. Parque Natural da Madeira

As práticas de TN que acontecem em determinados lugares do Funchal, divergem entre si. À partida, será nas áreas protegidas que essas práticas poderão tornar-se mais interessantes, ricas de qualidade, de educação, interpretação e valorização ambiental. No entanto, noutras áreas que não estão classificadas, também acontecem práticas de TN com valor e qualidade.

Consequentemente, é no PNM (Parque Natural da Madeira) onde as áreas protegidas estão bem delimitadas geograficamente. Este espaço foi criado em 1982, através de Decreto Regional nº 14/82/M, de 10 de Novembro. A sua principal finalidade é a proteção da natureza, da paisagem, do equilíbrio ecológico e da biodiversidade, assim como a promoção da qualidade de vida das populações nele integradas. Com isto, o PNM reúne esforços para ordenar conscientemente o território, valorizar os patrimónios naturais e culturais, promover a biodiversidade, o TN *hard* e *soft*.

Respeitante à disposição geográfica da área classificada do Parque, este encontra-se sobretudo um pouco por todos os concelhos. Dentro da área do parque há outras classificações em vários concelhos, o que obriga à atividade turística a necessidade de ser coordenada e controlada (Figura 10). Em especial para determinadas áreas da ilha, o turismo tem que ser muito mais controlado, como as seguintes e mais relevantes:

- Reserva Natural da Rocha do Navio, em Santana;
- Reserva Natural da Ponta de São Lourenço de Machico;
- Reserva Natural Parcial do Garajau em Santa Cruz;
- Reserva Natural das Ilhas Desertas (pertencente ao concelho de Santa Cruz);
- Reserva Natural das Ilhas Selvagens (pertencente ao concelho do Funchal).



Fonte: <http://www.pnm.pt/> [consultado em: 4/4/2014].

Figura 10: Delimitação espacial das áreas da Ilha da Madeira que compõem o Parque Natural da Madeira.

7.3. Eventos de animação turística da natureza

São várias as marcas espaciais e temporais que algumas atividades e eventos relacionados direta e/ou indiretamente com a natureza são programados pelas mais diversas instituições no Funchal.

Um dos eventos que foi realizado pela Câmara Municipal do Funchal, em 2012, foi o “Festival de Jardins do Funchal”, tendo como palco o Jardim Almirante Reis e a baía do Funchal, em pleno centro histórico e turístico da cidade. O certame teve início no dia 1 de Junho de 2012 e contou com vários participantes, tendo como alvo a população madeirense mas também “chamar” turistas para essa área velha da cidade. O que pretendia este evento, segundo a CMF, era a dinamização do

comércio regional de jardins e espaços exteriores, criar novas oportunidades de negócio na área da jardinagem e paisagismo, promover e divulgar a qualidade ambiental da cidade do Funchal. No entanto, a procura não foi tanta quanto esperada, nem os prémios/subsídios foram os desejados.

Em MADEIRA (2013: b) verificamos outro evento realizado para a promoção do turismo sustentável com vista a motivar os turistas à utilizarem meios de transporte mais sustentáveis e menos poluentes, como é o caso do transporte público. Este evento/passatempo contou com o apoio da Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes (SRCTT), da Empresa Horários do Funchal e teve o nome de “Travel Green and Win”. Este consistiu, pela primeira vez, numa campanha fotográfica até Novembro de 2013, com prémios entregues em Dezembro. Foi uma iniciativa do projeto SEEMORE – cofinanciado pelo Programa Energia Inteligente Europa, da Comissão Europeia.

O Festival de Natureza da Madeira é um novo evento do calendário de animação turística, cuja 1ª edição, foi em Outubro de 2011. Este evento consiste na promoção, durante uma semana, daquilo que a Madeira tem de melhor, em termos de natureza (serra, ar e mar), nos *stands* que são instalados no centro da cidade do Funchal, com informações detalhadas sobre os produtos de TN da Madeira (levadas, desportos radicais, visita de teleféricos...), *vouchers*, passatempos, reservas e compras de atividades na natureza por meio das empresas licenciadas pela DRTM, programação de passeios e outras atividades. O Festival valoriza de forma mais intensiva as áreas protegidas da Madeira, principalmente as que estão relacionadas com a Floresta Laurissilva, acabando de envolver cerca de um milhar de pessoas e um investimento de 50 mil euros do Governo Regional. Neste tipo de eventos de natureza, há uma clara interação com a cultura, uma vez que houve espaço para o arraial madeirense com mostra de artesanato, gastronomia regional e atuação de grupos folclóricos (NOTÍCIAS, 2013; RIBEIRO, 2014).

Em NOTÍCIAS (2013) podemos ver ainda que a terceira edição deste evento, em 2013, foi mais direcionado a um nicho mais ativo. Realizado entre 30 de Setembro e 6 de Outubro e teve como principais concelhos o Funchal e Machico com várias manifestações desportivas, de lazer e culturais com particular ênfase para o *Madeira World Games*. A responsável pelo turismo madeirense revelou que

o *Madeira World Games* (Jogos Internacionais da Natureza) já conta com 500 inscrições e decorrerá em Machico e na freguesia do Porto da Cruz e abarca atividades de *bodyboard*, canoagem, natação em águas abertas, provas de orientação urbana noturna, *trail running* e BTT *endurance*. Nas placas centrais da Avenida Arriaga, na cidade do Funchal, terão lugar também experiências de escalada, circuito natural de BTT, iniciativas de sentir a natureza através de percursos de pés descalços, jogos da natureza e tradicionais como corridas de carros de pau e de verga entre outros.

A Festa da Flor é outro grande evento que ocorre no Funchal. Este ano com o tema: “Mãe, um mundo de flores para ti”, do dia 1 ao dia 11 de maio de houve várias atividades, desde atuações de grupos folclóricos, tapete de flores, à exposição de flores para vender. Esta festa apesar de ter uma grande vertente cultural, utiliza muito a natureza seja por meio do seu principal recurso – flores, seja por meio de outros recursos como espaços verdes e naturais e elementos patrimoniais da Floresta Laurissilva. Também, este evento congrega uma procura significativa de turistas, embora não tendo dados, sabe-se de antemão pois as taxas de ocupação de hotéis tendem a subir (Figuras XIII, XIV, XV e XVI, em Anexos).

O *Madeira Island Open Golfe* é um evento de golfe que não é mais que o torneio de golfe que todos os anos está integrado no *Main Tour da PGA European Tour*. Todos os anos entre março e abril, ocorre num dos campos de golfe na RAM (Ilha da Madeira e do Porto Santo) e pelo que consta atrai uma afluência significativa de clientes, profissionais do golfe, curiosos e outros.

Outro evento com carácter mais irregular, é o “Madeira Awaits You”. Este foi apresentado no Parlamento Europeu, com as presenças do Vice-presidente do Governo Regional, João Cunha e Silva, e da Secretaria Regional da Cultura, Turismo e Transportes, Conceição Estudante, para dar a conhecer o destino Madeira (Vinho Madeira; artesanato; o bordado e a natureza). Contou com a presença de vários madeirenses e o apoio de outras entidades governamentais como a Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais (SRARN) (SOARES, 2013).

Igualmente, todos os anos a Madeira acolhe o MIUT (*Madeira Island Ultra Trail*) prova de corrida de montanha composta por diferentes percursos e níveis de exigência, com grande afluência de atletas nacionais e estrangeiros.

Por fim, destacam-se eventos de caráter mais particular, nas levadas do município, algumas vezes ao longo do ano, são organizados por escolas e pela autarquia do Funchal.

Estes e outros eventos são positivos para animar o comércio local, a ocupação hoteleira em geral, como costumam referenciar o Diretor Regional de Turismo da Madeira Bruno Freitas e Conceição Estudante, a Secretária Regional da Cultura, Turismo e Transportes (RIBEIRO, 2014).

7.4. Meios de difusão/marketing do Turismo de Natureza no Funchal

A maneira ou as maneiras de como o Funchal promove as suas potencialidades em termos de Turismo de Natureza são encaixadas em diversas categorias, tal como acontece com a promoção que é feita da Madeira.

Segundo a “Estratégia Promocional do Destino Madeira”, o Turismo de Natureza da Madeira/Funchal, enquadra-se no produto Madeira que por sua vez é composto por Produtos ‘Core’: *Touring* Cultural e Paisagístico, Sol e Mar, Turismo de Natureza; Produtos de redução de sazonalidade: Turismo de Negócios, Turismo Náutico; Produtos que diversificam a oferta: Saúde e Bem-estar, Golfe. Assim sendo, o desenvolvimento dos produtos turísticos da Madeira passa pelo trabalho conjunto entre a DRTM e a APM, com a realização de projetos, de campanhas publicitárias e da presença em diversas feiras de turismo, *workshops* e outros eventos. Os canais de distribuição são tantos que passam pelas companhias aéreas, operadores turísticos, agências de viagens e divulgação nas redes sociais e tecnologias da informação como:

- YOUTUBE Turismo da Madeira – <http://www.youtube.com/user/APMadeira>;
- Issuu Turismo da Madeira – <http://issuu.com/apmadeirapt>;
- Página web: www.visitmadeira.pt;
- Microsites estratégicos: www.gotomadeiradk.com;
www.gotomadeirafi.com; www.gotomadeirase.com.

De 2013 para 2014 têm-se multiplicado as campanhas promocionais do destino Madeira como destino de férias e de natureza ativa. Com esta observação, em seguida, valorizamos as ações de promoção do TN do concelho em estudo.

Em 2013, a Madeira foi promovida nos canais televisivos “Eurosport Internacional” e “Eurosport 2”, através de 140 *spots*, de 20 segundos, para atrair os seus telespetadores e utilizadores (alcance médio diário de 26,5 milhões, num total de 100 milhões de lares em mais de 50 países, daí que a campanha fosse emitida em 20 idiomas diferentes, tal como no *website* da *Eurosport*) (MADEIRA, 2013: a).

A OMT convidou a SRCTT (Secretaria Regional da Cultura, do Turismo e dos Transportes) da Madeira para participar no Fórum das Regiões que teve lugar em Setembro de 2013, na qual o Diretor Regional de Turismo (Bruno Freitas) fez uma apresentação do destino, fazendo alusão às boas praticas que a Madeira ostenta em matéria de sustentabilidade. Este facto é mais um exemplo de como a Madeira é promovida no exterior e assim consegue avaliar ofertas do exterior estabelecer relacionamentos com agentes e operadores turísticos (MADEIRA, 2013: b).

Uma campanha de publicidade para atrair turistas nacionais, foi feita pelo Turismo de Portugal e pelo canal televisivo “TVI”. Este projeto promoveu no canal de televisão, pequenos vídeos de várias regiões de Portugal. O vídeo promocional da Madeira consistiu numa publicidade, que, por meio de um ator (Diogo Amaral), promoveu o destino Madeira como aquele com atratividades naturais e culturais.

Em janeiro de 2014, arrancou uma campanha promocional internacional, da DRTM, para promover a Madeira como destino de férias para todo o ano. Com o mote “Madeira, all year round”, colocaram no *Youtube* do Reino Unido, um vídeo de 30 segundos da Madeira, tendo ligação com outros vídeos da Madeira. Segmentada por nacionalidades, esta campanha promoveu e promove a Madeira no *google* como destino de férias para todo o ano, decorrendo nos mercados prioritários (Alemanha, Reino Unido, Áustria, França, Bélgica, Holanda e Escandinávia). Por consequência, foi criado um *microsite* sobre a Madeira, onde os visitantes podem encontrar informação genérica sobre o destino e conteúdos especificamente relacionados com o Turismo de Natureza, o *Wellness* e o *Touring Cultural* e Paisagístico. Decorreram campanhas no *TripAdvisor* Alemanha e no *Tripadvisor* Reino Unido, até junho de 2014 (MADEIRA, 2014: a).

De acordo com a APM, no dia 7 de maio de 2014, foram lançados dois projetos, que não são mais que *websites*. Um dos *websites* www.madeiraspas.pt destina-se à comercialização de produtos e serviços de *spas*, e foi feito com financiamento público/privado, tal como tem vindo a acumular alguns sócios/parceiros. Já o “Turismo Ativo Madeira” - www.exploremadeira.pt - é um *website* com uma componente apenas mais informativa, mas pelo que consta, será integrada a vertente comercial com a delineação de parceiros de toda a ilha.

Em complementaridade, a DRTM apresentou-se na Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL), deste ano, com um *stand* de 504 m², recheado de apresentações de várias organizações regionais a explicar as potencialidades da Madeira, com passatempos, provas gastronómicas e outros aspetos relacionados direta e indiretamente com o tema a Natureza, o Turismo Ativo (MADEIRA, 2014: b).

Todavia, segundo novamente a APM, o destino Madeira também esteve presente na 34^a Edição da Feira de Turismo *World Travel Market*, em Londres. Aí, foram apresentados produtos ligados às atividades na natureza, as quintas da Madeira e, ainda, a oferta cultural - museus e festivais.

8. Práticas de Turismo de Natureza no Funchal

8.1. Observação e fruição da e na natureza

Há várias maneiras de turistas e até mesmo residentes e visitantes observarem e fruírem na e da natureza no Funchal. Exemplificam-se os miradouros, teleféricos, as levadas, os jardins e os múltiplos desportos de natureza que mesmo com claras relações com a cultura, têm afinidades com a natureza.

Nas freguesias do Funchal encontram-se ver vários miradouros (cerca de 46) que são paragem quase que constante de turistas, residentes e visitantes que, através desses locais, podem desfrutar de paisagens e vistas distintas da costa do Funchal, das serras, de fauna e flora e até de pessoas. Entre os miradouros mais importantes destacam-se os miradouros apontados pela DRTM (Tabela II, em Anexos).

Além disso, o concelho do Funchal tem um Parque Ecológico, o qual foi instituído em 1994, por iniciativa da CMF e encontra-se aberto todos os dias. Com objetivos muito próprios, ligados à conservação da natureza, à promoção da educação ambiental e à disponibilização de infraestruturas para o recreio e lazer dos visitantes. É um espaço que tem cerca de 10 km², situado no norte da cidade do Funchal, entre os 470 metros de altitude e os 1818 metros de altitude no Pico do Areeiro. A par disto, tem atributos como a diversidade orográfica, as belas paisagens, os parques de merendas e as boas acessibilidades. Este espaço possui os “poços da neve”, ímpar património construído que eram utilizados para guardar o granizo e a neve, sendo depois usado para conservar alimentos (CMF; António Ferro; Clara Noronha; FAGUNDES, 2008), (Figuras XIX até XXV, em Anexos).

FAGUNDES (2008: p. 13) refere ainda que este parque “está classificado como área protegida (...) e possui ainda estatutos de conservação de âmbito internacional: ZPE (Zona de Proteção Especial), IBA (*Important Birds Area*) e SIC (Sítio de Interesse Comunitário), estando incluído na rede Natura 2000.”

O Funchal possui duas grandes linhas de teleféricos que são frequentemente utilizadas sobretudo por turistas, por vezes mais do que uma vez durante a sua estada. Estas duas linhas de teleféricos, possibilitam a observação de múltiplas paisagens, com ou sem intervenção humana. São eles:

- O teleférico do Jardim Botânico tem 12 cabinas para um máximo de 8 pessoas que em cerca de 9 minutos permite chegar ao Jardim Botânico à localidade das Babosas (Monte), oferecendo aos clientes um percurso panorâmico com vistas privilegiadas sobre a baía do Funchal e sobre o Vale da Ribeira de João Gomes, local de rara beleza natural com exemplares da Laurissilva (Figura 11).
- O teleférico do Funchal/Monte é aquele que é mais utilizado por se localizar bem no centro da cidade e prolongar-se até ao Monte. Esta viagem oferece magníficas vistas panorâmicas desde o Funchal até ao Monte. Apresenta 39 cabines de 7 lugares e permite os turistas tirarem suas fotos sobre as paisagens que veem durante aproximadamente 15 minutos, com o preço para adulto em ida e volta de 15 euros (Figura 12).

Os Carreiros do Monte constituem uma prática que proporciona a tradicional descida turística em cestos de vime, desde o século XIX, onde os habitantes do monte usavam para chegarem rapidamente ao centro do Funchal. São das principais atrações turísticas da ilha/Funchal. Os carros são conduzidos por dois homens vestidos a rigor com trajes brancos num percurso de 2km com duração de aproximadamente 10 minutos. Nesse tempo é frequente viver a natureza, em bom estado, tanto para tirar fotografias como para filmar. Tem um preço de 12,50 € por descida e por pessoa (Figura 13).



Fontes: Edson Maiero (11 e 13) e elaboração própria (12).

Figuras 11, 12 e 13: Ilustrações do Teleférico do Jardim Botânico, do Funchal/Monte e dos Carreiros do Monte.

8.2. Levadas e percursos pedestres

O Funchal possui algumas levadas e percursos pedonais, sendo que atendendo à realidade local da Madeira, há outros concelhos onde a prática de pedestrianismo é maior, como é caso da Calheta e de Santana, fora que possuem mais percursos pedonais e levadas recomendadas pela DRTM que este.

É em QUINTAL (2005: p. 1) que vemos as levadas como canais de irrigação, enquanto “ricas peças do património cultural da Ilha da Madeira e a expressão viva

de como foi possível a intervenção humana sem criar ruturas significativas no funcionamento dos ecossistemas”. É através delas que é possível descobrir recantos de beleza indescritível, integradas ou não, na Floresta Laurissilva daí a grande potencialidade da Ilha da Madeira no pedestrianismo.

Em relação ao aparecimento das primeiras levadas, temos que apontar o século XV, no qual os primeiros povoadores começaram a construir várias em diversos pontos da ilha, até porque no século XVI, já “era grande a fama da valentia e sabedoria dos trabalhadores madeirenses que construíaam as levadas, que rasgavam as rochas duras abrindo novos caminhos para a água” (QUINTAL, 2007: p. 42). Essas levadas desde cedo tinham o objetivo de potenciar a prosperidade agrícola, trazendo água da costa norte para a costa sul, que era e é menos abundante em precipitação e água conservada (MARUJO, 2013; QUINTAL, 2007)

Consequentemente e como seria de esperar, a RAM “foi pioneira na aprovação de legislação relativa aos percursos pedestres. Com efeito, o Decreto Legislativo Regional nº 7-B/2000/M, estabelece os percursos pedonais recomendados naquela Região” (BRAGA, 2007: p. 69). Este decreto classifica todos os percursos recomendados como pequenas rotas, aprova o modelo dos painéis informativos e toda a sinalética; atribui responsabilidades pela manutenção, fiscalização e sinalização à Direção Regional de Florestas, ao Parque Natural da Madeira, às autarquias locais e às entidades gestoras de levadas, bem como criou uma comissão de acompanhamento de trabalhos (BRAGA, 2007).

Segundo o Guia da Madeira e do Porto Santo, a RAM tem mais de 20 percursos recomendados pela DRTM, dos percursos existentes no concelho do Funchal, sobressaiam PR1 – Vereda do Areeiro (Pico do Areeiro – Pico Ruivo); PR3- Vereda do Burro (Pico do Areeiro – Ribeira das Cales); PR3.1 – Caminho Real do Monte (Ribeira das Cales – Monte); PR4. Levada do Barreiro (Poço da Neve - Casa do Barreiro). Contudo, António Olival, um dos técnicos do Parque Ecológico do Funchal, explicou-nos que “um dos motivos da não divulgação pelo Parque Ecológico do Funchal/CMF dos percursos pedestres na sua área de gestão (PR3; PR3.1 e PR4) é porque não existem como tal (Percurso Pedestre – Infraestrutura para a prática desportiva, turística e ambiental), somente como acessos locais para as atividades quotidianas da captação e transporte da água e outras na área da

manutenção florestal e outros trabalhos de conservação. Posto isto, o único percurso pedestre em razoável condição de exequibilidade é o Ribeira das Cales - Monte - Babosas, no entanto, por não se encontrar totalmente sinalizado não está divulgado para além das utilizações que acima referi. Os que existiam no passado, devido aos acontecimentos relacionados com as catástrofes ocorridas em 2010 (cheias e incêndio) e todas as alterações que se registaram no estado dos itinerários e fauna e flora.

O percurso 1 - Vereda do Areeiro - é um trilho com 7 km, com duração de três horas e meia, liga os dois picos mais altos da Madeira (Pico Ruivo e Pico do Areeiro). O percurso tem levadas e é repleto de túneis, declives acentuados, grutas e paisagens do maciço montanhoso central. É um percurso com início no Miradouro do Pico do Areeiro e fim no Pico Ruivo, que permite observar o vale da Fajã da Nogueira onde nidificam os patagarros (*Puffinus puffinus*), o tentilhão (*Fringilla coelebs madeirensis*) e o bisbis (*Regulus ignicapillus madeirensis*). Neste local ocorre a nidificação da espécie endémica freira da Madeira (*Pterodroma madeira*), considerada a ave marinha mais ameaçada da Europa e é a espécie mais atrativa e protegida deste local (Figuras 14 e 15) (Figuras XXX, XXXI e XXXII, em Anexos).



Fontes: CMF e EcoCampanário, respetivamente.

Figuras 14 e 15: Ave freira da Madeira (*Pterodroma madeira*).

Não obstante, há outros tantos percursos no Funchal que são frequentados por turistas e evidentemente por residentes com motivos variados como o lazer, trabalho (agrícola) e até por motivos religiosos, deslocando-se através deles para irem a festas e romarias religiosas. QUINTAL (2005) dá-nos exemplos de alguns dos percursos que ele realizou no Funchal, que são gratuitos e públicos, destacando-se entre tantos os seguintes:

- Largo da Fonte > Largo das Babosas > Levada dos Tornos> Curral dos Romeiros> Caminho do Curral dos Romeiros> Largo das Babosas > Largo da Fonte.
- Largo da Fonte > Largo das Babosas > Caminho do Curral dos Romeiros > Ribeira de João Gomes > Levada do Bom Sucesso> Capela do Bom Sucesso.
- Casa da Ribeira das Cales > Miradouro do Pico Alto> Levada das Cales > Viveiro Florestal de Plantas > Casa da Ribeira das Cales.
- Casa da Ribeira das Cales > Miradouro Pico Alto > Levada das Cales > Arrebentão> Terreiro da Luta > Monte.
- Pico do Areeiro > Miradouro do Juncal > Miradouro do Ninho da Manta> Pico do Areeiro.

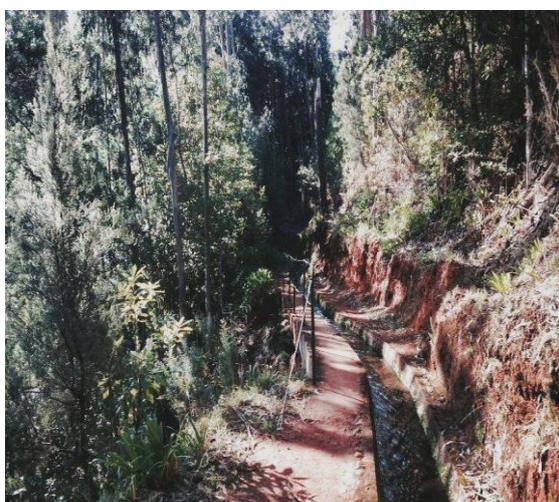
Já de acordo com a CMF, o Funchal é detentor de 5 percursos pedestres que são muito utilizados para agricultura, para lazer e desporto, tal como pelos turistas (Tabela VI, em Anexos). Aqui destacam-se os seguintes percursos:

- Do Monte ao Bom Sucesso;
- Do Monte à Camacha;
- Levada dos Piornais;
- Levada do Curral e Castelejo;
- Caminho da Neve.

Destes percursos/levadas, as principais são a Levada do Curral e Castelejo e a Levada dos Piornais. A primeira permite ao praticante um passeio com algum risco e necessidade de atenção ao percurso que se encontra um pouco degradado, sem varanda nas bermas do percurso. A Levada dos Piornais é de realização mais fácil,

na qual, ao longo de cerca de um quilómetro surgem alguns precipícios. Lado a lado vivem plantas indígenas e plantas exóticas como a tabaqueira e a cana vieira.

Também, as levadas dos Piornais e Curral e Castelejo, duas das levadas mais antigas e que se mantêm como propriedade de heréus (o recurso hídrico pertence a proprietários privados), continuam a ser as principais fornecedoras de água aos espaços verdes da zona oeste. Estas levadas distribuem água em diversos locais do Funchal como o Hospício Princesa D. Amélia, vários hotéis (Hotel Cliff Bay, Hotel Pestana Casino Park, Hotel Pestana Village, Hotel Reid), cemitérios e quintas (Quinta da Bela Vista) (QUINTAL, 2007) (Figuras 16, 17, 18 e 19).



Fontes: Elaboração própria (16 e 17) e Nélcio Simões (18 e 19).

Figuras 16, 17, 18 e 19: Ilustrações da Levada do Curral e Castelejo; Imagens da Levada dos Piornais com alguns turistas/visitantes.

Por fim, em maio de 2014 a SRARN estava a começar o processo de candidatura das levadas da Madeira a Património Mundial da Humanidade da UNESCO, agendada para ser entregue em 2017, por terem grande e distinta importância cultural e natural, valor estético excecional e a grande harmonia entre o Homem e a Natureza. Se de facto forem consideradas património mundial, trará mais-valias para a Madeira, sendo claro a necessidade de planeamento e de controlo do turismo.

8.3. Turismo em espaço rural (turismo de habitação)

O turismo em espaço rural e o turismo de habitação no Funchal tem alguma procura baseada numa oferta diversificada neste concelho. Atendendo a Paulo Camacho, através da SRTTC, o TER da Madeira, teve, em 2013, num total de 50 estabelecimentos de TER, em toda a RAM, uma subida em cerca de 10%, com mais de 56 mil dormidas em relação a 2012, sendo a Holanda, a França, Suíça e Alemanha os países que mais contribuíram para esse aumento.

Importa salientar que o Decreto Legislativo Regional n.º 12/2009/M refere que os empreendimentos de turismo de habitação, empreendimentos de turismo no espaço rural e moradias turísticas podem ser considerados como empreendimentos de turismo de natureza devendo “obedecer aos requisitos de instalação, classificação e funcionamento previstos para a tipologia adotada”. Apesar de, no que respeita às unidades de hospedagem, as moradias turísticas se englobarem em empreendimentos de turismo de natureza, o estudo que nos propusemos a desenvolver incidiu nas restantes modalidades expostas.

Neste aspeto, o POT refere que “a distribuição territorial e as características dos empreendimentos turísticos”, sendo que estes devem adequar-se “às realidades paisagísticas e históricas das diversas zonas da Região”.

De seguida, elucida-se os principais empreendimentos turísticos em termos de alojamento que são aqueles que mais são divulgados e melhores condições oferecem aos clientes. A maior parte dos alojamentos existentes no Funchal têm como serviços/produtos jardins com espécies de flora diversificadas, animais de

estimação e outros piscinas e percursos pedestres (levadas). Esses estabelecimentos proporcionam experiências na natureza para os seus clientes.

No Madeira Rural – Associação o de Turismo em Espaço Rural da Madeira – enquanto entidade privada, são apresentados várias tipologias de alojamento rural, sendo que são alojamentos muito diferentes uns dos outros, atendendo ao tipo de cliente que conseguem atrair (perfil muito diversificado, desde clientes para férias relaxantes, clientes para a realização de desportos ativos, família, casais, etc.). Deste modo, são apontados os seguintes estabelecimentos rurais do Funchal (também presentes na Tabela V, em Anexos): Casa do Papagaio Verde; Apartamentos de férias Vila Marta; Aparthotel Quinta Mãe dos Homens; Quintas Devónia e da Fonte, bem como a Casa Vila Calaça.

8.4. Espaços verdes (jardins e parques)

O Funchal é visto, vendido e produzido como “cidade-jardim”, precisamente pelos seus múltiplos espaços verdes e naturais, que são dos mais visitados e apreciados de toda a Ilha da Madeira. Aqui o Turismo de Jardins, tem algum impacto no território. Com isto, Clara Noronha e Susana Bradford, confirmaram a existência de um grande número de jardins e parques no Funchal. São cerca de 35 jardins, públicos e/ou privados, dos quais alguns têm entrada livre, podendo ter (alguns) registo do número de visitantes (Tabela IV, em Anexos).

CARVALHO e SILVA (2013: p. 642) reforçam a ideia de que o designado “Turismo de Jardins” está bem visível e é bastante realizado na Madeira/no Funchal, dado que toda a ilha tem ganho pontos “graças à qualidade paisagística e à grande riqueza florística [dos jardins], com mais de meio milhão de visitantes com entradas pagas”.

Este concelho é repleto de jardins modernos e pós-modernos, definidos com base em ANDRADE (2008), uma vez que há jardins marcados pela racionalidade, classicismo, formalismo e outros (por exemplo patente na geometria do todo e na linearidade dos percursos – jardins modernos), bem como jardins pós-modernos

marcados pelo caráter romântico, informal e dramático (exemplo do Jardim Monte Palace de Joe Berard).

Todavia, há jardins especializados por uma ou algumas espécies e daí adquirem o seu nome. Temos o exemplo do Jardim Orquídea, na freguesia de Santa Maria Maior, que reúne várias espécies desta flor tão bonita; a *Hortensia Gardens*, da freguesia de São Gonçalo, os quais possuem várias hortênsias (*Hydrangea macrophylla*) e o Núcleo dos Dragoeiros das Neves, também em São Gonçalo, com uma coleção de dragoeiros (*Dracaena draco*).

QUINTAL (2007) faz ainda na sua obra uma organização dos jardins existentes e mais atrativos do concelho do Funchal, subdividindo-os em 5 categorias: Jardins do Centro (Parque de Santa Catarina; Jardins da Quinta Vigia; Jardim do Hospício da Princesa D. Maria Amélia; Jardim da Quinta das Cruzes; Jardim da Pousada da Juventude; Jardim de Santa Luzia; Jardim do Campo da Barca; Jardim do Almirante Reis); Jardins do Setor Ocidental (Jardim da Quinta Magnólia; Jardim Panorâmico; Jardim Público da Ajuda); Jardins do Setor Oriental (Jardim do Miradouro Vila Guida; Jardim da Quinta da Boa Vista; Jardim Botânico; Jardins da Quinta do Palheiro Ferreiro); Jardins do Setor Intermédio (Jardim da Quinta Palmeira; Jardim da Quinta do Poço; Jardins da Universidade e do Tecnopólo); Jardins do Monte (Parque Municipal do Monte; Jardim Tropical Monte Palace; Jardins da Quinta do Imperador).

Há também outros tantos jardins presentes em alojamentos turísticos do Funchal, como fortes atrativos turísticos da oferta desses mesmos alojamentos, com uma singularidade e expressividade patente em espécies essencialmente de flora bastante diversificadas. A este respeito, QUINTAL (2005: p. 149) diz-nos que:

“pela sua qualidade paisagística e riqueza botânica, merecem igualmente ser destacados os jardins dos seguintes hotéis e estalagens: Hotel Reid, Hotel Savoy, Hotel Quinta das Vistas, Hotel Cliff Bay, Hotel Porto Mare, Hotel Pestana Village, Hotel Pestana Casino Park, Estalagem Jardins do Lago, Estalagem Quinta da Boa Vista, Estalagem Quinta da Casa Branca, Estalagem Quinta do Monte.”

Relativamente às espécies que estão presentes nos jardins do Funchal, destacam-se mais de duas mil espécies ornamentais. Existem espécies dos mais variados pontos do planeta, que se adaptaram “bem” quando foram introduzidas por famílias estrangeiras nas suas quintas e jardins, com destaque para:

“a palmeira-das-canárias (*Phoenix canariensis*) e o cardeal ou hibisco (*Hibiscus rosa-sinensis*) são as espécies mais frequentes nos jardins do Funchal. Depois surgem a estrelícia (*Strelitzia reginae*), a sevadilha ou loendro (*Nerium oleander*), os agapantos ou coroas-de-henrique (*Agapanthus praecox* ssp. *Praecox*), a acálifa ou folha-de-cobre (*Acalypha wilkesiana*), as buganvílias (*Bougainvillea glabra*, *Bougainvillea spectabilis*, *Bougainvillea* cvs.), o drageiro (*Dracaena draco* ssp. *Draco*), a magnólia (*Magnolia grandiflora*), a bananeira-de-flor (*Canna x generalis*), a canforeira (*Cinnamomum camphora*), o jacarandá (*Jacaranda mimosifolia*), o til (*Ocotea foetens*), a abélia (*Abelia x grandiflora*), o esparto-de-folha-miúda (*Asparagus setaceus*), a sumaúma (*Chorisia speciosa*), (...), a chama-da-floresta (*Spathodea campanulata*), o barbusano (*Apollonias barbujana*), o loureiro (*Laurus novocanariensis*), plátanos (*Platanus x acerifolia*), as faias-europeias (*Fagus sylvatica*), os carvalhos (*Quercus robur* e *Quercus rubra*) e os massarocos (*Echium nervosum* e *Echium candicans*) (QUINTAL, 2007: pp. 5-6) (Figura 20).



Fonte: Elaboração própria a partir de imagens do Google e da CMF.

Figura 20: Elucidação de algumas das principais espécies de flora dos jardins do Funchal – sevadilha, cardeal, estrelícia, agapantos, palmeira das Canárias, magnólia, til, massarocos, barbusano, respetivamente.

Finalmente, dos jardins mais visitados por turistas, visitantes e residentes da Ilha, destacam-se dois, sendo eles o Jardim Botânico, os Jardins do Palheiro Ferreiro e o Jardim Tropical Monte Palace. CARVALHO e SILVA (2013: p. 642) confirmaram que esses três jardins, em 2008, ascenderam às 620.673 visitas, das quais 583.583, foram pagas, com uma receita superior a 3,5 milhões de euros. Estes são de facto os jardins com grande dimensão do Funchal, aliada a grande imponência e boa localização dos mesmos.

8.4.1. Dois casos particulares: Jardim Tropical Monte Palace e Jardim Palheiro Golfe/Estate

Neste tópico são abordados e caracterizados dois dos jardins mais famosos e visitados da Ilha da Madeira e do Funchal. São eles o Jardim Tropical Monte e o Jardim do Palheiro Ferreiro/Estate.

O Jardim Tropical Monte Palace é do século XIX, quando em 1897, Alfredo Guilherme Rodrigues, adquiriu a propriedade, construiu uma residência, que mais tarde foi convertido em hotel com o nome "Monte Palace Hotel" . Este hotel foi visitado por pessoas nacionais e estrangeiras eminentes que apreciavam e gozavam do ambiente natural e das paisagens deslumbrantes do Funchal. Em 1943, Alfredo Guilherme Rodrigues faleceu e o edifício foi tomado por uma instituição financeira – "Caixa Económica do Funchal" .

Bem mais tarde, precisamente em 1987, o Monte Palace Hotel foi vendido para o empresário José Manuel Rodrigues Berardo, que por sua vez doou à Fundação que ele criou.

Desde a aquisição, fixaram-se plantas exóticas nativas de vários países e plantas nativas da Laurissilva. Fizeram-se dois lagos com mais de 300 mil litros de água também foram construídos para a fixação de peixes de várias espécies e cores. As pistas de jardim foram adornadas com blasonaria, pedras quadradas, janelas, nichos, pagodes, budas, lanternas de diferentes partes do mundo e esculturas em pedra natural. Ao passear pelo jardim, podem-se ver mais de 160 azulejos vidrados de terracota, intitulado "A aventura do Português no Japão", e um grupo de 40 painéis sobre a História de Portugal (Figura 21).

O Jardim Tropical Monte Palace ocupa uma área de 70.000 m² e abriga uma coleção de plantas exóticas, provenientes de todo o mundo. Tendo também várias obras de arte pelo jardim, oferece vistas deslumbrantes sobre a Baía de cidade do Funchal e para o oceano Atlântico.

No lago central, o visitante também pode admirar a beleza e majestade dos cisnes, originários da Austrália, Tasmânia e Nova Zelândia, e os cisnes brancos selvagens têm a sua origem na Islândia e na Escandinávia.

Este jardim compõe-se igualmente pelo museu no edifício central, de seu nome “Museu Monte Palace”, o qual tem três grandes salas, com inúmeras obras de arte, representadas com mais de mil esculturas distribuídas em dois andares do museu. O último piso é preenchido de coleções minerais reunidos de vários países por onde o fundador passou.

Relativamente aos preços, crianças até 15 anos têm entrada gratuita desde que entrem com adultos. Depois há o preço de 10 euros para todas as pessoas, sem política de descontos ou promoções.

Os Jardins do Palheiro Golfe situam-se a 500 metros de altitude. São um dos jardins mais bonitos da Iha da Madeira, e hoje fazem parte do Palheiro Estate, integrando-se nele uma Casa de Chá, um Campo de Golfe, o Palheiro Village e as estufas de orquídeas da *Floralis*.

A história deste jardim remonta ao século XIX, mais concretamente em 1801, quando o Conde Carvalhal detinha uma propriedade e construiu uma estância de caça e organizou toda a plantação de árvores, plantas e flores de várias partes do mundo. Já mais para os finais deste século a propriedade dos jardins passou para a família Blandy. Igualmente passaram por aqui várias figuras da monarquia e república portuguesas e estrangeiras.

Neste jardim há uma coleção avultada de camélias, o Ribeiro do Inferno, o Jardim das Rosas, o Jardim da Senhora e a área da Casa de Chá. Igualmente surgem auracárias (*Araucaria angustifolia*), metrosideros (*M. polymorpha*), sequóias (*Sequoia sempervirens*); entre as flores e arbustos, salientam-se as rosas, próteas, massarocos endémicos (*Echium candicans*) entre outras (Figura 22).

A visita a este jardim permite-nos vivenciar vários cheiros, cores, tanto nas flores existentes como nos vários lagos com nenúfares e canteiros enfeitados.

Quanto aos preços praticados, cingem-se ao bilhete normal, fixado em €10,50; para jovens entre 15-17 anos - 4 euros; já para grupos com 10 ou mais pessoas, estes têm desconto de 10% do bilhete normal de adultos e as crianças têm bilhetes gratuitos.



Fonte: CMF.

Figuras 21 e 22: Jardim do Palheiro e Jardim Oriental do Jardim Monte Palace.

8.5. Observação de vida selvagem

Um pouco por todo o concelho do Funchal é possível observar animais, flores, plantas e árvores de várias tipologias, com o objetivo de apreciar espécies de fauna e de flora, mas também e cada vez mais de caráter profissional, com vista a investigarem certas espécies e seus *habitats* (Figuras XXXV até XLI, em Anexos).

A observação de cetáceos que é uma atividade que é oferecida por várias empresas sedeadas no Funchal, desemboca numa experiência bem interessante e para os que procuram essa atividade.

No Funchal, algumas empresas como a “Rota dos Cetáceos”, “Nau de Santa Maria” e o “Madeira Catamaram”, possuem equipas de profissionais bem competentes e que possibilitam aos turistas/clientes a identificação, caracterização de mais de 25 espécies marítimas que se encontram presentes pelo concelho e não só. As duas últimas empresas, por exemplo, fazem diariamente excursões a partir do Funchal, com os barcos tendencialmente com números consideráveis de turistas, que ambicionam essencialmente nadar e observarem as espécies mais comuns como o golfinho comum (*Delphinus delphis*); o golfinho pintado (*Stenella frontalis*); o golfinho roaz (*Tursiops truincatu*); o cachalote (*Physeter macrocephalus*) e a baleia piloto (*Globicephala macrorhynchus*) (Figuras 23 e 24).



Fontes: AbsolutoPortugal e elaboração própria, respetivamente.

Figuras 23 e 24: Elucidação de um dos barcos da *Madeira Catamaran* e visionamento da *Nau de Santa Maria*, a partir do Forte de São José, no Funchal.

A par da observação de espécies marítimas habitualmente alguns clientes fazem outras atividades como o mergulho. O Governo Regional da Madeira regulamentou, através de uma portaria, a observação de cetáceos na região, criando áreas excluídas de observação e um número máximo de plataformas e de viagens diárias admitidas face ao impacto causado pela presença humana. De acordo com a portaria, as plataformas – embarcações utilizadas pelos operadores autorizados – que podem exercer o direito de fazer as viagens diárias são 37 e as viagens estão limitadas a três por dia. A portaria define também uma zona de "área de exclusão da atividade de observação de cetáceos, com a área total de 1.021 quilómetros quadrados" que, de acordo com o mapa publicado, é delimitada a norte da ilha pela Ponta Delgada, e a sul, pela Ponta de São Lourenço (MADEIRA, 2014: d).

A empresa *Mountain Expedition* organiza para os seus clientes expedições de *safaris* em toda a Ilha da Madeira para a observação de formas de relevo, espécies de flora e de fauna. A rota estabelecida no concelho do Funchal, compreende um

preço de 32 euros e permite a observação de animais terrestres e aves como a freira da Madeira.

A observação de aves é outra experiência que pode ser bem gratificante no Funchal. No Funchal são inúmeras as possibilidades de observação de aves terrestres ou marinhas, algumas delas raras no mundo. A variedade e a especificidade do seu ecossistema, torna alguns locais, excelentes pontos de observação de aves nidificantes e migradoras, tais como FARIA (2006) aponta:

- O tentilhão (*Fringilla coelebs madeirensis*);
- Aves terrestres como o pombo trocaz (*Columba trocaz*), o corre-caminhos (*Anthus berthelotii*), a manta (*Buteo buteo harterti*) e o francelho (*Falco tinnunculus canariensis*) e muitas aves marinhas como a freira do Bugio (*Pterodroma feae*), a cagarra-de-cory (*Calonectris diomedea*), o patagarro (*Puffinus puffinus*), o pintaíno (*Puffinus assimilis*), a cagarra-de-colarinho (*Puffinus gravis*), o roque de castro (*Oceanodroma castro*), a gaivota de patas amarelas (*Larus michahellis atlantis*), a gaivota d'asa escura (*Larus fuscus*);
- Tem vários exemplos de espécies nidificantes como o patagarro (*Puffinus puffinus*), fura-bardos (*Accipiter nisus granti*), manta (*Buteo buteo harterti*), cagarra (*Calonectris diomedea borealis*), coruja (*Tyto alba schmitzi*), andorinhão-da-serra (*Apus unicolor*), corre-caminhos (*Anthus berthelotii madeirensis*), lavandeira (*Motacilla cinerea schmitzi*), papinho (*Erithacus rubecula rubecula*), entre tantas outras espécies.

Recorre-se ao exemplo da empresa *Birds&Company* tem como atividade distinta a visita noturna à área de nidificação de uma das aves marinhas mais ameaçadas da Europa – freira-da-Madeira (*Pterodroma madeira*).

“Para além destas, muitas aves europeias encontram-se representadas na Madeira por subespécies únicas. São os casos, por exemplo, da Manta *Buteo buteo barterti*, da Coruja *Tyto alba schmitzi*, da Lavandeira *Motacilla cinerea schmitzi* ou do Pintarroxo *Carduelis cannabina guentheri*. O Parque Ecológico do Funchal constitui, hoje em dia, um local privilegiado para desfrutar da importante avifauna madeirense. O gradiente de altitude que aqui encontramos, junto com a gestão

cuidada deste espaço, permitem a existência de uma grande variedade de *habitats*, representando praticamente todos os tipos de paisagens naturais existentes na Ilha da Madeira. Esta diversidade reflete-se num elevado número de espécies de aves, 26, correspondendo a mais de metade das espécies existentes na ilha. A acessibilidade deste espaço a partir do Funchal e as infraestruturas de lazer e apoio de que dispõe, ajudam a transformar o Parque Ecológico do Funchal num excelente destino para quem quer observar e conhecer as aves da Madeira.” (FAGUNDES, 2008: pp. 8-9)

As Ilhas Selvagens são também locais do concelho do Funchal que são, moderada e controladamente, visitadas por turistas e/ou curiosos, investigadores, amadores para observação de aves (Figuras XVII e XVIII, em Anexos).

8.6. Desportos de natureza

No concelho do Funchal é possível realizar desportos mais ou menos radicais na natureza. Individualmente ou em grupo, bem como através do auxílio de serviços/produtos de empresas de animação turística, clubes e associações, os visitantes do Funchal podem usufruir de diversos desportos de natureza. Neste tópico enumeram-se os principais, tendo em conta as pesquisas realizadas.

Em relação aos desportos de terra, o Funchal apresenta boas condições para a prática de golfe, escalada, *rappel*, *trailing* (alia gosto pela natureza e corrida em percursos sinalizados e irregulares), equitação, BTT. Estes desportos podem e devem ser praticados entre altitudes de 700 e 1500 metros, nas áreas apropriadas ou até em altitudes superiores, se as condições climáticas estiverem adequadas.

A realização de BTT é possível ao longo das levadas ou de estradas de terra irregulares e com obstáculos com a possibilidade de aluguer em empresas como a *Happy Bikes*.

O Funchal, a par do Porto Santo, destacam-se na prática de golfe. O *Palheiro Golf*, inserido na Quinta do Palheiro Golfe, com mais de 200 anos, é um campo de golfe, constituído por mais de 18 buracos, abriu em 1993 e foi desenhado por Cabell Robinson, sofrendo alterações em 2003. Por sua vez, o Clube de Golfe do

Santo da Serra é outro campo de golfe importante na ilha, é maior e tem 27 buracos, encontrando-se em Machico.

Para a prática de equitação, existe a Associação Hípica da Madeira (AHM), situada na Quinta Vila Alpires que disponibiliza diversos níveis de treino e organiza passeios a cavalo pelos arredores da quinta que é bastante arborizada.

Os desportos de ar tem menor procura e oferta no Funchal, porém também é frequentemente visível pessoas a praticarem asa delta e parapente, embora haja outros concelhos com maior procura destes desportos como são exemplos a Calheta e a Ponta do Sol.

Relativamente aos desportos aquáticos, são várias as opções que os visitantes do Funchal podem realizar, desde vela, passeios de barco pelo mar, *windsurf*, *surf*, *stand up paddle* e o mais popular, o mergulho. Também a o desporto denominado de “coasteering”, o qual combina *rappel*, escalada e saltos para o mar numa única atividade para conhecer as escarpas sobre as baías, as grutas e outros aspetos, realizando esta atividade na Ponta da Cruz.

O *canyoning* é mais direcionado para o público jovem com boa preparação física. Atualmente é possível praticar este desporto em diversos locais devidamente equipados como Ribeira das Cales. Acontece maioritariamente nas ribeiras, um pouco por toda a ilha, embora os concelhos do Porto Moniz, Santana e São Vicente, sejam aqueles cujas ribeiras são mais propensas à execução desta atividade, por terem um caudal mais elevado.

Por último, o Clube de Aventura da Madeira, sediado no Funchal, promove atividades para o público em geral, integradas ou não na natureza, em torno da orientação, escalada, tiro com arco, triatlo, atletismo, *trail* e *surf*.

8.7. Os museus de história natural do Funchal

O concelho do Funchal tem dois grandes museus de história natural que reúnem e estudam patrimónios naturais da Madeira. Estes museus, mais o Museu de História Natural do Jardim Botânico que o Museu de História Natural do Funchal da CMF, têm jardins bastante atrativos e bonitos nas áreas exteriores. São

considerados como produtos turísticos com afinidades com o TN, uma vez que têm patrimónios naturais e possuem áreas verdes.

Ambos os museus desenvolvem um papel importante para o turismo científico (de natureza), uma vez que têm um vasto património conservado, bem como possuem vários projetos de catalogação, identificação, valorização e conservação das múltiplas espécies de flora e principalmente de fauna extintas, em vias de extinção e/ou em perigo (Figuras 25, 26 e 27).



Fontes: CMF e DRTM respetivamente.

Figuras 25, 26 e 27: Património conservado dos museus de história natural do Funchal – da CMF e do Jardim Botânico, respetivamente.

8.7.1. Museu de História Natural do Jardim Botânico

O Museu de História Natural do Jardim Botânico está localizado no Jardim Botânico da Madeira e tem um valioso espólio do rico património natural existente na Madeira, tanto do meio aquático, como terrestre e aéreo.

Respeitante à sua origem, remonta ao século XIX, quando em 1874, o padre católico e naturalista Ernest Schmitz estabeleceu-se na Ilha da Madeira. Este estudou e recolheu várias espécies de Fauna bastante características da ilha e pouco ou nada conhecidas no exterior. Em 1882 organizou um gabinete de História Natural no Seminário do Funchal que mais tarde viria a transformar-se em museu.

Mais tarde, algum do espólio do atual museu, enquanto propriedade da Diocese do Funchal, foi entregue à guarda do Jardim Botânico em 1982, encontrando-se aberto ao público desde 1 de outubro desse ano. Assim sendo, hoje este museu acaba por reunir vários patrimónios naturais como:

- Minerais, corais e rochas;
- Fósseis encontrados em rochas sedimentares;
- Exemplos de animais embalsamados, recolhidos na Madeira, sobressaindo o lobo-marinho (*Monachus monachus*), borboletas e aves indígenas como o pombo trocáz (*Columba palumbus L.*), o bisbis (*Regulus madeirensis*), a toutinegra (*Sylvia melanocephala*), o roque de castro (*Oceanodroma castro*), alma negra (*Bulweria bulwerii*), aves migratórias e outras espécies.

O preço, é de 5,5 € para adultos, as crianças até 6 anos têm entrada gratuita e crianças e jovens dos 6 aos 18 têm o bilhete de entrada situado nos 2 €.

8.7.2. Museu de História Natural do Funchal da CMF

Quanto ao Museu de História Natural do Funchal, este é um museu municipal, localizado bem no centro da cidade do Funchal, sendo que foi inaugurado a 5 de outubro de 1933.

O edifício do museu serviu para várias funções e albergou várias atividades, desde residência de condes e famosos ilustres estrangeiros. Posteriormente, a CMF, comprou o edifício em 1929, para instalarem a Biblioteca Municipal do Funchal, o Museu Regional da Madeira e o Arquivo Regional da Madeira. Na atualidade apenas funciona neste edifício o Museu de História Natural do Funchal, a sua Biblioteca Científica e o Aquário Municipal. Entre 1943-1981, o museu passou a dispor de uma coleção de animais montados e outros espécimes biológicos e geológicos distribuídos ao longo de 6 salas, de Günther Maul.

As coleções de estudo do Museu atingem atualmente mais de 41.166 exemplares. Tendo por princípio o conhecimento da fauna, flora e geologia do arquipélago madeirense, o Museu, desde a sua criação evidenciou uma vertente regionalista, só apresentando espécies capturadas no arquipélago. Desenvolve ações de colheita de espécies do património natural madeirense e projetos de informação científica nos grupos zoológicos, botânicos e geológicos de modo a garantir um melhor conhecimento do património natural madeirense, assim como a sua divulgação. Realiza ainda ações de Educação Ambiental.

Além do Museu em si, este edifício tem também:

- O Jardim de Plantas Aromáticas e Medicinais;
- O Aquário Municipal, localizado no rés-do-chão, deve-se em grande parte ao Sr. Charles L. Rolland.

Por último, o preço de visita, situa-se para os adultos no valor de 3,86€; para reformados/crianças dos 11 aos 17 anos – 1,86€; detentores do Cartão Jovem e as crianças até aos 10 anos, têm bilhete gratuito. Já nos domingos e feriados as entradas são gratuitas para todos.

9. Resultados de um estudo exploratório

9.1. Objetivos, estrutura, metodologia e análise dos inquéritos

Inicialmente pensou-se ser proveitoso poder realizar um inquérito por questionário, para turistas/visitantes de várias instituições (jardins, teleféricos, unidades de turismo rural, museus de história natural e empresas de animação turística), mas dado a não terem respondido e/ou aceitarem, não conseguimos concretizar este objetivo.

Por conseguinte, foi possível inquirir alguns turistas no Funchal, numa tentativa de averiguar algumas das características do Turismo de Natureza que pode acontecer no Funchal. Como local para a execução dos mesmos, foi escolhido o Pico do Areeiro, por ser um espaço de contemplação da natureza, com percursos pedestres e observação da flora e principalmente da fauna (Ave: freira - *Pterodroma madeira*) (Figuras XXVI até XXXIV, em Anexos). Ao todo conseguimos obter a colaboração de 105 pessoas selecionadas aleatoriamente, que durante o mês de junho de 2014, disponibilizaram-se prontamente a responder às questões dos inquéritos.

Quanto à estrutura dos inquéritos, esta incidiu em 3 grupos principais – Dados Pessoais, Atividade Realizada e Outras Informações – em 5 línguas diferentes (português, espanhol, francês, inglês e alemão), contemplando questões abertas e fechadas (consultar Anexos do trabalho).

Todavia, muitos turistas e visitantes mostraram-se indisponíveis para responderem ao inquérito, alegando muitos deles, não terem tempo ou estarem sem vontade para responder. Como forma de obter as respostas de uma forma mais concreta, estas foram redigidas por nós consoante aquilo que os inquiridos nos diziam. Seguidamente apresentamos os principais resultados (que podem ser comprovados através das Tabelas VII, VIII e IX, em Anexos).

A média da idade das pessoas inquiridas foi de 43,17 anos, num total de 37 indivíduos do sexo feminino e 68 do sexo masculino. A idade das pessoas inquiridas foi muito diversificada, o que já era de esperar, uma vez que o Pico do Areeiro é um espaço simbólico de lazer, observação e fruição da natureza, mas também de alguma da cultura madeirense com a venda de produtos regionais

tanto na restauração como no comércio. 31,4% dos inquiridos eram da faixa etária dos 20-30 anos, contrariamente a 57,2% que apontaram idades na faixa etária entre os 40-50 e 11,4% na faixa etária dos 60-70.

Em relação à proveniência geográfica dos inquiridos é de revelar que ela é também bastante diversa, sendo que o país que obteve maior percentagem foi Portugal com 28%, seguindo-se Espanha com 14%, Reino Unido e Alemanha, ambos com 18%, outros países com 14% e a França com a menor percentagem assinalada nos 8%. Das regiões destes países foram regulares e semelhantes as respostas atendendo aos vários grupos de turistas/visitantes do espaço estarem organizados, destacando-se alguns com elevadas percentagens como Lisboa, Madrid, Paris, Londres, Hamburg, Berlim e outros.

Já a profissão está dependente de alguma forma das habilitações académicas, sendo que 12% dos inquiridos registaram apenas ter um nível primário de habilitações (até o 9º ano), 40% com o nível secundário (até o 12º ano), 34% com nível de ensino superior e 14% não respondeu. Das profissões com maior percentagem destacam-se “Comerciante” (12%) e “Administrativo” (8%). 23% dos inquiridos revelou estar desempregado/não trabalhar, bem como 12% apontou o facto de encontrar-se reformado.

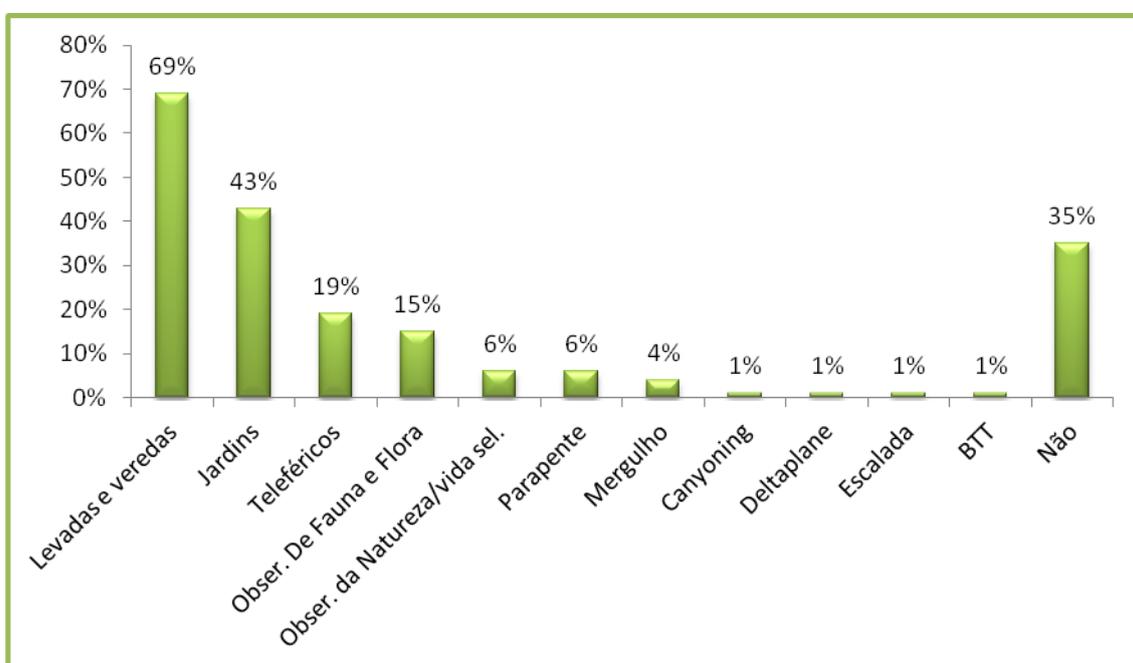
Quanto aos motivos de realização (estarem no Pico do Areeiro para fazer o percurso pedonal para o Pico Ruivo, observarem, fruírem, estudarem a Natureza) 40% dos inquiridos referiram o motivo “Custo/Qualidade”; quase todos eles apontaram o motivo “Lazer/Recreio” (98%). Vários outros motivos foram apontados como “Beleza” (30%), a “Ave: freira (*Pterodroma madeira*)” (10%), entre outros. O grau de satisfação cingiu-se, de todas as opções disponíveis, em apenas três “Muito Satisfeito” (56%); “Satisfeito” (41%) e “Indiferente” (3%).

Já ao nível do encaminhamento para a realização desta atividade, a grande maioria dos inquiridos demonstrou que não houve nenhuma entidade a encaminhá-los ou a recomendar a visita deste espaço (79%). Já aos 21% que revelaram terem sido de alguma maneira encaminhados, estes apontaram as opções “Hotel” (50%); “Agência de Viagens” (36%) e a “CMF” (14%).

Os gastos médios dos inquiridos sem contar com os gastos da viagem, foram 97% até 50 euros para estarem no Pico do Areeiro, contrariamente a 3% que

revelou ter gasto mais de 50 euros. Ainda, para a realização dessa atividade 70% dos inquiridos recorreram a suportes informativos, sendo que desses, a grande maioria apontou o recurso “Internet” (91%), “GPS” (30%), “Guias” (25%), “TV” (11%), “Rádio” (4%), “Brochuras, livros e revistas” (3%).

No que refere ao grupo 3 do inquérito, os inquiridos deram várias respostas, precisamente porque eram muitas delas questões abertas. As atividades na natureza foram levadas e veredas, visita de jardins e teleféricos, observação da natureza/vida selvagem e alguns desportos como o parapente, a escalada e o mergulho (Figura 28).



Fonte: Elaboração própria.

Figura 28: Atividades na natureza praticadas no Funchal pelos inquiridos.

Estas atividades foram feitas em várias partes da ilha para 44% dos inquiridos, destacando-se o Funchal com 50% e Santana com 24%, precisamente porque pensamos que beneficiam de fluxos turísticos semelhantes por serem municípios vizinhos, com boas acessibilidades, áreas de lazer, descanso, alojamento e recursos naturais. Os motivos foram também diversos, como as férias com 49%, o convívio com 43%, descanso e exercício físico, ambos com 13%.

Quanto aos desportos radicais a grande maioria dos inquiridos não manifestaram o desejo de realizar ou ter realizado alguma prática desportiva desse âmbito. Aqueles que responderam que sim, foram tendencialmente aqueles com idades mais jovens, sobressaindo a Escalada com 47% e o Parapente com 59%.

São principalmente os homens que mais demonstraram a vontade de praticar desportos mais ou menos radicais na Madeira/Funchal, sobretudo de países estrangeiros como o Reino Unido e a Alemanha.

No alojamento, 42% dos inquiridos disseram que não estavam alojados em nenhum alojamento do Funchal, 10% não respondeu, e dos 48% que respondeu sim, apresentaram vários alojamentos destacando-se as mais comuns – “casa de amigos” (10%), “Pensão Residencial Mirasol” (8%) e “The Wine Hotel” (8%).

Finalmente é de referir que todos os inquiridos manifestaram o gosto pela componente verde do Funchal e da ilha, bem como reconhecem o facto de merecer a fama que tem. Já em relação ao facto de voltarem à Madeira/Funchal, 51% respondeu o desejo, a pretensão de voltar, contrariamente a 49%.

9.2. Turismo de Natureza como potencializador de benefícios

Atendendo às nossas pesquisas e ao trabalho de campo efetuado, o Turismo de Natureza é aquela atividade turística que deixa efetivamente várias marcas no território do Funchal. Esta prática acaba por proporcionar mais-valias e benefícios aos turistas, bem como ao Funchal e seus moradores/trabalhadores.

Basicamente são os benefícios económicos, sociais, culturais, administrativos/políticos, que estão como linha de fundo desta peculiar atividade.

Os principais benefícios para os turistas, ao praticarem, atividades turísticas na/da natureza no Funchal são:

- Conhecimento de novas e diversas realidades;
- Aprendizagem/visionamento de elementos/patrimónios naturais (Floresta Laurissilva, fauna, flora, boas paisagens, formas geomorfológicas diversas – relevo bastante acidentado – a história do povo recetor, entre outros);

- Sentir a adrenalina dos desportos náuticos, ou dos desportos mais radicais, como forma de libertar o stress e experimentar novas sensações;
- Convívio/distração entre pessoas;
- Dispor da proximidade às unidades hoteleiras de qualidade, os bons transportes e acessibilidades;
- Descanso, férias e diminuição do *stress* associado à quebra da rotina;
- Desenvolvimento dos laços familiares;
- Melhorias nas condições de saúde/aspecto físico ao praticar atividades;
- Desenvolvimento esclarecido da sua consciência ecológica, pois terão a oportunidade de conhecerem e valorizarem melhor os processos ecológicos relacionados com o território (GABRIEL, 2005).

Em relação ao território do concelho do Funchal que recebe fluxos turísticos com motivações de natureza, sublinham-se os principais benefícios:

- Fortalece e/ou cria empregos variados (limpeza, empresas de animação turística, transportes, restauração, alojamentos, conservação e outros);
- Tende a transmitir uma boa imagem externa e interna deste concelho;
- Contribui decisivamente para a diminuição da sazonalidade turística, pois isto é confirmado por exemplo com o Festival da Natureza em outubro e a Festa da Flor em maio;
- Reforço da identidade cultural e orgulho da população local;
- Empenho do concelho para ter prémios, distinções, divulgação como destino sustentável, com natureza preservada e com valores singulares de beleza, património e história;
- Encoraja a modernização e recuperação de edifícios e terrenos degradados (há vários exemplos disso como jardins, edifícios privados e outros).

Outro grande benefício que está presente neste turismo, é o facto de ser um turismo que se relaciona bastante com outras áreas e até outros turismos. Este grande benefício é no nosso entender uma mais-valia tanto para o Funchal, como para os turistas que acabam quase sempre por estar mediante dele. Praticar as várias atividades que compõem o TN do Funchal, possibilita o contato com áreas

como a cultura nos seus mais variados aspetos (bordado e vinho madeira; gastronomia madeirense; música tradicional madeirense e não só, bem como outras áreas como o artesanato). Neste concelho a cultura e a natureza estão bem relacionados em praticamente todas as atividades do TN seja direta e/ou indiretamente (compra de produtos culturais para recordação, enfeite, para comer e beber, fotografias e outros elementos muito vistos pelo concelho).

Estes e outros benefícios acabam por ser bem maiores que alguns impactos menos positivos que a atividade turística de e na natureza tem no Funchal, entre eles podemos elucidar a falta de recursos humanos profissionais para atender a todos os turistas; poluição de certas áreas do Parque Ecológico do Funchal; empresas de animação turística pouco dinâmicas e divulgadas, bem como o domínio de pequenas empresas; falta ou desadequada sinalização de percursos pedestres; alguns acidentes noticiados em práticas turísticas da natureza, o que afeta a imagem, qualidade e segurança da Madeira.

9.3. Empresas de animação turística

Aquilo que é desejável para quem realiza investigação científica, é que todas ou a maioria das empresas turísticas tivessem dados (morada, telefone, endereço eletrónico, entre outros) para que as pudéssemos contactar, mas tal não foi possível, uma vez que algumas empresas, apesar de estarem licenciadas pela DRTM, não têm de facto meios de contato. Já as empresas que conseguimos contactar, nem todas responderam, talvez por pensarem que seríamos da concorrência, ou por outro motivo qualquer, embora se lhes tivesse enviado digitalizações da declaração da Universidade de Coimbra validando a execução da presente tese. Das menos de 30 empresas que conseguimos contactar e pedir para responderem ao nosso questionário, apenas 4 deram resposta.

Assim sendo, Rubina Serradas da *Madeira Harmony in Nature* diz-nos que como principais atividades desta empresa, destacam-se o *canyoning* e a escalada. O perfil típico do cliente é da faixa etária entre 30-50, de classe média alta, de origem mais frequente nos países tradicionais (Alemanha, França, Inglaterra) que

habitualmente repetem as atividades que praticam na empresa. Em 2013, cerca de 1500 pessoas efetuaram as duas atividades principais desta empresa. A capacidade por dia de prática de *canyoning* são 14 pessoas e escalada 8 pessoas. Têm parcerias privadas, não fazem nenhum evento e fazem preços especiais para residentes e certas instituições de cariz social. A publicidade é feita através das redes sociais, panfletos, agências de viagem e hotéis (Figuras 29 e 30).

Andrew Zino, da *NatureMeetings*, refere que esta empresa lida com um perfil de cliente com idade média entre os 45 – 65 anos, de países como Alemanha, França, Inglaterra e depois os nórdicos. As caminhadas são as principais atividades, bem como a observação de cetáceos. Em 2013 tiveram cerca de 2000 clientes e não fazem nenhum evento e promoções especiais. A publicidade é feita pelos meios tradicionais – internet, televisão, agência de viagens (Figuras 31 e 32).

A *Rota dos Cetáceos* tem como principal atividade os passeios de barco com vista à observação de cetáceos com vigias e biólogos marinhos; Segundo, Bruno Vieira, o perfil dos clientes, é muito variável, patente em todas as idades, somando um total de 1700 clientes em 2013. Com limite de 108 clientes por dia, tem descontos e promoções, parcerias com empresas públicas e privadas, não têm nenhum evento anual/mensal. Realizam a publicidade a partir de panfletos, tv, internet, feiras, eventos, agências viagens, hotéis (Figura 33).

A Madeira Fauna & Flora, descrita por Sérgio Teixeira, tem como atividades principais os passeios a pé e excursões temáticas naturais e/ou culturais. Quanto ao perfil de clientes, este responsável pela empresa, referiu que são maioritariamente ecoturistas britânicos e escandinavos, com mais de 45 anos, valorizando bastante as atividades de domínio natural e cultural, com um total de cerca de 2000 clientes em 2013. Esta empresa tem um limite de 14/15 pessoas em cada uma das duas excursões diárias. É adepta de promoções, descontos e possui parcerias públicas e privadas. Em relação a publicidade, esta empresa recorre aos meios tradicionais (internet, panfletos/brochuras e agências de viagens).

Em síntese, todas estas empresas de animação turística fornecem práticas organizadas com o contato direto na natureza, compreendendo sobretudo os elementos terra e mar. Estas empresas primam pela qualidade, segurança e autenticidade dos serviços, daí que se mantenham no mercado já há alguns anos.



Fontes: <http://www.madeira-harmonyinnature.com>; <http://naturemeetings.com/>;
<http://www.rota-dos-cetaceos.pt/>; [consultados em: 7/6/2014].

Figuras 29, 30, 31, 32 e 33: Ilustração da prática de *canyoning* e escalada pela *Madeira Harmony in Nature*; pedestrianismo e *jeep tours* pela *NatureMeetings*; observação de cetáceos pela *Rota dos Cetáceos*.

9.4. Teleféricos, jardins, alojamentos e museus

Neste tópico, são enumeradas as respostas das instituições que felizmente e oportunamente responderam aos questionários realizados. Além disso, foi possível obter e inquirir no trabalho os dados da procura turística com motivos de natureza destas instituições (Tabela 7).

Tabela 7: Número de utilizadores/visitantes em teleféricos, jardins, alojamentos e museus do Funchal, em 2013

Instituições:	Ano 2013:
Teleférico Funchal	500.000 pessoas
Teleférico J. Botânico	15.000 pessoas
Quinta da Fonte	223 pessoas
Jardim do Museu Quinta das Cruzes	36.340 pessoas
Museu de História Natural do Funchal	6000 pessoas
Museu de História Natural do Jardim Botânico	330.000 pessoas
Parque Ecológico do Funchal	2.500 pessoas

Fonte: Elaboração própria, com base nas respostas dos questionários realizados.

Ricardo Correia, funcionário do Teleférico do Funchal/Monte, diz-nos que esta atividade enquadra-se no Ecoturismo/Turismo de Natureza, uma vez que é “uma atração não poluente e sustentável”. O perfil do cliente é “quase 100% de turistas, com idades muito distintas (desde crianças até idosos), que tendem a repetir o trajeto, provenientes dos mercados emissores tradicionais da Madeira (Inglaterra, Alemanha, França, Espanha, países Nórdicos, Portugal, etc)”. O ano passado tiveram cerca de 500.000 utilizadores, o que decorre sobretudo da localização do teleférico (bem central); ao facto de terem parcerias com entidades privadas e públicas (Jardim Botânico e Jardins da Fundação Berardo); ao evento

anual a que se associam (Festa de Nossa Senhora do Monte, uma das maiores da ilha) com promoções e preços especiais, bem como a publicidade que é feita (imprensa escrita, internet, *outdoors*, agências de viagens, hotéis e na distribuição de panfletos e brochuras).

Filipa Borges, Diretora do Teleférico do Jardim Botânico, revelou-nos que a atividade por essa entidade realizada, enquadra-se no Turismo de Aventura e Turismo de Natureza. O perfil do cliente é predominantemente “Turista, com idade média nos 55 anos, sobretudo ingleses, que normalmente não repetem, estão cá de visita, e fazem a viagem de teleférico uma única vez”. Em 2013, tiveram cerca de 15.000 clientes. Fazem preços especiais para pessoas ligadas ao turismo, para pessoas portadoras de deficiência e para pessoas a partir de 65 anos, também para escolas. Têm parcerias com empresas públicas e privadas, bem como não fazem nenhum evento ou atividade fora daquilo que é habitual oferecer. Na questão da publicidade, Filipa Borges garantiu que a fazem de forma muito multifacetada, destacando-se os múltiplos folhetos, os vários *websites*, a divulgação noutras empresas (parcerias), como o Jardim Botânico, o Teleférico da Madeira (Funchal).

Dos alojamentos de Turismo Rural, apenas a Quinta da Fonte, por meio de Regina Vieira, respondeu ao questionário realizado. Esta proprietária revela que tiveram em 2013, 223 hóspedes, sendo que nos últimos anos têm tido clientes mais jovens, com estada média de 4 noites, maioritariamente casais, de França e Alemanha, mas também de outros países como Turquia, Rússia, EUA e outros. Promovem esta quinta de várias maneiras como no *website* próprio, agências de viagens, parcerias, presença de informações em guias de alojamento e sites de reservas *online*. Com apenas 2 funcionárias, não promovem atividades para os seus clientes, mas dão contatos e indicações de lugares possivelmente interessantes para os mesmos. A importância histórica do estabelecimento para esta proprietária é fundamental pois os quartos até “estão enfeitados com antiguidades e despertam o interesse aos clientes”.

Patrício Fernandes, diretor da *Madeira Rural*, enquanto organização parceira de vários alojamentos rurais na Madeira, concedeu gentilmente vários dados sobre turistas que foram inquiridos em diversos locais, após terem estado alojados nos estabelecimentos que compõem a instituição. Dos 301 inquiridos, de 2013 até

Agosto de 2014, 69% tem mais de 35 anos; 53% do sexo feminino, 47% do sexo masculino; 61% considerou importante/muito importante a disponibilidade e proximidade de levadas/percursos pedestres dos alojamentos; mais de 60% está satisfeito pelos serviços prestados pela instituição; 46% achou pouco importante esses alojamentos terem atividades agrícolas disponíveis para experienciar.

Em relação aos jardins, muitos deles são efetivamente gratuitos a sua visita, daí que sejam espaços, segundo Ana Silva, “públicos”. Esta técnica da Câmara Municipal do Funchal revela-nos os três principais jardins públicos como o Jardim do Campo da Barca, o Jardim Municipal do Funchal, o Parque de Santa Catarina, enquanto espaços centrais, espaços de lazer, com circulação de pessoas residentes e turistas/visitantes da cidade, com boas paisagens sobre o Funchal, e têm espécies muito características como a bela-sombra – *Phytolacca dioica*; a sumáuma – *Chorisia speciosa*; jacarandá – *Jacaranda mimosifolia*; dragoeiro – *Dracaena draco*; coralina-elegante – *Erythrina speciosa*; planta-dos-dentes – *Plumeria rubra*, tipuana – *Tipuana tipu* e Tecoma – *Tecoma stans*). Igualmente possui esplanadas, sanitários públicos, diversos elementos escultóricos, têm alguns eventos como feiras de artesanato, espetáculos (Jardim Municipal), parque infantil e lago dos cisnes (Parque de Santa Catarina). e são promovidos sobretudo no site da CMF e microsite Ambiente, com legado histórico a contar com mais de um século, com espécies de fauna e flora provenientes de várias partes do mundo.

Não existem estatísticas quanto ao perfil dos visitantes destes três espaços públicos, bem como de todos os outros. Porém esta técnica confirma-nos que, pode dizer-se que os utilizadores se repartem por todas as faixas etárias, géneros, habilitações e estratos sociais. Os turistas serão oriundos dos mercados habituais, os residentes são a população ativa em deslocação para o seu local de trabalho ou namorados e grupos de reformados, e as motivações são as deduzíveis da atratividade (convívio, botânica, eventos, etc.).

Quanto ao Jardim do Museu Quinta das Cruzes, Maria Pais, Diretora do Museu Quinta das Cruzes, refere-nos que a flora do parque ajardinado possui uma variada coleção, que permite que os jardins do museu sejam um espaço utilizado para a realização de atividades educativas levadas a cabo pelo serviço educativo do museu, sobretudo pela existência de amplos espaços ajardinados que podem

acolher um número alargado de participantes, mas também pelo contacto com a natureza, servindo, muitas vezes de inspiração para os trabalhos realizados pelos mesmos, atendendo às variadas espécies de fauna e até de flora que por lá se encontram desde endémicas, não-endémicas tropicais e subtropicais; plantas ornamentais; plantas da Floresta Laurissilva, assim como aromáticas e medicinais; espécies de orquídeas, roseiras e palmeiras muito singulares e atrativas.

O Jardim do Museu Quinta das Cruzes é divulgado de diversas maneiras, desde vários guias turísticos e em sítios eletrónicos oficiais e não-governamentais (redes sociais, canais de televisão, jardins com histórias), como ainda em alguma bibliografia. Este jardim já acolheu diversos eventos, desde lançamentos de livros, atuações de grupos musicais, teatro de marionetas, entre outros. A importância histórica dos jardins está intimamente ligada com a origem da propriedade, referida como o “espaço” no qual foi construída a última residência de João Gonçalves Zarco o primeiro Capitão do Donatário do Funchal e está inserido no conceito de “Quinta Madeirense”.

Consequentemente, este jardim, é visitado pela comunidade local, nacional, estrangeiros de todas as nacionalidades e de todas as idades. Considerando que os visitantes que visitam o museu também frequentam os jardins, podemos concluir que em 2013 frequentaram este espaço 30.085 visitantes, juntamente com mais 6.255 visitantes que vieram das visitas guiadas autónomas por estrangeiros de várias partes da Europa. Deste modo, contabiliza-se que o jardim foi visitado por 36.340 visitantes.

Quanto ao Museu de História Natural do Funchal, Juan Silva disse-nos que as principais atrações deste museu são essencialmente o aquário de água salgada (onde os visitantes podem ver algumas espécies representativas da fauna costeira madeirense), e as exposições temporárias. A exposição permanente como permanece imutável há alguns anos, não desperta a curiosidade nos visitantes regionais. Anualmente, existem alguns eventos como ateliês temáticos e visitas guiadas, entre outras atividades. Por exemplo, Dia Internacional dos Museus, Dia do Ambiente, Dia da Biodiversidade, Dia Mundial dos Oceanos, Dia Nacional do Mar e Dia Internacional do Turismo. Em relação à divulgação, internacionalmente, é feita “através da publicação de duas revistas de carácter científico, uma com

periodicidade anual e outra com periodicidade irregular”. No âmbito regional e nacional, por meio de “anúncios publicados todos os dias nos matutinos regionais, na Agenda Cultural mensal da Direção Regional da Cultura, através da página web, etc.” Em relação ao perfil do visitante, é habitual pessoas com 50-60 anos; ensino médio e superior; classe média/alta: mercado inglês, alemão e francês, traduzidos em casais normalmente sem crianças. No ano de 2013 o Museu recebeu 6000 visitantes estrangeiros.

No caso do Museu de História Natural do Jardim Botânico, Luísa Gouveia diz-nos que as principais atrações deste espaço passam pelos minerais, fósseis e corais da Madeira e das Selvagens, bem como alguns animais embalsamados. Não fazem grandes eventos, apenas comemoram o dia do Museu (30 de abril). Em média 330.000 pessoas visitam anualmente este Museu e o Jardim Botânico do Funchal, por serem espaços pertencentes à mesma entidade. São predominantemente mais turistas, de distintas nacionalidades e de distintas idades, assim como muitos deles vêm em visitas organizadas por agentes turísticos.

Quanto ao Parque Ecológico do Funchal, António Olival, um dos técnicos desse espaço, refere-nos que as espécies mais emblemáticas e atrativas restritas à região Macaronésia e ao arquipélago da Madeira. No entanto destaca-se a presença nas cotas mais elevadas do Parque Ecológico da sorveira (*Sorbus maderensis*), espécie endémica da Ilha da Madeira que apresenta um estatuto “Em Perigo Crítico”, de acordo com as categorias IUCN (2001). Este é um espaço que procura em toda a sua ação um suporte sustentável, exemplo a promoção do valor ambiental da floresta através de ações de florestação e promoção da regeneração natural, substituição de fontes de energia finitas por renováveis com a instalação de sistema de alimentação fotovoltaica na Casa do Burro e sistema de aquecimento do centro de receção com alimentação a biomassa.

De outro modo, este espaço promove eventos, com especial destaque, nas comemorações do Dia Internacional da Floresta (21 de março), com duas semanas de atividades pedagógicas alusivas à conservação da floresta autóctone. Todavia, é promovido essencialmente por exposições itinerantes, *website* e *Facebook*.

O perfil dos visitantes em maior número é o residente, de todas as idades, com grupos de todos os escalões etários da comunidade escolar e associativa, da

população especial e sénior. No grupo dos visitantes turistas, as médias de idades são diversas, entre os 18 e os 60 anos, sendo as atividades mais procuradas os percursos pedestres, o *canyoning*, BTT e *geocaching*. Ainda é muito procurado por diversas empresas de animação turística para aqui desenvolver atividades. “Não é possível apurar pois não há um controlo efetivo dos visitantes em atividades organizadas pelas empresas, somente os grupos de visitantes que solicitam atividades de caráter pedagógico com organização do Parque Ecológico do Funchal, com um número aproximado de 2500 visitantes por ano”.

Em suma, estas foram outras instituições que demonstram ter uma procura bastante significativa de práticas de TN no Funchal. Os perfis de visitantes variam muito consoante vários fatores (atividades praticadas, preço das mesmas, entre outras coisas), bem como a publicidade que estas instituições fazem é condensada em vários elementos como *websites*, redes sociais e outros. Conclui-se que a atividade que mais se destaca, por ser aquela que é mais a procurada e/ou realizada pelos turistas/visitantes, é a observação e fruição da natureza.

9.5. Análise SWOT

A análise SWOT que se segue consiste numa síntese organizada das características positivas e negativas do Turismo de Natureza que ocorre no Funchal. Por esta via, algumas características figuram no TN de outros concelhos do país e até do resto do mundo. Assim sendo, seguidamente, elucidam-se as forças, as fraquezas, as oportunidades e as ameaças do TN do Funchal

As forças ou pontos fortes passam por/pela:

- Ser uma tipologia turística alternativa a das grandes massas como é a do “sol e praia” que tem cativado um número considerável de pessoas;
- Ser uma tipologia que congrega práticas geralmente sustentáveis e é relativamente barata para os vários públicos;
- Privilegia um contato intensivo com a natureza tanto na qualidade como na diversidade/autenticidade (levadas, jardins, mar, aprendizagem), seja para descansar, seja para observarem/fruírem/investigarem a natureza, seja para realizar aventuras/atividades ativas como desportos radicais;
- Existência de muitas paisagens exuberantes e marcantes (mais no norte do Funchal), assim como de eventos de TN como a Festa da Flor;
- Promover o desenvolvimento territorial, onde é visível que os turistas geralmente compram produtos/serviços (Pico do Areeiro; Jardins), bem como a comunidade gosta de receber turistas e há investimentos em equipamentos, serviços, produtos e outros (gerando empregos);
- Existência de bons guias turísticos e em várias línguas destacando as várias áreas de atração turística da Madeira (natureza, a cultura, a sociedade);
- Boas e criativas campanhas de promoção que tem tido, sobretudo de 2013 até ao presente ano, as quais têm envolvido vários apoios, suportes e comunicações (internet, criação de *websites*, youtube, redes sociais e outros). Estas campanhas ajudam a reforçar a identidade regional.

No que toca as fraquezas, ou pontos fracos, do TN do Funchal as que mais sobressaem são:

- Falta de guias profissionais na área do Turismo de Natureza;

- Encerramento de 3 percursos pedestres recomendados pela DRTM e até hoje não há informações de abertura dos mesmos;
- Grande insuficiência de dados estatísticos sobre este e outros tipos de turismo, que, como é normal e habitual, acontece noutros territórios;
- Existência de algumas empresas de animação turística não terem meios válidos de contatos sem ser presencialmente (telefone, email, *website*...);
- Domínio de pequenas empresas que dificulta de algum modo a competitividade e o desenvolvimento maior e melhor do território;
- Poluição de algumas áreas do Parque Ecológico o que é uma pena, pois é um dos principais recursos naturais do concelho;
- Insuficiência de investimentos para a melhoria contínua da natureza no Funchal, como é o caso da limpeza das suas serras, proteção dos seus animais e plantas/árvores, tal como na sinalização de percursos pedestres;
- Existência de alguns acidentes em práticas turísticas da natureza, como foram o caso de turistas estrangeiros que se feriram de morte aquando realizaram determinados percursos pedestres.

Quanto às oportunidades, é de referir que este concelho apresenta um conjunto bastante positivo, identificamos a qualidade e diversidade de empresas de TN ao longo da ilha; a variedade de realidades que marcam de alguma forma a diferença nos turistas/visitantes da ilha (mar, serra, Floresta Laurissilva, jardins, levadas); a própria crise mundial que é capaz, se bem gerida, de potencializar negócios de TN; a relação frequente deste turismo com outras áreas e turismos que é bastante interessante e real; a candidatura das levadas a Património Mundial, agendada para 2017, o que poderá aumentar ainda mais a procura e a desafios de suporte da mesma; a hospitalidade singular das pessoas, bastante conhecida e valorizada pelos visitantes.

Por fim as ameaças referem-se essencialmente a existência de múltiplos ambientes mais “naturais” e autênticos que o Funchal pelo resto do mundo; existência de práticas de TN mais conhecidas um pouco por todo o mundo, algumas mais baratas e autênticas, bem como destinos de natureza com práticas mais organizadas, inovadoras e promovidas, um pouco por todo o mundo.

10. Conclusões

O turismo sendo aquela atividade de lazer que ocorre num determinado espaço, ou conjunto deles, é definida como um fenómeno multifacetado que deixa marcas evidentes no atual contexto em que vivemos, a designada sociedade “hipermoderna”, do “hiperconsumo”, “mosaico”. Sociedade que apresenta diversas estruturas demográficas, familiares, de mobilidade, do trabalho e do emprego, bem como processos de formação, ocupação dos tempos livres, estilos de vida, de consumo e comportamentos pessoais bem diversos. Esta sociedade pode caracterizar-se também pelo hedonismo, pelo gosto das novidades, pela promoção do fútil e do frívolo, pela vontade de expressar uma identidade singular, pelo narcisismo, centrado na figura do indivíduo (responsável, organizado, eficaz).

Por conseguinte, a importância do turismo é bastante óbvia, uma vez que é dos setores ou atividades que emprega um número elevado de pessoas em todo o mundo e nas mais diversas áreas (restauração, transportes, alojamentos, guias profissionais, formação, entre outros). Com previsões de crescimento do turismo para este e os próximos anos, são inúmeros os desafios e as oportunidades que este fenómeno proporciona, não é de estranhar, que há tantas instituições, organizações e entidades que estão especializadas com assuntos do turismo. Estas acabam por dedicar-se em vários aspetos como o apoio, a informação, a formação, a promoção, a conservação de elementos do turismo – turistas, procura e oferta.

No que diz respeito ao caso particular do Turismo de Natureza, esta tipologia turística é frequentemente denominada de várias maneiras – Turismo Ativo; Turismo Verde; Turismo Ecológico; Turismo Baseado na Natureza – assim como encontramos nesta tipologia vários elementos similares em relação a outras tipologias de turismo (impactos positivos e negativos; algumas características do perfil turístico; *stakeholders*; competitividade do setor; relação com outras atividades como o *marketing*, restauração e a cultura imaterial/material).

Viu-se que o Turismo de Natureza, detentor de práticas semelhantes em séculos antigos como os séculos XV, XVI e XVII, sendo mais claro nos séculos seguintes, é um conceito bastante abrangente e pode enquadrar-se no conjunto de várias modalidades/segmentos, em áreas classificadas ou não, nos elementos

terra, mar e ar, desde a hospedagem, animação, interpretação e educação ambiental, observação e fruição da natureza, desportos de natureza mais ou menos radicais, formação e ensino de espécies, formas de relevo e fenómenos naturais (Turismo Aquático; Espeleologia; Geoturismo; Turismo Científico e outros).

Outros aspetos também foram elucidados como o facto do TN depender por vezes de equipamentos e infraestruturas próprias, da evolução do tempo, das estações de ano. Aqui também destaca-se a grande dependência deste turismo com a animação, interpretação e educação ambiental, como áreas capazes de dinamizar ainda mais o setor, tal como aumentar a estada dos turistas, devendo primar pela qualidade, criatividade, simplicidade e sinceridade na divulgação e venda de produtos/serviços.

As razões para a visita de espaços naturais ou verdes, são de vária ordem, atendendo à grande diversidade mundial de espaços que atraem muitos turistas e visitantes – beleza; singularidade/classificação de património(s); raridade; proximidade de outros espaços, entre outros. Sendo as categorias espaciais mais atrativas os jardins, as paisagens protegidas, os parques e reservas naturais.

A melhor caracterização feita para as práticas de turismo de passeio pedestre, turismo de jardins e ecoturismo, foi uma escolha consciente, pois os dois primeiros são uma tendência clara no concelho do Funchal. Definir ecoturismo de uma forma mais aprofundada, levou-nos à particularizar e esclarecer o conceito, uma vez que existem dúvidas e confusões sobre o mesmo.

No que concerne ao perfil do turista de natureza, no geral o turista de natureza é mais instruído, experiente, conhecedor e criativo. Igualmente, foi visto que este enquadra-se em duas grandes categorias – Turista de Natureza *Soft* e Turista de Natureza *Hard*. A primeira categoria de turista é aquela que compreende famílias, casais, reformados, com as principais atividades praticadas no verão, com 2-3 noites de estada, baseadas no descanso, no conhecer paisagens e atratividades, caminhar e tirar fotografias. Já a segunda categoria de turista é aquela que compreende turistas mais jovens, com maior poder de compra e mais canais de obtenção de informação sobre a viagem e características do destino, tal como as atividades envolvem desportos mais ou menos radicais, a valorização da educação ambiental, sendo praticadas numa estada maior e ao longo do ano.

Este tipo de turismo tem importantes relações e influências, sendo um grande promotor de um desenvolvimento sustentável (local) nos territórios – sustentabilidade ambiental; sustentabilidade económica; sustentabilidade sociocultural. Basta para isso, que sejam tomadas as medidas necessárias tendo em conta todos os atores envolvidos. Contudo, não é só de impactos positivos que este tipo de turismo lida ou gera, pois poderão ocorrer diversos impactos negativos (degradação paisagística; poluição; destruição de patrimónios e outros).

No âmbito espacial, Portugal é o país que demonstra ter recebido já várias distinções pelas qualidades ambientais que lhe pertencem. Cerca de 21%, do território continental está classificado por ter valores naturais e de biodiversidade singulares, assim como no PENT é um dos turismos estratégicos que deve ter/ser uma oferta distintiva e competitiva para Lisboa, as regiões Centro, Norte, bem como para a Madeira e os Açores.

Relativamente ao âmbito internacional, foi relevante verificar que são muitos os países que oferecem boas condições para a prática deste turismo. A Alemanha e a Holanda têm sido os principais emissores de viagens de TN. Contudo, outros países recebem um número considerável de praticantes de TN para a prática de observação e fruição da natureza; pedestrianismo; observação de aves e de cetáceos; usufruir de climas diversos; visita de patrimónios naturais classificados internacionalmente ou regionalmente; ecoturismo e outras, como a França, a Itália, o Québec, a Indonésia, Índia, Venezuela, Arquipélago dos Galápagos, Costa Rica, Antártica, África de Leste, Madagáscar, entre tantos outros.

No que se refere à componente prática desta investigação, tínhamos em linha de conta analisar a oferta e procura do segmento turístico de natureza ocorridas no Funchal, por isso começamos por o caracterizar face várias vertentes. Foi visto que este concelho, como capital e principal concelho da RAM, com 10 freguesias e detentor administrativo das Ilhas Selvagens, é um espaço geográfico predominantemente dominado pelas atividades ligadas ao setor terciário (atividade turística, condensada em áreas de restauração, comércio e hotelaria). As atividades do setor secundário centram-se sobretudo nas indústrias de construção civil, floricultura, laticínios, artesanato e gastronomia regionais. Já o setor primário

circunda em torno da agricultura, com o cultivo de batata, as flores e plantas ornamentais, a vinha e alguns frutos.

Em relação ao perfil histórico do Funchal, foi feita uma síntese sobre alguns dos principais acontecimentos que marcaram o Funchal. Este concelho foi (re)descoberto no século XV, sendo, no século posterior, elevada à categoria de cidade e sede de bispado (1508), tal como continuaram as obras de fortificação da cidade e a fixação da população no território, a produção de açúcar e mais tarde do vinho que deixou muitas marcas e lançou a Madeira e o Funchal para o mundo.

O século XX foi o século da mudança para o Funchal, marcado pelas grandes obras do Estado Novo, entre elas o Liceu Jaime Moniz, a Escola Industrial e Comercial do Funchal, inúmeras estradas, a criação e reestruturação de levadas, bem como as centrais hidroelétricas. Mas, é com o pós 25 de Abril de 1974 que o Funchal se tornou na capital da Região Autónoma da República que levou à uma mudança completa com o desenvolvimento e aperfeiçoamento dos vários setores de atividade (agricultura, comércio, turismo, serviços administrativos e outros).

O perfil turístico do Funchal teve a sua maior consistência, a partir dos finais do século XVIII e inícios do século XIX, muito graças à sua localização privilegiada, ao vinho e ao clima ameno que proporcionou a visita de muitas figuras importantes das sociedades europeias como imperadores e duquesas.

O Funchal, estando situado numa das regiões turísticas mais importantes de Portugal, contribuiu e muito para que a Madeira, em 2012, representasse aproximadamente 14% das dormidas nacionais; tivesse uma estada média de hóspedes estrangeiros de 6,1 noites; obtivesse 7% dos hóspedes nacionais e cerca de 12% dos proveitos de aposento nacionais, bem como registasse perto de 10% da capacidade de alojamento nacional.

Com uma procura e oferta consideráveis (em 2013: 658 591 hóspedes; 3 798 355 dormidas; 87 unidades de alojamento registadas pelo INE; 35 jardins e parques; duas linhas principais de teleféricos; mais de 90 empresas de animação turística, entre outros aspetos), o Funchal é antes de tudo o concelho com maior capacidade para atrair o turismo tradicional e tem capacidades de atração do TN.

Não obstante, com mais de 30% do território coberto de floresta, o Funchal oferece ótimas condições para a prática de TN. Dos zero aos 1800 metros de

altitude, sobressaem várias espécies vegetais e de fauna com alguma distinção na Madeira capazes de atrair turistas e até mesmo residentes da Madeira que visitam com frequência este concelho. Tanto que é a Floresta Laurissilva o principal recurso do TN do Funchal, bem como dos outros concelhos da Madeira.

As práticas de Turismo de Natureza que mais se destacam neste município são observação e fruição da e na natureza; levadas e percursos pedestres; turismo em espaço rural (turismo de habitação); visita/usufruto de espaços verdes (jardins e parques); observação de vida selvagem; desportos de natureza. Os museus de História Natural existentes também são muito visitados por turistas e residentes que podem aprender que espécies são mais emblemáticas na Madeira, tal como podem usufruir de outros produtos/serviços (restauração, jardins, fotografias, loja de recordações e outros).

Relativamente aos resultados do estudo exploratório, estes vieram concluir que o Funchal é um território que se dinamiza de diversas maneiras com o TN. Os resultados foram condensados em 4 grandes tópicos (objetivos, estrutura, metodologia e análise dos inquéritos; Turismo de Natureza como potencializador de benefícios; empresas de animação turística; análise dos questionários dos teleféricos, jardins, alojamentos e museus aderentes).

Dos inquéritos realizados, foi possível verificar que no Pico do Areeiro, enquanto espaço escolhido para análise exploratória da procura de TN, são pessoas de todas as idades que frequentam esse espaço, maioritariamente casais. Dos 105 inquiridos, a média de idade foi de 43,17 anos, com proveniências geográficas díspares (exemplo de 28% Portugal, Espanha 14%, Reino Unido e Alemanha com 18% de representatividade), bem como profissões e habilitações literárias médias e superiores (40% nível secundário; 34% nível superior).

No 2º e 3º grupo dos inquéritos, foram várias as questões que os inquiridos responderam, a mais do que uma questão, dado que foram grupos com questões mais abertas. Deste modo, os inquiridos revelaram vários motivos do porquê da visita ao Pico do Areeiro (“Lazer/Recreio” (98%); “Custo/Qualidade” 40%; Ave: freira (*Pterodroma madeira*)” 10% e outros). 56% manifestaram estar “muito satisfeitos” com a visita ao local, bem como a grande maioria (79%) não foi encaminhada para fazer qualquer atividade no Pico do Areeiro. Também 97%

mencionou apenas ter gasto até 50 euros para estar no Pico do Areeiro, tal como 70% revelou que recorreu à suportes informativos para poderem estar no Pico do Areeiro (“Internet” (91%), “GPS” (30%) e outros).

Por conseguinte, as atividades de/na natureza praticadas pelos inquiridos foram variadas, entre elas “levadas e veredas” (69%); visita de jardins (43%) e de teleféricos (19%). Isto em várias localidades da Madeira e por motivos díspares. Poucos são aqueles que querem ou praticaram desportos radicais (84%), bem como 58% estava alojado no Funchal. Todos os inquiridos manifestaram o gosto pela componente verde do Funchal e da ilha, bem como reconhecem o facto de merecer a fama que tem. Quanto ao voltar para a ilha/Funchal, 51% manifestou a vontade de voltar, contrariamente a 49%.

Igualmente, houve lugar para uma análise dos questionários respondidos das instituições que colaboraram na nossa investigação (total de 15). As empresas de animação turística, bem como os jardins e as unidades de TER são muito diversificadas no Funchal, o que de facto atrai múltiplos perfis turísticos, atendendo a critérios como a segurança, qualidade e preço, singularidade da(s) atividade(s) e outros.

Finaliza-se a componente prática com uma análise SWOT, no intuito precisamente de sintetizar os principais focos orientadores e definidores do Turismo de Natureza do Funchal, tanto os positivos, como os menos positivos. Assim sendo, o TN do Funchal é de facto um tipo de turismo que dinamiza bastante o território, tanto pela via da procura, como da oferta, não deixando de ter também a par das vantagens ou benefícios, algumas desvantagens (exemplos da poluição em certos espaços naturais; sinalização inadequada de alguns percursos; acidentes em práticas de TN, que merecem maior cuidado e diálogo para o encontro de soluções válidas – melhores condições de alguns percursos pedestres com especial cuidado para o solo, as grades, a proteção dos animais e das plantas; maior diálogo entre vários atores madeirenses como o governo, investigadores e outros agentes; maior consciencialização de turistas, visitantes para maiores cuidados que devem ter para não poluírem o ambiente/a natureza).

Bibliografia

Livros e documentos:

- ABREU, J., C. (2009) – *Madeira: monumental e turística*. Everest, Rio de Mouro.
- AGUIAR, C., M. e MORELLI, G. (2006) – *Turismo e Educação: as relações possíveis*. Revista Digital - Buenos Aires, Año 11 - Nº 97, p. 1. Documento *online*, disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd97/turismo.htm> [consultado em: 2/2/2014].
- ALENCOÃO, A., SERÔDIO, A., FARIA, A., GOMES, E., MOREIRA, H., SANTOS, J., MENDES, L., QUARESMA, L., SOUSA, L., MARQUES, M., GABRIEL, R. e LEITE, S. (2010) – *Pedestrianismo – Uma abordagem multidisciplinar: ambiente, aptidão física e saúde*. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- ANDRADE, P. de (2008) – “A sociologia cultural e artística dos jardins”. In FRANCO, J., E. e GOMES, A., C. da C. (coords.) – *Jardins do Mundo – Discursos e Práticas*. Gradiva, Lisboa, pp. 481-490.
- AFONSO, M., J. (1993) – *Funchal – Flora e Arte nos Espaços Verdes*. Câmara Municipal do Funchal, concelho do Funchal.
- AHP – Associação dos Hotéis de Portugal (2005) – *Reinventando o Turismo em Portugal: Estratégia de Desenvolvimento Turístico Português no I Quartel do século XXI*. Confederação do Turismo Português, Lisboa.
- ANGELIS, B., L. & LOBODA, C., R. (2005) – *Áreas Verdes Urbanas: Conceitos, Usos e Funções*. Revista *Ambiência*, vol. 1, nº 1, Guarapurava, pp. 125-139.
- ARAGÃO, A. (1987) – *Para a História do Funchal*. Secretaria Regional do Turismo e Cultura – Direcção Regional dos Assuntos Culturais, Funchal, 2ª edição.
- ARPA, A., A. (2003) – “La Decoración como estrategia para valorizar el patrimonio rural”. In QUESADA, J., M., C. (coord.) – *Turismo y Cultura en el Medio Rural – Gestión Sostenible y Competitiva*. Junta de Andalucía Consejería de Turismo y Deporte, Baeza, pp. 129-154.
- BAPTISTA, M. (1997) – *Turismo – Competitividade Sustentável*. Verbo, Lisboa.
- BARBOSA, A. (2000) – *Guia Turismo Natureza*. Câmara Municipal de Portel, Alentejo.
- BARQUERO, A., V. (2009) – *Desarrollo Local – Una estrategia para tiempos de crisis*. Universitas Forum. Vol. 1, Nº. 2, pp. 1-11, Documento *online*, disponível em: http://hdrnet.org/444/1/barquero_UF2.pdf [consultado em: 30/12/13].

- BARROS, C., I. (2011) – *Planeamento Estratégico de Marketing Territorial e Perspetivas de Desenvolvimento na Região Autónoma da Madeira*. Dissertação de Mestrado da Universidade de Coimbra.
- BARROS, F. (2010) – *Caderno Pedagógico: O meu concelho... Funchal*. SREC – DRAC – ARM, Funchal.
- BECERRA, A., T., CÉSPEDES, D., V. e GÓMEZ, E., G. (2009) – *Demanda Turística Internacional por Turismo Naturaleza en Costa Rica: Indicadores Socio-Demográficos y de Condición de Viaje*. Revista Ciências Económicas, 27-No. 2, pp. 75-103. Documento online, disponível em: <http://www.latindex.ucr.ac.cr/econ-2009-2/econ-2009-02-06.pdf> [consultado em: 3/3/2014].
- BIEN, A. (2007) – Manual nº 1 – *Una Guía Simple para la Certificación del turismo sostenible y el Ecoturismo*. CESD, Rainforest Alliance, TIES (sl). Documento online, disponível em: http://www.responsibletravel.org/resources/documents/reports/Manual_No_1.pdf [consultado em: 20/8/2014].
- BIETOLINI, A. (2007) – *Trekking*. Giunti Editore SpA, Firenze – Milano.
- BOBONE, V., d’O. (2010) – *Funchal esquina do mundo. Funchal Highlights*. Edição do Autor, Lisboa.
- BÖHM, K. (2009) – *Social and cultural impacts of tourism. A holistic management approach for sustainable development*. VDM – Verlag Dr. Müller Aktiengesellschaft, Saarbrücken, Deutschland.
- BRAGA, T. (2007) – *Pedestrianismo e Percursos Pedestres*. Associação Ecológica Amigos dos Açores, Pico da Pedra (Açores).
- CALMÉ, R. (2011) – *Randonnée – S’initier et Progresser*. Éditions Amphora, Hendaye – França.
- CARITA, R. (2008) – *Funchal, Uma Porta para o mundo*. Clube do Colecionador dos Correios, Funchal.
- CARVALHO, M. (2013) – *Cultura e Turismo Criativo na Experiência Integral do Turismo Rural*. Relatório de Projeto da Universidade de Aveiro.
- CARVALHO, P. (2009) – *Património Construído e Desenvolvimento em Áreas de Montanha. O exemplo da Serra da Lousã*. Câmara Municipal da Lousã, concelho de Coimbra.
- CARVALHO, P. (2004) – “Rural landscapes: Case study of Village Plans in Central Portugal (‘Network of Schist Villages’)”. In CRISTÓVÃO, A. (coord.) - *European Farming and Society in Search of a New Social Contract: Learning to Manage Change. Pre-proceedings of the 6th European IFSA Symposium*. UTAD/IFSA, Vila Real, pp. 233-242.

- CARVALHO, P. (2012) – “Residência Secundária, Patrimonialização e Construção de Novas Ruralidades”. In CARVALHO, P. e FERNANDES, J., L. (coords.) – *Património Cultural e Paisagístico. Políticas, Intervenções e Representações*. Imprensa da Universidade de Coimbra, concelho de Coimbra, pp. 97-122.
- CARVALHO, P. e SILVA, S. (2013) – *Os jardins no contexto do turismo pós-moderno. O caso de Portugal*. Revista PASOS – Revista de Turismo y Património Cultural, Vol. 11 N.º 4, pp. 631-647. Documento online, disponível em: <http://www.pasosonline.org/articulos/648-os-jardins-no-contexto-do-turismo-posmoderno-o-caso-de-portugal> [consultado em: 1/3/2014].
- CATER, E. (1994) – “Ecotourism in the Third World – Problems and Prospects for Sustainability”. In CATER, E. e LOWMAN, G. (eds.) – *Ecotourism: A Sustainable option?*. Royal Geographical Society, Reino Unido, pp. 69-86.
- COHEN, E. (2005) – *Principales tendencias en el turismo contemporáneo*. Revista Política y Sociedad. Revista Política y Sociedad, Vol. 42 Núm. 1, pp. 11-24. Documento online, disponível em: <http://revistas.ucm.es/index.php/POSO/article/view/POSO0505130011A/22986> [consultado em: 3/3/2014].
- CUEVAS, S., M. (2003) – *La interpretación como comunicación turística*. In QUESADA, J., M., C. (coord.) – *Turismo y Cultura en el Medio Rural – Gestión Sostenible y Competitiva*. Junta de Andalucía Consejería de Turismo y Deporte, Baeza, pp. 37-56.
- CUNHA, L. (2009) – *Introdução ao Turismo*. Editorial Verbo, Lisboa.
- DOMÍNGUEZ, C., D. (2013) – *Tourism Promotion and Power, creating images, creating identities*. Revista PASOS – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Vol. 11 N.º 2, pp. 499-501. Documento online, disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/11213/PS0213_18.pdf [consultado em: 1/03/2014].
- DOWLING, R., K., MOORE, S., A. e NEWSOME, D. (2013) – *Natural Area Tourism: Ecology, Impacts and Management*. 2ª Edição. Channel View Publications (WP), Ontario, Canada.
- EAGLES, P., J., HAYNES, C. e MCCOOL, S., F. (2002) – *Sustainable Tourism in Protected Areas Guidelines for Planning and Management*. International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. The United Nations Environment Program and the World Tourism Organization, Reino Unido.
- ESTUDANTE, C. (2011) – *O Turismo na RAM (II) – Turismo Terapêutico e Científico*. Documento online, disponível em:

http://www.bprmadeira.org/imagens/documentos/File/bprdigital/dossier/turismo_ram_II_02062011JM.pdf [consultado em: 1/5/2014].

- FADIGAS, L. (2010) – *Urbanismo e Natureza – Os desafios*. Edições Sílabo, Lisboa.
- FAGUNDES, A., I., NUNES, J. e FERREIRA, J. (2008) – *Atlas das Aves Nidificantes – Parque Ecológico do Funchal*. Câmara Municipal do Funchal, Funchal.
- FARIA, B., F. (2006) – *Fauna e Flora da Madeira. Espécies Endémicas ameaçadas vertebrados e flora vascular*. Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais – Direção Regional do Ambiente e de Florestas, Funchal.
- FENNEL, D., A. (1999) – *Ecotourism an introduction*. Routledge, London.
- FERNANDES, J., L. (2013) – *Turismo topobiográfico e territórios narrativos: conceitos e análise crítica*. Revista PASOS – Revista de Turismo y Património Cultural, Vol. 11 N.º 4. pp. 687-701. Documento online, disponível em <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88128724014> [consultado em: 12/12/13].
- FERRAND, N. (2010) – “O papel da investigação na conservação da natureza”. In GUEDES, L. e SANTOS, P. (coords.) – *Actas das XI Jornadas sobre Conservação da Natureza e Educação Ambiental*. FAPAS, Minho, pp.18-19.
- FRANCO, J., E. (2008) – “Madeira, Mito Ilha-Jardim – Cultura da regionalidade ou da nacionalidade imperfeita”. IN FRANCO, J., E. e GOMES, A., C., da C. (coords.) – *Jardins do Mundo – Discursos e Práticas*. Gradiva, Lisboa, pp. 37-68.
- GABRIEL, R., E. (2005) – *Pedestrianismo e Promoção da Saúde – Estudo de percursos pedestres na região do Douro Património Mundial*. UTAD – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Vila Real.
- GASTAL, S. (2013) – *Imagem, Paisagem e Turismo: a construção do olhar romântico*. Revista PASOS – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, Vol. 11 Nº 3, pp. 123-133. Documento online, disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/11313special/PS0313_12.pdf [consultado em: 28/2/2014].
- GONÇALVES, A., R. (2008) – *As comunidades criativas o turismo e a cultura*. Universidade do Algarve, Dos Algarves, Revista da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo, nº 17, pp. 10-18. Documento online, disponível em: <http://www.dosalgarves.com/revistas/N17/2rev17.pdf> [consultado em: 10/12/2013]
- GRANET, A. (2012) – *L’itinérance récréative: un levier de développement et d’aménagement pour les territoires montagnards – Le cas du département des Alpes de Haute-Provence*. Tese de Mestrado da Universidade de Paris 1 – Pantheon Sorbonne.

- HENRIQUES, E., B., SARMENTO, J. e LOUSADA, M., A. (2010) – *Water and Tourism – Resources Management, Planning and Sustainability*. CEG – Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa, concelho de Lisboa.
- IBARRA, A., M., A., IZABA, B., S., SANTANA, R. e VÁZQUEZ, M., R. (2013) – *Aporte económico del ecoturismo a las estrategias de vida de grupos domésticos de la Península de Yucatán, México*. Revista PASOS – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 11, nº 1, pp. 185-204. Documento *online*, disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/11113/PS0113_14.pdf [consultado em 28/02/2014].
- IDELHADJ, A., MATEOS, M., R. e GARCÍA, L., R. (2012) – *Cronica de eventos: Turismo responsable, especies rurales y naturales y cooperación para el desarrollo: a propósito de la “Declaración de Tetuán” (Marruecos)*. Revista PASOS – Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 10, nº 5, pp. 651-664. Documento *online*, disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/10512/PS0512_19.pdf [consultado em 1/3/2014].
- IMC – University of Applied Sciences Krems (2012) – *Garden Tourism Definitions, Concepts and Examples*. CultTour, Áustria. Documento *online*, disponível em: http://www.culttour.eu/fileadmin/user_upload/Media/Garden_Tourism_Brochure_online_Version.pdf [consultado em: 8/3/2014].
- INE (2011) – *Anuário Estatístico da Região Autónoma da Madeira de 2010*. Funchal: Direção Regional de Estatística da Madeira. Disponível em: http://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=130334178&PUBLICACOESmodo=2 [consultado em: 2/4/2014].
- INE (2012) – *Anuário Estatístico da Região Autónoma da Madeira de 2011*. Funchal: Direção Regional de Estatística da Madeira. Disponível em: http://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=150341072&PUBLICACOESmodo=2 [consultado em: 31/3/2014].
- INE (2013) – *Anuário Estatístico da Região Autónoma da Madeira de 2012*. Funchal: Direção Regional de Estatística da Madeira. Disponível em: http://ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=209600833&PUBLICACOESmodo=2 [consultado em: 29/3/2014].
- JAÉN, I., M. (2003) – “Ecomuseo del Rio Calcena en Almedinilla – Córdoba”. In QUESADA, J., M., C. (coord.) – *Turismo y Cultura en el Medio Rural – Gestión Sostenible y Competitiva*. Junta de Andalucía Consejería de Turismo y Deporte, Baeza, pp. 259-282.

- JIMÉNES, E., A. (2001) – “Espacios protegidos y desarrollo turístico. El ejemplo de los parques naturales de la Provincia de Jaén”. In QUESADA, J., M., C. (coord.) – *Planificación y Gestión del turismo en el medio rural*. Junta de Andalucía Consejería de Turismo y Deporte, Baeza, pp. 146-179.
- KNOP, P. (2006) – “Sport and events tourism”. In BUHALIS, D. e COSTA, C. (edts.) – *Tourism Business frontiers – consumers, products and industry*. Elsevier Ltd, Reino Unido, pp. 118-126.
- LANÇA, R. (2007) – *O Desporto e o Lazer – Uma Gestão Integrada*. Editorial Caminho, Lisboa.
- LAURAJANE, S. (2006) – *The Uses of Heritage*. Routledge, London and New York.
- LOUREIRO, J., M. (2010) *A água na Ilha da Madeira – Caracterização Hidrológica: As grandes aluviões 1600-2010*. Funchal.
- MAKENS, J., BOWEN, J., KOTLER, P., MORENO, R., R. e PAZ, M., D., R. (2005) – *Marketing para turismo*. Terceira edição. PEARSON EDUCACIÓN, S.A., Madrid.
- MARUJO, N. (2013) – *O desenvolvimento do Turismo na Ilha da Madeira*. Revista TURyDES, vol. 6, nº 15, 2013. Documento online, disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/15/ilha-madeira-turismo.html> [consultado em: 25/4/2014].
- MCKERHER, B. (2002) – *Turismo de Natureza: Planeamento e Sustentabilidade*. Contexto, Brasil.
- MENDES, J., A. (2009) – *Estudos do património: museus e educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra, concelho de Coimbra.
- MENDES, S. (2007) – *Funchal Cidade com História – A City with History*. Livros e Livros, Funchal.
- MENDES, S. (2011) – *O Homem e a Responsabilidade Ambiental: O Turismo de Natureza e a Sustentabilidade*. Zaina Editores, Alpiarça.
- MÍNGUEZ, L., A. (2001) – “El Turismo Sostenible: La Gestión Integrada de la Calidad y del Medio Ambiente”. In QUESADA, J., M., C. (coord.) – *Planificación y Gestión del turismo en el medio rural*. Junta de Andalucía Consejería de Turismo y Deporte, Baeza, pp. 35-65.
- MONIZ, A., I., FALCÃO, A., M., COELHO, L., M. e DOS SANTOS, T., P. (2011) – *Funchal (d)Escrito – Ensaios sobre representações literárias da Cidade*. 7 Dias 6 Noites, Vila Nova de Gaia.
- NEVES, D. (2010) – *Turismo e Riscos na Ilha da Madeira: Avaliação, Perceção, Estratégias de Planeamento e Prevenção*. Tese de Mestrado da Universidade de Coimbra.

- NOVELLI, M. (2005) – *Niche tourism: contemporary issues, trends and cases*. Elsevier Butterworth-Heinemann, Oxford.
- NUNES, J., M. (2008) – *Os caminhos do Turismo Sustentável – Manual de Boas Práticas de Desenvolvimento Turístico*. ADTR – Associação de Desenvolvimento Terras do Regadio, Lisboa.
- OLIVEIRA, A., MARTINS, C. e MIRANDA, C. (2008) – *PERFINOV – Perfis para a Inovação : Uma Abordagem baseada nos Clusters*. UERN - União das Associações Empresariais da Região Norte, Braga.
- OLIVEIRA, N., G. (2009) – *Ecoturismo e Conservação da Natureza*. Parque Biológico de Gaia, EEM, Avintes.
- PATTERSON, C. (2007) – *The Complete Guide for Nature and Culture-Based Tourism Operators: The Business of Ecotourism*. TRAFFORD Publishing, Canada.
- PEZZULLO, P., C. (2007) – *Rhetorics of Pollution, Travel and Environmental Justice – Toxic Tourism*. The University of Alabama Press, Tuscaloosa.
- PIRES, I. (1994) – *Turismo e Ambiente: Reflexões sobre a situação atual e perspectivas futuras*. Direção Geral do Ambiente – Gabinete dos Assuntos Comunitários e Cooperação, Lisboa.
- RIENTJES, S. (1999) – “La perception de la nature”. In EUROPE, Council of – *La Nature comme Patrimoine: De la sensibilisation à l’action. Actes*. Editions du Conseil de l’Europe, Strasbourg, pp. 11-16.
- RODRIGUES, C. (2011) – *Turismo de natureza: O desporto de natureza e a emergência de novos conceitos de lazer*. Departamento de Geografia da Universidade do Minho. Minho. Documento *online*, disponível em: <http://www.geografia.uminho.pt/Default.aspx?tabid=10&pageid=47&lang=pt-PT> [consultado em: 5/3/2014].
- QUINTAL, R. (2007) – *Estudo Fitogeográfico dos Jardins e Parques e Quintas do Concelho do Funchal*. Tese de Doutoramento apresentada a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Documento *online*, disponível em: <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/581> [consultado em: 24/4/2014].
- QUINTAL, R. (2005) – *Madeira – The discovery of the island by car and on foot*. Associação dos Amigos do Parque Ecológico do Funchal, cidade do Funchal.
- SARAMAGO, A., JORDAN, A., TRINDADE, A., HUESCAR, A., TORRES, C., LOPES, E., R., FALCÃO, J., A., GUERREIRO, J., FERNANDES, J., M., FERREIRA, M., A. e BRITO, S., P. (2002) – *Com os olhos no Futuro: Reflexões sobre o Turismo em Portugal*. ICEP, Lisboa.

- SANTOS, A. e MUSSOI, T., D. (2006) – “Conceituação e Questionamentos sobre o desenvolvimento de iniciativas de Ecoturismo”. In TEIXEIRA, A., R, PEDRON, F. de A., ALMEIDA, J., A. e SOUZA, M. de (coords.) – *V Congresso Internacional sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável: Ordenamento, Segmentação e Regionalização do Turismo em Áreas Rurais*. FACOS – UFSM, Santa Maria – RS – Brasil, pp. 222-228.
- SANTOS, C. e CABRAL, M. (2005) – *Manual para o investidor em Turismo de Natureza*. VICENTINA – Associação para o Desenvolvimento do Sudoeste, Bensafrim.
- SANTOS, N., P. dos (2008) – “Lazer, Espaço e Lugares”. In GAMA, A. e S., N., P. dos (coords.) – *Lazer – Da Libertação do tempo à conquista das práticas*. Imprensa da Universidade de Coimbra, concelho de Coimbra, pp. 145-163.
- SANTOS, N., P. dos (2011) – “Lazer tempo livre e novos consumos”. In VELOSO, H. e COELHO, S., L. (coords.) – *Novas dimensões do consumo na sociedade contemporânea*. Porto: IS-FLUP, pp. 84-97.
- SÉGUIN, Y. (2010) – *Randonnée pédestre au Québec. Les plus beaux lieux de marche – Des listes thématiques pour mieux choisir*. Guides de Voyage Ulysse, Paris.
- SEQUEIRA, E., M. e RAMALHO, M., M. (2010) – *Património Natural e Geológico*. Câmara Municipal de Cascais, Lisboa.
- SILVA, F., A. (2013) – *Turismo na natureza como base do desenvolvimento turístico responsável nos Açores*. Tese de Doutoramento em Geografia da Universidade de Lisboa – IGOT.
- SOIFER, J. (2008) – *Empreender Turismo de Natureza*. Offset Mais, Lisboa.
- TARRÉS, C., S. e VELA, M., R. (2005) – *El turismo rural-cultural: un modelo de gestión del marketing turístico a nivel local basado en la medida de la imagen del destino*. Cuadernos de Turismo, nº 16, pp. 197-222. Documento online, disponível em: <http://revistas.um.es/turismo/article/view/18321/17681> [consultado em 3/3/2014].
- THR (2006) – *10 Produtos estratégicos para o desenvolvimento do turismo em Portugal: Turismo de Natureza*. Turismo de Portugal. Lisboa. Documento online, disponível em: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/Documents/Turismo%20de%20Natureza.pdf> [26/3/2014].
- TISDELL, C. e WILSON, C. (2012) – *Nature-based Tourism and Conservation – New Economic Insights and Case Studies*. Edward Elgar Publishing, Northampton – EUA.
- TOVAR, Z. (2010) – *Pedestrianismo, Percursos Pedestres e Turismo de Passeio Pedestre em Portugal*. Tese de Mestrado da Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril.
- VALAGÃO, M. (2009) – *Natureza, Gastronomia & Lazer – Plantas silvestres alimentares e ervas aromáticas condimentares*. Edições Colibri, Portel.

- VIEIRA, A. (2008) – “Das Ilhas Jardins aos Jardins das Ilhas”. IN FRANCO, J., E. e GOMES, A., C., da C. (coords.) – *Jardins do Mundo – Discursos e Práticas*. Gradiva. Lisboa, pp. 91-106.
- WIGHT, P. (1994) – “Environmentally Responsible Marketing of Tourism”. In CATER, E. e LOWMAN, G. (eds.) – *Ecotourism: A Sustainable option?*. Royal Geographical Society, Reino Unido, pp. 39-53.

Notícias consultadas:

- FONTINHA, S. (2013) – “A nossa Madeira sempre verde, de tons únicos no Mundo”. *Jornal da Madeira*, Funchal, 28 de Agosto, p. 4.
- MADEIRA, Jornal da (2013: a) – “Promoção da Madeira chega a 26.5 milhões”. Funchal, 13 de Agosto de 2013, p. 7.
- MADEIRA, Jornal da (2013: b) – “Exemplo de sustentabilidade”. 5 de Setembro, Página consultada a 6 de Setembro de 2013 <<http://impresso.jornaldamadeira.pt/noticia.php?Seccao=17&id=254005&sdata=2013-08-22>>
- MADEIRA, Jornal da (2014: a) – “Turismo da Madeira lança novas campanhas online”. Funchal, 2 de Janeiro, Página consultada a 4 de Janeiro de 2014 <<http://online.jornaldamadeira.pt/artigos/turismo-da-madeira-lan%C3%A7-novas-campanhas-online>>
- MADEIRA, Jornal da (2014: b) – “Conceição Estudante presente na BTL”. Funchal, 26 de Março, Página consultada a 27 de Março de 2014 <<http://impresso.jornaldamadeira.pt/noticia.php?Seccao=11&id=268169&sdata=2014-03-11>>
- MADEIRA, Jornal da (2014: c) – “Diploma das Desertas votado a 24 na Europa”. Funchal, 26 de Março, Página consultada a 27 de Março de 2014 <<http://impresso.jornaldamadeira.pt/noticia.php?Seccao=17&id=267774&sdata=2014-03-06>>
- MADEIRA, Jornal da (2014: d) – “Madeira regulamenta observação de cetáceos”. 23 de Abril, Página consultada a 25 de Abril de 2014 <<http://www.jornaldamadeira.pt/artigos/madeira-regulamenta-observa%C3%A7%C3%A3o-de-cet%C3%A1ceos>>
- NOTÍCIAS, Diário de (2013) – “Festival da natureza anima Madeira depois das eleições”. Lisboa, 26 Setembro, Página consultada a 30 de Outubro de 2013

<http://turismo.dnoticias.pt/artigo/3290-festival-natureza-anima-madeira-depois-das-eleicoes>

- RIBEIRO, C. (2014) – “Madeira quer ser ainda mais Região de turismo activo”. Diário da Madeira, Funchal, 5 de Janeiro, p. 6.
- SOARES, A. (2013) – “Madeira brilhou no Parlamento Europeu”. Jornal da Madeira, Funchal, 2 de Outubro, p. 5.

Websites informativos consultados:

- *Accommodation Madeira*: <http://www.accommodationmadeira.com/> [consultado em: 19/4/2014];
- Agência Portuguesa do Ambiente: <http://www.apambiente.pt/index.php> [consultado em: 21/2/2014];
- Associação de Promoção da Madeira: <http://www.ap-madeira.pt/madeira/apm/> [consultado em 12/5/2014].
- Associação Portuguesa dos Jardins e Sítios Históricos: <http://www.jardinhistoricos.pt/> [consultado em: 26/2/2014];
- Birds & Company: <http://www.birdsandcompany.com/pt/> [consultado em: 30/5/2014];
- Blog Rota dos Miradouros da Madeira: <http://rotadosmiradourosdamadeira.blogspot.pt/> [consultado em 22/1/2014].
- Câmara Municipal do Funchal - <http://www.cm-funchal.pt/> [consultado em: 22/2/2014].
- Campanha *Madeira all year*: <http://madeiraallyear.com/> [consultado em 8/5/2014]
- Carta Europeia do Turismo Sustentável: <http://www.european-charter.org/> [consultado em: 6/12/2013];
- Carta do Turismo Sustentável de Lanzarote, 1995: <http://www.djemme.com/docs/docs-tr/carturi.pdf> [consultado em: 30/1/2014].
- Casa do Caseiro: <http://www.acasadocaseiro.com/> [consultado em: 20/4/2014];
- Casas Vila Calaçã: <http://www.madeirarentals.net/properties/9/vila-calaca/> [consultado em: 20/4/2014];
- Casas Vila-Marta: <http://www.vila-marta.com/index.html> [consultado em: 13/5/2014].
- Central Nacional do Turismo no Espaço Rural: http://www.center.pt/PT/turismo_natureza.php [consultado em: 8/3/2014];

- Clube de Aventura da Madeira - <http://www.camadeira.com/> [consultado em: 25/5/2014].
- Clube de Montanha do Funchal: <http://cmofunchal.org/> [consultado em: 12/5/2014].
- Convenção para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural: <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf> [consultado em: 23/2/2014];
- *Deloitte*: <http://www.deloitte.com/> [consultado em: 15/3/2014];
- Eleição de Portugal como melhor destino: http://boasnoticias.sapo.pt/noticias_Cond%C3%A9-Nast-Portugal-%C3%A9-o-melhor-destino-do-mundo_16178.html?page=0 [consultado em: 10/3/2014];
- *European Ramblers Association*: <http://www.era-ewv-ferp.com/> [consultado em: 21/2/2014];
- Federação Equestre de Portugal: <http://www.fep.pt/> [consultado em: 26/2/2014];
- *Fédération Française de la Randonnée Pédestre*: <http://www.ffrandonnee.fr/> [consultado em: 15/2/2014];
- *Global Ecolabelling Network* - <http://www.globalecolabelling.net/> [consultado em: 13/3/2014];
- *Grand Canyon National Park*: <http://www.nps.gov/grca/planyourvisit/index.htm> [consultado em: 7/3/2014];
- *Heritage Village Cloppenburg*: <http://www.museumsdorf.de/> [consultado em: 8/3/2014];
- Índice de Competitividade Turística: http://www3.weforum.org/docs/TTCR/2013/TTCR_OverallRankings_2013.pdf [consultado em: 21/2/2014];
- Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas: <http://www.icnf.pt/portal/turnatur> [consultado em: 3/12/2013];
- Jardins do Palheiro: <http://www.palheirogardens.com/> [consultado em: 13/5/2014].
- Jardim Monte Palace: <http://www.montepalace.com/> [consultado em: 13/5/2014].
- Lei de Bases do Ambiente de Portugal: <http://legislacaodireitodoambiente.blogspot.pt/2008/01/lei-de-bases-do-ambiente-lei-1187.html> [consultado em: 13/3/2014];
- *Madeira Birds*: <http://www.madeirabirds.com/> [consultado em: 30/5/2014];
- *Madeira Catamaran*: <http://www.madeiracatamaran.com/pt/> [consultado em: 19/8/2014];
- *Madeira Fauna & Flora*: <http://www.madeira-fauna-flora.com/index.php/en/> [consultado em: 1/8/2014];

- *Madeira Harmony in Nature*: <http://www.madeira-harmonyinnature.com/> [consultado em: 29/5/2014];
- Madeira spas: <http://www.madeiraspas.pt/pt/treatments.html> [consultado em: 12/5/2014];
- Museu de História Natural do Funchal: http://www.cm-funchal.pt/ciencia/index.php?option=com_content&view=article&id=220:museu-de-historia-natural-do-funchal&catid=106:museu-de-historia-natural-&Itemid=351 [consultado em: 25/4/2014].
- Museu de História Natural do Jardim Botânico: http://www.sra.pt/jarbot/index.php?option=com_content&view=article&id=77&Itemid=157&lang=pt [consultado em: 25/4/2014].
- Museu Quinta das Cruzes: <http://mqc.gov-madeira.pt/> [consultado em: 25/5/2014].
- *National Trust* do Reino Unido: www.nationaltrust.org.uk/farne-islands/ [consultado em: 7/3/2014];
- *Nature Meetings*: <http://naturemeetings.com/> [consultado em: 30/5/2014];
- *Nau Santa Maria*: <http://www.madeirapirateboat.com/> [consultado em: 19/8/2014];
- Observatório do Turismo dos Açores: <http://www.observatorioturismoacores.com/> [consultado em: 13/3/2014];
- Palheiro Golfe: <http://www.palheirogolf.com/pt> [consultado em: 7/5/2014];
- Parque Ecológico do Funchal: http://www.cm-funchal.pt/ambiente/index.php?option=com_content&view=article&id=172&Itemid=241 [consultado em: 20/4/2014];
- Parque Natural da Madeira: <http://www.pnm.pt/> [consultado em: 4/4/2014].
- PENT – Plano Estratégico Nacional do Turismo: <http://www.turismodeportugal.pt/Portugu%C3%AAs/turismodeportugal/publicacoes/Documents/PENT%202007.pdf> [consultado em 22/1/2014].
- Quinta Mãe dos Homens: <http://www.qmdh.com/pt/> [consultado em: 20/4/2014];
- Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal: <http://www.rcaap.pt/> [consultado em 25/2/2014];
- *Rota dos Cetáceos*: <http://www.rota-dos-cetaceos.pt/> [consultado em: 29/5/2014];
- Sociedade Portuguesa para o Estudo das Aves: <http://www.spea.pt/> [consultado em: 26/2/2014];
- Teleférico do Monte: <http://www.telefericodofunchal.com/> [consultado em: 13/5/2014].

- Teleférico do Jardim Botânico: <http://telefericojardimbotanico.com/pt/> [consultado em: 13/5/2014].
- *The International Ecotourism Society*: <http://www.ecotourism.org/> [consultado em 18/2/2014];
- *The International Union of Conservation*: <http://www.iucn.org/about/> [consultado em: 15/2/2014];
- *The World Travel and Tourism Council*: <http://www.wttc.org/> [10/2/2014];
- *Travel Industry Association of America*: <http://www.ustravel.org/news/press-releases/us-travel> [consultado em: 7/3/2014];
- Turismo de Portugal <http://www.turismodeportugal.pt/> [consultado em: 5/1/2014].
- UNESCO - *World Heritage List*: <http://whc.unesco.org/en/list/> [consultado em: 24/2/2014];
- Viagens Quebec: <http://www.viagensimagens.com/quebec.htm> [consultado em: 7/3/2014];
- *World Wide Fund for Nature* de Portugal: <http://www.wwf.pt/> [consultado em: 24/2/2014];
- *Yellowstone National Park*: <http://www.nps.gov/yell/index.htm> [consultado em: 7/3/2014];

ANEXOS

Seção 1: Imagens e Figuras

GR Grande Rota

Pequena Rota

PR



Fonte: FCMP.

Figura I: Elucidação de alguma sinalética presente nos percursos pedestres.



Fonte: <http://www.museumsdorf.de/index.php/de/gaerten> [consultado em: 8/3/2014].

Figuras II e III: Alguns dos jardins no *Heritage Village Cloppenburg*.



Fontes: <http://www.viajesyturistas.com/parques-naturales-en-jaen/>;
<http://www.marcaparquenatural.com/parquesnaturales/sierra-magina/>, respetivamente [consultados em:
7/3/2014].

Figuras IV, V e VI: Elucidação de um dos parques naturais mais atrativos de Jaén – Parque Natural de Sierra Mágina.



Fonte: <http://www.1000dias.com/rodrigo/mont-tremblant/> [consultado em: 7/3/2014].

Figura VII: Paisagem do *Parc National du Mont -Tremblant*, vista do alto de uma das trilhas mais populares.



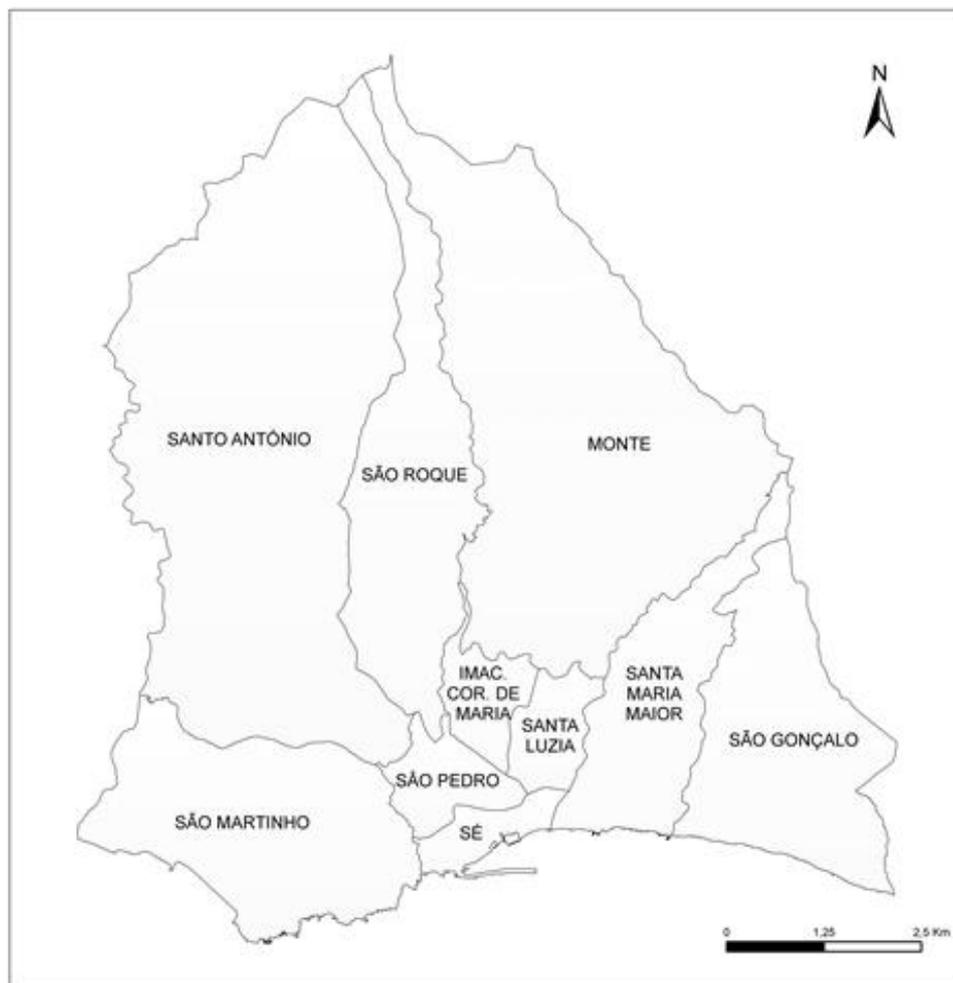
Fonte: www.nationaltrust.org.uk/farne-islands/ [consultado em: 7/3/2014].

Figuras VIII e IX: Imagens das aves mais características das ilhas Farne (*Puffin*) e do Farol do século XIX.



Fontes: <http://www.nps.gov/grca/planyourvisit/index.htm>;
<http://travel.nationalgeographic.com/travel/national-parks/yellowstone-national-park/>; respectivamente
[consultados em: 7/3/2014].

Figuras X e XI: *Grand Canyon National Park* e uma das imagens representativas do *Yellestown National Park*.



Fonte: CMF.

Figura XII: Distribuição geográfica das freguesias que pertencem ao concelho do Funchal.



Fontes: Elaboração própria (XIII, XIV e XV) e Acontece Madeira (XVI).

Figuras XIII, XIV, XV e XVI: Elucidação da Festa da Flor de 2014, com destaque para o comércio de flores na Avenida Arriaga (1 e 2) e para o cortejo na Avenida do Mar (3 e 4).



Fonte: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=434511> [consultado em: 30/6/2014].

Figuras XVII e XVIII: Imagens ilustrativas da Selvagem Grande e da Selvagem Pequena.



Fonte: CMF.

Figuras XIX e XX: Imagens ilustrativas dos denominados “poços da neve” em pleno Parque Ecológico do Funchal, em estações diferentes.



Fontes: Elaboração própria (XXI, XXII, XXIV e XXV) e Francisco Correia (XXIII).

Figuras XXI, XXII, XXIII, XXIV e XXV: Paisagens e edifício principal do Parque Ecológico do Funchal.



Fonte: Elaboração própria.

Figuras XXVI, XXVII, XXVIII, XXIX e XXX: Imagens relativas às paisagens, serviços e ao percurso da Vereda do Areeiro no Pico do Areeiro.



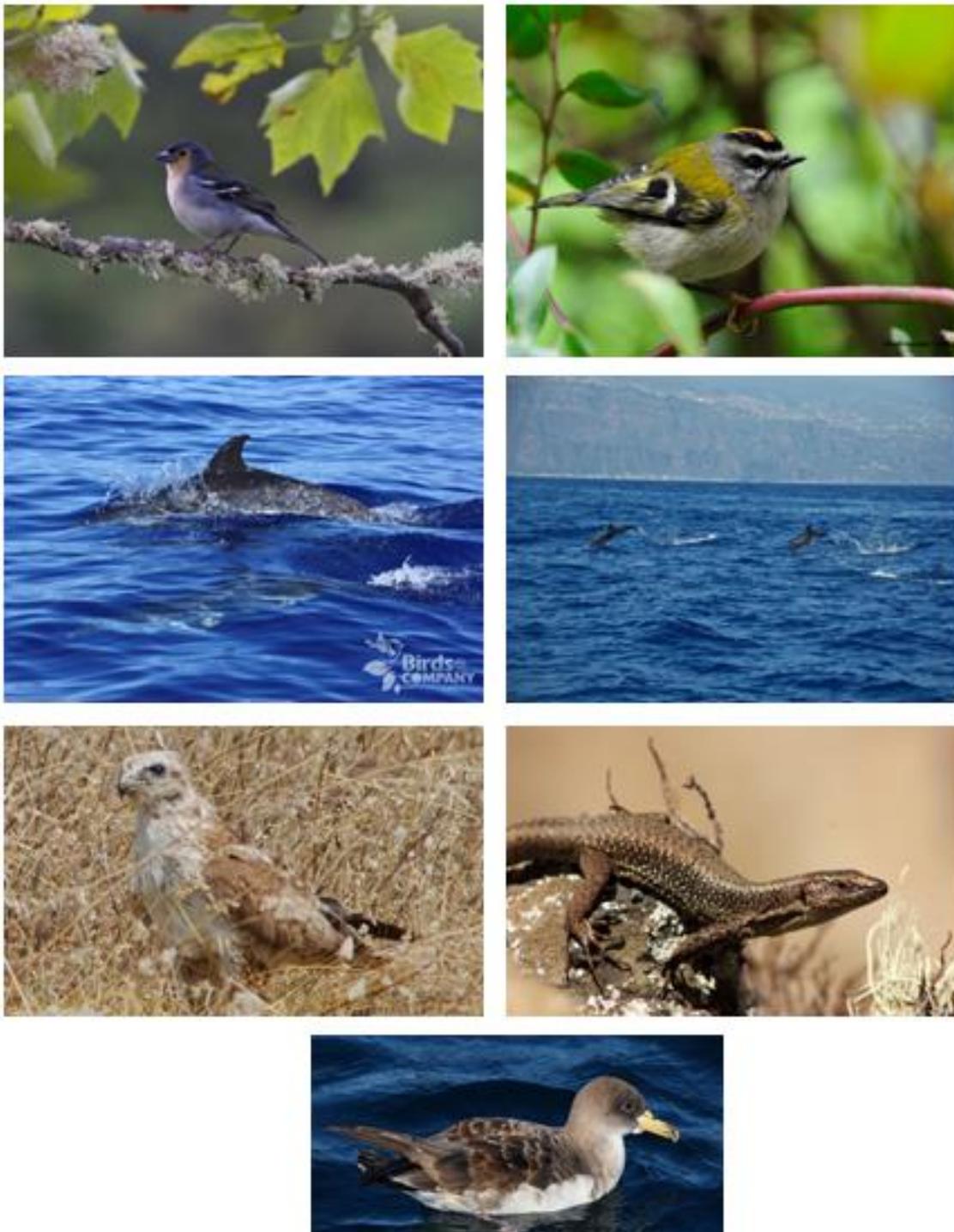
Fontes: Francisco Correia e elaboração própria, respetivamente.

Figuras XXXI e XXXII: Percurso pedestre para o Pico das Torres e Pico Ruivo, os dois pontos mais altos da Madeira.



Fonte: Elaboração própria.

Figuras XXXIII e XXXIV: Elucidação de alguns produtos à venda no Pico do Areeiro.



Fontes: <http://olhares.sapo.pt/foto2907534.html>; http://www.geocaching.com/geocache/GC4MRWW_do-suna-ao-batista-abrigo-do-bis-bis; Birds Company; <http://nobicodaquebrada.wordpress.com/2013/06/09/observacao-de-cetaceos-na-costa-sul-e-oeste-da-madeira/>; MadeiraBirds; <http://raveterceira.wix.com/rave2014>; respetivamente [consultados em: 20/7/2014].

Figuras XXXV até XLI: Respetivamente: tentilhão (*fringilla coelebs madeirensis*); bisbis (*Regulus ignicapillus madeirensis*); baleia de bryde (*Balaenoptera edeni*); golfinho pintado (*Stenella frontalis*); manta (*Buteo buteo barterti*); cagarra (*Calonectris diomedea borealis*); lagartixa-da-madeira (*Lacerta dugesii*).

ANEXOS

Seção 2: Tabelas

Tabela I: Teses de Mestrado encontradas com as palavras-chave de “Turismo de Natureza na Ilha da Madeira” e “Turismo de Natureza no Funchal” no Repositório Nacional de Teses

Título das teses de mestrado	Autor	Ano de Edição
“Surf e bodyboard como produtos turísticos na Região Autónoma da Madeira”.	João Lopes	2008
“Monitorização da atividade de observação de cetáceos no Arquipélago da Madeira, Portugal”.	Rita Ferreira	2008
“Turismo ativo: um produto do turismo e do desporto”.	António Alves	2010
“Turismo e riscos na Ilha da Madeira: avaliação, perceção, estratégias de planeamento e prevenção”.	Daniel Neves	2011
“Caracterização e Avaliação do Ecoturismo na Ilha da Madeira numa Perspetiva de Desenvolvimento”.	Maria Freitas	2012
“Turismo no espaço rural na Região Autónoma da Madeira: um estudo para o desenvolvimento de um sistema de gestão de qualidade no setor”.	Sónia Nunes	2013

Fonte: Elaboração própria, baseada nas informações recolhidas no Repositório Científico de Acesso Aberto de Portugal (Repositório Nacional de Teses) – Fevereiro de 2014.

Tabela II: Nome e caracterização dos miradouros selecionados pela DRTM

Nome	Caraterização
<p data-bbox="316 398 616 432">Miradouro da Achada</p> 	<p data-bbox="826 398 1461 622">Construído em 2009, é composto por um pequeno jardim com várias árvores, arbustos, herbáceas, trepadeiras e relvado. Situa-se numa área de quase 600 m² a uma altitude de 100 metros, desde a qual é possível usufruir da vista à leste do Funchal.</p>
<p data-bbox="296 806 635 840">Miradouro de São Roque</p> 	<p data-bbox="826 806 1461 992">Localizado em frente à Igreja paroquial de São Roque oferece amplas vistas sobre o anfiteatro do Funchal. Este sítio está bem conservado e está perto de lugares de restauração e comércio.</p>
<p data-bbox="226 1227 705 1261">Miradouro do Curral dos Romeiros</p> 	<p data-bbox="826 1227 1461 1413">O Miradouro do Curral dos Romeiros situa-se à uma altitude de 600 metros, no Caminho dos Pretos e oferece vistas para o promontório do Cabo Girão e a Ribeira de João Gomes, bem como a cidade do Funchal.</p>
<p data-bbox="300 1630 635 1664">Miradouro da Vila Guida</p> 	<p data-bbox="826 1630 1461 1888">Construído em 1938, proporciona uma admirável vista panorâmica sobre a Baía do Funchal. Neste espaço destaca-se o painel de azulejos de Adriana Lajinha, com uma imagem antiga do anfiteatro do Funchal. É cercado de um jardim bonito e bem iluminado.</p>

Miradouro do Lombo da Quinta



Situado em São Gonçalo, próximo ao Palheiro Golf, oferece uma excelente vista panorâmica sobre a baía do Funchal.

Miradouro das Cruzes



De 1936, é dos mais antigos miradouros do Funchal e localiza-se junto à Quinta das Cruzes. Proporciona uma vista privilegiada sobre o Porto e a Baixa do Funchal. Este miradouro é dos mais visitados, uma vez que, tem uma localização próxima ao museu que tem muitos visitantes.

Miradouro dos Marmeleiros



Situado a uma altitude de 500 metros, na freguesia do Monte, o Miradouro do Marmeleiros mostra uma vista privilegiada sobre o Funchal. Aqui são muitos os turistas que tiram fotos sobre a baía, atendendo a boa localização do mesmo. É um espaço rodeado de uma componente verde singular.

Miradouro do Parque de Santa Catarina



Situa-se no Parque de Santa Catarina, bem no centro do Funchal, e permite desfrutar de uma belíssima vista desde a baía do Funchal até à Ponta do Garajau. É dos miradouros mais bonitos por estar num parque bem cuidado e bastante visitado por turistas e residentes locais.

Fontes: Elaboração própria a partir dos dados e das fotos obtidos através da DRTM e do Blog Miradouros da Madeira.

Tabela III: Empresas de animação turística com sede no Funchal		
LOUQUINVENTO	LIMITABITUAL	MADEIRA DIVE POINT
DTL TOURS	MADEIRA BLUE SUN	MADEIRA AVENTURA
TERRAS DA AVENTURA	WELCOME MADEIRA	MADEIRA EXPLORERS
STRESSZERO	VEREDAS DO SOL	VIP IN PARADISE
TURIPESCA	VIATIVA	VIDA Y MONTAÑA
UPMOUNTAINS MADEIRA	VISÕES AQUADÉLICAS	MONTEIRO DE ARAÚJO
PRAZER DO MAR	QUINTA DO RIACHO	MOUNTAIN EXPEDITIONS
SOCIEDADE TURÍSTICA	PALHEIRO FERREIRO	TIMENTAVES
SPAZIO TURISMO	SANTA MARIA	ROTA DOS CETÁCEOS
MADEIRA WIND BIRDS	LUME & GOUVEIA	LAZER NATURE
MADEIRA OCEANO'S	M. GAVINA	LIVREMAR - FREED'EM
MAGNÍFICA PAISAGEM	MADERAD	PARALELO 32
FUN TRIP	PESCA GROSSA	PALCO MADEIRA ALUGUER
GONÇALVES & GOUVEIA	OLIESLAGERS	NATURFREUND REISEN
NATURE MEETINGS	NAUTISANTOS	QUADRICÓDIGO
ONDAS INESQUECÍVEIS	MADEIRA MAGIC	FNC EXCURSÕES
KLUBE KLIPPE	TUK TUK MADEIRA	ZONACAT
JOINT CULTURE	TUKXI MADEIRA	ZEEV MADEIRA
ALBATROZ DO MAR	HIT THE ROAD	DRAGON TREE TRAVEL
BÚSSOLA AO RUBRO	AQUA TOURS	ATLANTIDESAFIOS
BONITA DA MADEIRA	SAFARI COMPANY	PRIDE OF MADEIRA
DOURO ACIMA	DIVING PLACES	DISCOVERY ISLAND
COLDFLAME ENDURO	CITY BUBBLES	CHOOSE FANTASY
GAVIÃO	GOGOAWAY	ADVENTURE KINGDOM
HAPPY BIKES	MADEIRA SPORT FISHING	RR TOURS
MARIA ZITA FRANÇA	MADTROUT	PALHEIRO GOLF
MADEIRA SUNRISE TOURS	MADEIRA ADVENTURE PARK	MADEIRA BIG GAME FISHING
ENDÉMICA SAILING CHARTERS	MBTOURS	MHSE - MADEIRA HAPPY START EXCURSIONS
RIBEIRO, MENDES & SANTOS	FISH MADEIRA PESCA DESPORTIVA	ENTRADANIMADA (pesca desportiva)
MADEIRA FAUNA & FLORA	HORIZONTE DO ATLÂNTICO	PAC - PEARL OF THE ATLANTIC CYCLES
RECMAD - RECREAÇÃO TURÍSTICA	LUPA MÁGICA	

Fonte: Elaboração própria a partir da DRTM.

Tabela IV: Alguns dos principais jardins do concelho do Funchal

Nome dos Jardins	Caraterização
<p>Jardim Orquídea</p> 	<p>O Jardim Orquídea, localizado na freguesia de São Martinho, próximo do Jardim Botânico, é um jardim privado que se dedica à produção de orquídeas e plantas exóticas em laboratório. Tem espécies de flora de todo o mundo e tem mais de 50 mil plantas, havendo durante todo o ano, espécies com flor. Há espécies de plantas e flores que se encontram à venda.</p> <p>Preço de entrada: 5 euros por pessoa.</p>
<p>Jardim do Museu Quinta das Cruzes</p> 	<p>Um dos jardins de maior dimensão, situado na freguesia de São Pedro, apresenta várias áreas com património construído e natural. O jardim circunda a casa principal (museu), a Capela de Nossa Senhora da Piedade, a plantação de orquídeas de diversas espécies, bem como outras tantas plantas. Nele ainda é possível ver várias e raras esculturas arqueológicas como Janelas Manuelinas do séc. XVI, de basalto.</p> <p>Preço de entrada: 3 euros por pessoa.</p>
<p>Jardim da Quinta Boa Vista</p> 	<p>Neste jardim há sectores dedicados a bromélias (<i>Bromeliaceae</i>) da América do Sul e as martinetes da Austrália (<i>Callistemon rigidus</i>). No entanto, as orquídeas são novamente a principal atração, pelo número que tem vindo a ser colecionado, nos últimos 20 anos. Além disso, tem um miradouro que proporciona vistas singulares da Madeira e em especial do Funchal.</p> <p>Preço de entrada: 4 euros e 50 cêntimos por pessoa.</p>

Jardim Botânico da Madeira



Obra do Engenheiro Rui Vieira, este jardim é muito visitado tanto por turistas como por visitantes. Este espaço possui uma área ajardinada superior a 35.000 m², mais de 3000 espécies vegetais, oriundas de todos os continentes. Este jardim constitui um polo de ciência, cultura e lazer, onde se estuda e preservam as plantas naturais do Arquipélago, especialmente as mais ameaçadas e em vias de extinção. Insere-se no jardim, o Louro-Parque com uma coleção de 350 aves exóticas.

Preço de entrada: 5 euros e 50 cêntimos para adulto.

Jardim Municipal/Jardim Dona Amélia

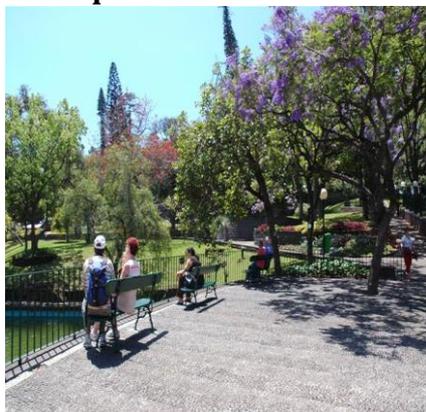


Com uma área de de 8300 m², localiza-se bem no centro da cidade do Funchal, este jardim já fez parte da Ordem Franciscana e atualmente possui belos exemplares da flora da Madeira e não só. Tem também um lago com peixes e aves, bem como bustos e estátuas.

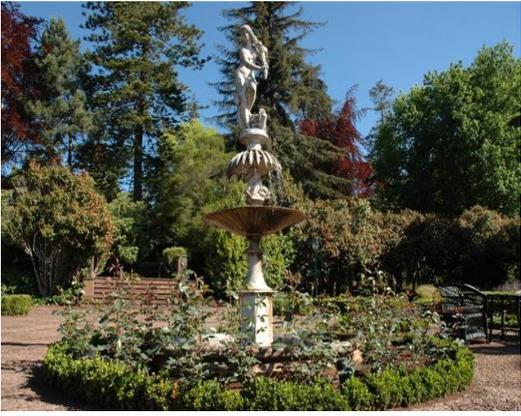
No Jardim Municipal predominam as espécies tropicais e subtropicais, havendo algumas com flores vistosas durante todo o ano, como, por exemplo, a trombeteira (*Brugmansia versicolor*), o clerodendro (*Clerodendrum splendens*) e as maravilhas (*Impatiens walleriana*).

Entrada/Visita Gratuita.

Parque de Santa Catarina

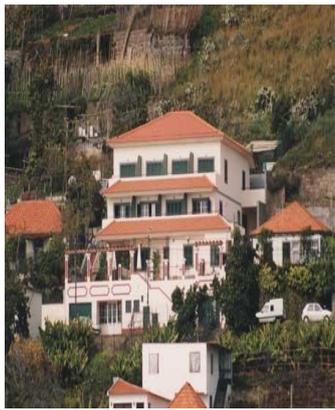


Este parque-jardim é uma zona bastante frequentada por turistas e residentes locais, precisamente por ser uma zona gratuita e localizada bem no centro da cidade do Funchal, com uma área de cerca de 36.000 m², sendo por isso o maior espaço verde do centro histórico do Funchal. O jardim detém de um grande relvado rodeado por diversos canteiros com inúmeras espécies arbóreas, arbustivas e herbáceas, provenientes de todos os cantos do Mundo. Como áreas principais de atratividade, este parque tem a Capela de Santa Catarina; a lagoa com

	<p>animais, com frequência para a nidificação de aves; um parque infantil com ludoteca e um bar esplanada.</p> <p>Entrada/Visita: Gratuita.</p>
<p>Parque Municipal do Monte</p> 	<p>Com uma área de 26.000 m², localizado na freguesia do Monte, é um espaço de lazer com um jardim repleto de muitas espécies de plantas e árvores centenárias, exóticas e indígenas. Tem um ribeiro que passa no meio do jardim, bem como caminhos pedonais e quedas de água.</p> <p>Entrada/Visita: Gratuita.</p>
<p>Jardins da Quinta da Magnólia</p> 	<p>Os jardins desta quinta ocupam um espaço de mais de 20000 m². Estes têm árvores de grande porte, bem como arbustos e plantas de todo o mundo, estando nos arredores do edifício central, tal como dos espaços de lazer desportivos como campos de ténis e de <i>squash</i>, parque infantil e serviços de restauração.</p> <p>Entrada/Visita: Gratuita.</p>
<p>Quinta Jardins do Imperador</p> 	<p>Este espaço verde possui uma área de 45000 m² e foi a habitação do falecido Imperador Carlos da Áustria. Apresenta várias espécies de roseiras de várias cores e de vários países, tal como tem espaços que contêm estátuas e outras obras de decoração. O bar da quinta é muito frequentado sobretudo por permitir boas e singulares vistas sobre o Funchal.</p> <p>Entrada/Visita: Gratuita.</p>

Fontes: Elaboração própria com informações e imagens dos *websites* dos jardins, da CMF, da DRTM e de QUINTAL (2007).

Tabela V: Alojamentos de Turismo em Espaço Rural do Funchal

Nome dos Alojamentos	Descrição	Nº. de quartos	Produtos/atividades complementares ligadas ao turismo
<p>Apartamentos de férias Vila Marta</p> 	<p>Conjunto de apartamentos bem equipados e mobilados, com ótimas condições e normas de segurança, da freguesia de São Martinho, também eles classificados pela Madeira Rural, como estabelecimentos de TER.</p> <p><u>Preço:</u> 43-83 euros por noite/pessoa.</p>	<p><i>Studios</i> Duplos (t0) e 1 <i>Suite</i> (2 quartos).</p>	<p>Jardim; Levada dos Piornais.</p>
<p>Quinta Mãe dos Homens</p> 	<p>É uma das quintas madeirenses, situada na freguesia de Santa Maria Maior, que respeita a traça original. Com grande dimensão, moraram aqui várias pessoas importantes da Europa (viscondes, princesa D. Amélia e outros).</p> <p><u>Preço:</u> 52-115 euros por pessoa/noite.</p>	<p>Entre 2-4 quartos pelos seus 22 apartamentos.</p>	<p>Piscina; <i>food packs</i> (almoços e lanches para caminhadas); jardins; património histórico e estatuário importante.</p>

<p>Casa do Papagaio Verde</p> 	<p>Esta propriedade tem como principal atratividade a excelente localização (São Martinho) e decorrente disso as simbólicas e emblemáticas vistas que tem sobre a cidade do Funchal e o oceano Atlântico.</p> <p><u>Preço:</u> 59-110 euros por pessoa/noite.</p>	<p>7 quartos no total.</p>	<p>Jardim, piscina,</p>
<p>Casa Vila Calaça</p> 	<p>Vilas Calaça situam-se no Funchal, à 14 minutos de carro do centro da cidade. A propriedade tem um exuberante jardim verde e oferece vistas panorâmicas do mar a partir do terraço mobilado.</p> <p><u>Preço:</u> aproximadamente 50 euros por noite/pessoa.</p>	<p>2 casas com 1 quarto cada.</p>	<p>Jardim, piscina, aluguer de carros.</p>
<p>Quinta Devónia</p> 	<p>A Quinta Devónia é uma unidade de agroturismo localizada na freguesia de Santa Maria Maior. É composta por duas casas e por 3 casas de campo.</p> <p><u>Preço:</u> 72 euros por noite/pessoa.</p>	<p>4 quartos no total.</p>	<p>Levada dos Tornos; piscina; jardim; pomares e horta.</p>

<p>Casa do caseiro</p> 	<p>Antiga casa tipicamente Madeirense, foi completamente recuperada, respeitando, no entanto, o traçado original.</p> <p><u>Preço:</u> 38 euros por noite/pessoa.</p>	<p>7 quartos no total.</p>	<p>Jardim; piscina; atividades como: <i>windsurf</i>, caminhadas, mergulho, equitação, <i>snorkelling</i>.</p>
<p>Quinta da Fonte</p> 	<p>É uma casa senhorial, datada de 1850, da freguesia do Monte, com várias árvores e flores bastante atrativas. A casa é toda ela decorada por objetos antigos de pessoas que por lá habitaram.</p> <p><u>Preço:</u> 40/50 euros por noite/pessoa.</p>	<p>5 quartos no total.</p>	<p>Jardim; capela; património histórico/cultura.</p>

Fontes: Elaboração própria, a partir de fontes como a DRTM; QUINTAL (2005 e 2007); *website* Booking.com e os *websites* existentes de alguns dos alojamentos.

Tabela VI: Características dos principais percursos pedestres do Funchal						
	Extensão (Ida e Volta)	Forma	Duração (Ida e Volta)	Motivação principal	Dificuldade	Altitude máxima
Vereda do Areeiro	11,1 Km	Linear, ziguezague	6h/7h	Freira da Madeira e Picos mais altos da Madeira	Média/ Moderada	1862m.
Vereda do Burro	13,4 km	-	-	-	-	-
Caminho real do Monte	11 km	-	-	-	-	-
Levada do Barreiro (Poço da Neve - Casa do Barreiro)	13,4 km	-	-	-	-	-
Levada do Curral e Castelejo	20km	Linear	8h/10h	Fajã do Poio	Média/ Moderada	-
Levada dos Piornais	22km	Linear	8h	Flora e Fauna, paisagens	Média/ Moderada	-

Fontes: Elaboração própria a partir de informações da CMF, DRTM, do Parque Ecológico e da Engenheira Ana Sé.

Tabela VII: Respostas do 1º Grupo do Inquérito “Dados Pessoais”						
I. Dados Pessoais						
Idades	<u>20-30</u>	<u>40-50</u>	<u>60-70</u>			
	31,4%	57,2%	11,4%			
Sexo	<u>Masculino</u>	<u>Feminino</u>				
	65%	35%				
Proveniê- cia Geográfica	<u>Portugal</u>	<u>Espanha</u>	<u>França</u>	<u>Reino Unido</u>	<u>Alemanha</u>	<u>Outro</u>
	28%	14%	8%	18%	18%	14%
Região	Açores: 7% Albufeira: 7% Aveiro: 7% Coimbra: 3% Lisboa: 45% Porto: 31%	Barcelona: 13% Huelva: 40% Madrid: 47%	Bordéus: 13% Lyon: 38% Paris: 50%	Bristol: 5% Leeds: 21% Lille: 5% Liverpool: 16% Londres: 37% Woking: 5% Não responde: 11%	Bergen: 16% Berlim: 21% Bremerhaven: 16% Hamburg: 26%	Amesterdão: 7% Bélgica: 20% Dublin: 20% Países Baixos/Holanda: 13% Não responde: 40%
Profissão	Téc. Sup.: 2,4%	Guia/motorista: 2%	Cozinheiro: 1,2%	Func. Público: 1,2%	Farmacêutico/a: 4%	Estudante: 4%
	Cabelereiro/a: 1,2%	Advocacia: 2%	Designer: 1,2%	Hotelaria: 2%	Reformado/a: 12%	<u>Não respondem:</u> 21%
	Carpinteiro/a: 1,2%	Técnico de Montanha: 1,2%	Veterinário: 1,2%	Prof. de Saúde: 5%	Professor/a: 7,2%	
	Restauração: 4%	Indústria Automóvel: 4%	Comerciante: 12%	Administrativo: 8%	Desempregado(a)/não trabalha: 23%	
Habilitação Académica	<u>Primário</u> (até 9º ano): 12%	<u>Secundário</u> (até 12º ano): 40%	<u>Ens. Superior:</u> 34%	<u>Não responde:</u> 14%		

Fonte: Elaboração própria.

Tabela VIII: Respostas do 2º Grupo do Inquérito “Atividade Realizada”

II. Atividade Realizada					
Motivo(s)	<u>Custo/Qualidade:</u> 40%	<u>Lazer/Recreio:</u> 98%	<u>Outro:</u> Beleza: 30% <u>Outro:</u> Ave: freira (<i>Pterodroma</i> <i>madeira</i>): 10%	<u>Outro:</u> Férias e Descanso: 2% <u>Outro:</u> Estudo: 1%	<u>Outro:</u> Património: 5% <u>Outro:</u> Singularidade: 3%
			<u>Outro:</u> Simbologia: 22%	<u>Outro:</u> Convívio: 6%	<u>Outro:</u> Localização e Altitude: 2%
Satisfação	<u>Muito Satisfeito</u>	<u>Satisfeito</u>	<u>Indiferente</u>	<u>Insatisfeito</u>	<u>Muito Insatisfeito</u>
	56%	41%	3%	0%	0%
Encaminhamento	<u>Sim:</u> Hotel: 50%	<u>Sim:</u> Agência de viagens: 36%	<u>Sim:</u> CMF: 14%	<u>Não:</u> 79%	
Gastos Médios	≤€50 97%	>€50 3%			
Apoio/Recursos Informativo(s)	<u>Sim:</u> 70%	Tv: 11%	Radio: 4%	Guias: 25%	Gps: 30%
	Internet: 91%	Brochuras, livros e revistas: 3%	<u>Não:</u> 30%		

Fonte: Elaboração própria.

Tabela IX: Respostas do 3º Grupo do Inquérito “Outras Informações”

III. Outras informações			
Atividade na natureza	<u>Sim</u> : Levadas e veredas: 69%	<u>Sim</u> : Vis. jardins: 43%	<u>Sim</u> : Vis. teleférico(s): 19%
	<u>Sim</u> : Obser. De Fauna e Flora: 15%	<u>Sim</u> : Obser. Da Natureza/vida selvagem: 6%	<u>Sim</u> : Parapente: 6%
			<u>Sim</u> : Mergulho: 4%
		<u>Sim</u> : <i>Canyoning</i> : 1%	
		<u>Sim</u> : <i>Deltaplane</i> : 1%	
		<u>Sim</u> : Escalada: 1%	
		<u>Sim</u> : BTT: 1%	
	<u>Não</u> : 35%		
Onde?	Funchal: 50%	Várias partes da ilha/ilha toda: 44%	
	Santana: 24%		
	Santa Cruz e Câmara de Lobos: 3%		
	São Vicente: 1%		
	Calheta e Porto Santo: 6%		
Porquê?	Férias: 49%	Beleza: 26%	Não responde: 7%
	Diversão: 9%	Património: 4%	
	Distração: 10%	Descanso e ex. físico: 13%	
	Convívio: 43%	Simbologia: 3%	
	Conhecimento/estudo: 35%	Lazer, curiosidade e bom preço: 1%	
	Gostos/hobbys: 4%		
Desporto Radical	<u>Sim</u> : Escalada: 47%	<u>Não</u> : 84%	
	<u>Sim</u> : Parapente: 59%		

	<u>Sim</u> : Rappel: 24%		
	<u>Sim</u> : Canyoning e Surf: 6%		
Alojamento	<u>Sim</u> : 58%	Porto Bay: 3%	Royal Savoy: 2%
	Pensão Residencial Mirasol: 8%	Royal: 2%	Dorisol Mimosa: 2%
	Residencial Greco: 2%	Onda Azul: 3%	Quinta Devónia: 6%
	Pestana Resort: 3%	Hotel do Carmo: 2%	Porto Iris: 2%
	The Wine Hotel: 8%	Quinta das Vistas: 3%	Casa Amigos: 10%
	Hotel Baia Azul: 6%	Greco: 2%	Casa Familiares: 5%
	Hotel Orca: 8%	Hotel Monte Carlo: 3%	Não Responde: 10%
	Lido Beach: 3%	Pestana hills: 6%	<u>Não</u> : 42%
	Hotel Praia: 2%	Pestana: 2%	
Gosta da componente verde do Funchal/Ilha	<u>Sim</u> : 100%	<u>Não</u> : 0%	
Merece a sua fama	<u>Sim</u> : 100%	<u>Não</u> : 0%	
Voltará para o Funchal/ilha	<u>Sim</u> : 51%	<u>Não</u> : 49%	

Fonte: Elaboração própria.

ANEXOS

Seção 3: Inquéritos realizados



Inquérito

Este inquérito integra-se na tese de mestrado, intitulada de “O Turismo de Natureza como dinamizador de territórios e gentes: o caso do Funchal”, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e destina-se aos turistas e visitantes do Funchal que realizaram atividades turísticas de e/ou na natureza em Junho de 2014. Além disso, este inquérito é de caráter anónimo para um estudo exploratório.

I. Dados pessoais

1. Idade: _____

2. Sexo: Masculino Feminino

3. Proveniência geográfica:

Portugal Espanha França Itália Alemanha Reino Unido Outra

3.1. Qual região? _____

4. Qual a sua profissão? _____

5. Quais as suas habilitações académicas? _____

II. Atividade realizada (Pico do Areeiro)

1. Porque realizou esta atividade?

Custo/Qualidade Lazer e Recreio Outro. Qual? _____

2. Diga o grau de satisfação:

Muito Satisfeito Satisfeito Indiferente Insatisfeito Muito Insatisfeito

3. Alguma empresa ou instituição propôs-lhe realizar esta atividade?

Sim. Qual? _____ Não

4. Quanto foi o gasto médio para a realização desta atividade (sem contar com gastos da viagem):

Inferior ou igual a 50 euros Superior e igual a 50 euros

5. Recorreu à suportes informativos para realizar esta atividade?

Sim. Qual? _____ Não

III. Outras informações

1. Fez ou realizou alguma outra atividade na natureza?

Sim. Qual? _____ Não

Se sim, indique:

Onde? _____

Porquê? _____

2. Realizou ou tenciona realizar neste concelho algum desporto radical?

Sim. Qual? _____ Não

3. Encontra-se alojado/a em algum estabelecimento do Funchal?

Sim. Qual? _____ Não

4. Gosta da componente verde do Funchal? (tendo em conta os seus jardins e quintas, levadas, flores e animais).

Sim Não

Se sim, é um lugar que merece o prestígio que tem?

Sim Não

5. Pensa em voltar à ilha/ao Funchal?

Sim Não

Muito Obrigado pela sua disponibilidade!



Cuestionario

Este cuestionario es parte de la tesis de master (tesina), con el título “O Turismo de Natureza como dinamizador de territórios e gentes: o caso do Funchal”, de la Facultad de Letras de la Universidad de Coímbra y está dirigido a los turistas y visitantes del Funchal que han hecho actividades turísticas de y/o en la naturaleza en Junio de 2014. Además, este cuestionario es de carácter anónimo para un estudio exploratorio.

I. Datos personales

1. Edad: ____
2. Género: Masculino Femenino
3. Origen Geográfica:
Portugal España Francia Italia Alemania Reino Unido Otra
- 3.1. ¿Qué región? _____
4. ¿Cuál es su profesión? _____
5. ¿Cuáles son sus habilitaciones académicas? _____

II. Actividad realizada (Pico do Areeiro)

1. ¿Por qué ha hecho esta actividad?
Costo/Calidad Ocio y Recreo Otro. ¿Cuál? _____
2. Diga su satisfacción:
Muy Satisfecho Satisfecho Indiferente Insatisfecho Muy Insatisfecho
3. ¿Alguna firma o institución le ha propuesto realizar esta actividad?
Sí. ¿Cuál? _____ No

4. ¿Cuánto fue el gasto/costo medio para la realización de esta actividad? (sin contar con los gastos de la viajen):

Inferior o igual a 50 euros Superior e igual a 50 euros

5. ¿Ha recorrido a soportes de información para hacer esta actividad?

Sí. ¿Cuál? _____ No

III. Otras informaciones

1. ¿Ha hecho alguna otra actividad en la naturaleza?

Sí. ¿Cuál? _____ No

Si respondió "sí", diga:

¿Dónde? _____

¿Por qué? _____

2. ¿Ha realizado o quiere realizar en este lugar algún deporte radical/extremo?

Sí. ¿Cuál? _____ No

3. ¿Se encuentra alojado/a en algún establecimiento del Funchal?

Sí. ¿Cuál? _____ No

4. ¿Le gusta de la componente verde del Funchal? (haga caso a sus jardines y quintas, levadas, flores y animales).

Sí No

Si respondió "sí", ¿Es un lugar que merece la fama que tiene?

Sí No

5. ¿Usted piensa volver a la isla/Funchal?

Sí No

¡Muchas Gracias por su disponibilidad!



Survey

This survey is part of the master's thesis, entitled "O Turismo de Natureza como dinamizador de territórios e gentes: o caso do Funchal", of the FLUC - University of Coimbra - and is aimed for tourists and visitors of Funchal who did tourist activities in nature at June 2014. Moreover, this survey has an anonymous character for an exploratory study.

I. Personal Data

1. Age: ____
2. Gender: Male Female
3. Geographical Origin:
Portugal Spain France Italy Germany UK Other
- 3.1. Which region? _____
4. What is your profession? _____
5. Which are yours academic qualifications? _____

II. Activity done (Pico do Areeiro)

1. Why did you do this activity?
Cost/Quality Leisure and Recreation
Other. Which? _____
2. Say the grade of your satisfaction:
Very Satisfied Satisfied Indifferent Unsatisfied Very Unsatisfied
3. Any company or institution proposed you to do this activity?
Yes. Which? _____ No

4. How much was the cost for the realisation of this activity? (excluding travel expenses):

Less or equal to 50 euros More and equal to 50 euros

5. Did you resort to informatics supporters for do this activity?

Yes. Which? _____ No

III. Other information

1. Have you made any other activity in nature?

Yes. Which? _____ No

If you answered yes, tell:

Where? _____

Why? _____

2. Did you do, or think will do, in this region, any radical sport?

Yes. Which? _____ No

3. Do you are accommodated in any establishment of Funchal?

Yes. Which? _____ No

4. Do you like the green component of Funchal? (taking into their gardens and 'quintas', 'levadas', flowers and animals).

Yes No

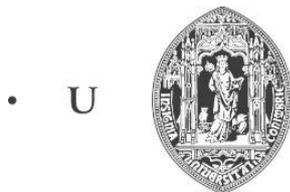
If you answered "yes", Is It one place that deserves the prestige that has?

Yes No

5. Do you think back to the island/Funchal?

Yes No

Thank you very much for your availability!



Umfrage

Diese Umfrage ist Teil der Masterarbeit, mit dem Titel "O Turismo de Natureza como dinamizador de territórios e gentes: o caso do Funchal", der Faculdade de Letras der Universität Coimbra in Portugal und ist an Touristen und Besuchern von Funchal gerichtet, die im Juni 2014 an Aktivitäten in dem Bereich Tourismus und/oder Natur teilgenommen haben. Es handelt sich um eine anonyme Umfrage als Teils einer experimentellen Studie.

I. Persönliche Daten

1. Alter:___

2. Geschlecht: Männlich Weiblich

3. Herkunft:

Portugal Spanien Frankreich Italien Deutschland Vereinigtes
Königreich Andere

3.1. Welche Region? _____

4. Was ist Ihr Beruf?? _____

5. Welche sind Ihren Akademischen Qualifikationen? _____

II. Ausgeführte Aktivität (Pico do Areeiro)

1. Warum haben Sie an diese Tätigkeit teilgenommen?

Kosten/Qualität Freizeitaktivitäten Andere. Welche?

2. Nennen Sie den Befriedigungsgrad:

Sehr zufrieden Zufrieden Gleichgültig Unzufrieden Sehr unzufrieden

3. Hat irgendeine Firma oder Institution Ihnen diese Freizeitaktivität angeboten?

Ja. Welche? _____ Nein

4. Wieviel hat Sie diese Aktivität ungefähr gekostet? (ohne Reisekosten) :

Weniger als/genau 50 Euro Mehr als 50 Euro

5. Haben Sie auf Informationsmaterial zurückgegriffen um diese Aktivität auszuführen?

Ja. Welche? _____ Nein

III. Andere Informationen

1. Haben Sie an anderen Freizeitaktivitäten in der Natur teilgenommen?

Ja. Welche? _____ Nein

Wenn ja, angeben::

Wo? _____

Warum? _____

2. Haben Sie oder planen Sie in dieser Umgebung in Zukunft eine Radikal-Sportart teilzunehmen?

Ja. Welche? _____ Nein

3. Sind Sie in irgendeine Unterkunft in Funchal untergebracht?

Ja. Welche? _____ Nein

4. Mögen Sie das Grünland in Funchal? (dazu zählen u.a. seine Gärten, 'quintas', 'levadas', Pflanzen und Tiere)

Ja Nein

Wenn ja, verdient dieser Ort seine Prestige?

Ja Nein

5. Haben Sie vor auf die Insel/Funchal zurück zu kehren?

Ja Nein

Vielen Dank für Ihre Teilnahme!



Enquête

Cette enquête est intégrée dans la thèse de maîtrise, intitulée "O Turismo de Natureza como dinamizador de territórios e gentes: o caso do Funchal", de la Faculté de Lettres de l'Université de Coimbra et est destiné aux touristes et les visiteurs qui ont effectué activités touristiques dans ou de la nature à Funchal en Juin 2014. Par ailleurs, cette enquête a anonyme caractère pour une étude exploratoire.

I. Données personnelles

1. Age: _____

2. Sexe: Masculin Féminin

3. Provenance géographique:

Portugal Espagne France Italie Allemagne Royaume-Uni Autre

3.1. Quelle région? _____

4. Quelle est votre profession? _____

5. Quels sont vôtres qualifications académiques? _____

II. Activité effectué (Pico do Areeiro)

1. Pourquoi Vous avez effectué cette activité?

Coût/Qualité Loisir Autre. Quel? _____

2. Dites votre satisfaction:

Très satisfait Satisfait Indiffèrent Insatisfait Très Insatisfait

3. Quelque entreprise ou institution le a offert effectuer cette activité?

Oui. Quelle? _____ Non

4. Combien a été la dépense moyenne pour Vous réaliser cette activité? (dépense du voyage non inclus):

Inférieure et égale à 50 euros Supérieure et égale à 50 euros

5. Vous avez recouru aux-informatifs supports pour faire cette activité?

Oui. Quel? _____ Non

III. Autres informations

1. Vous avez fait ou effectué autre activité dans la nature?

Oui. Quelle? _____ Non

Si oui, dites:

Où? _____

Pourquoi? _____

2. Vous avez fait ou pensez faire ici (Funchal) quelque sport extrême?

Oui. Quel? _____ Non

3. Vous êtes logé dans quelque logement à Funchal ?

Oui. Quel? _____ Non

4. Vous aimez la paysage vert du Funchal? (inclus les jardins, "quintas", "levadas", les fleurs et les animaux).

Oui Non

Si oui, c'est un lieu qui mérite la réputation qu'il a?

Oui Non

5. Est-ce que Vous pensez régresser a l'île/au Funchal?

Oui Non

Merci beaucoup pour votre disponibilité!

ANEXOS

Seção 4: Questionários para as entidades

Guião do Questionário realizado para as empresas de animação turística do Funchal

- 1) Quais são as principais atividades desta empresa?
- 2) Qual é o perfil típico do cliente que procura a vossa empresa? (turista? Residentes locais? idade média, género, país de origem, que atividades mais valorizam, repetem a compra de produtos e serviços da vossa empresa e outras ideias).
- 3) Podem revelar quantos praticantes/clientes tiveram em 2013?
- 4) Qual é o limite de capacidade para venderem o (s) vosso (s) serviço (s) e/ou produto (s) por dia?
- 5) Esta empresa é adepta de promoções, descontos e outras ações para os seus clientes?
- 6) Têm parcerias com outras entidades/empresas públicas e/ou privadas?
- 7) Esta empresa tem algum evento anual/mensal ou alguma atividade “especial”?
- 8) Como realizam a vossa publicidade? (rádio e tv; imprensa escrita; internet; *outdoors*, feiras e eventos; panfletos/brochuras; agências de viagens; Outra? Qual?)

Guião do Questionário realizado para os jardins

- 1) Quais são as principais atrações deste jardim? Que espécies de flora e fauna são mais atrativas?
- 2) Quais são os serviços/produtos mais procurados no jardim? Observação e fruição da natureza? Visionamento das obras de arte? Outra?
- 3) Fazem algum evento (semanal, mensal, anual) na vossa instituição?
- 4) Como este jardim é promovido nacional e/ou internacionalmente?
- 5) Este jardim já albergou algum projeto/evento?
- 6) De que maneira é importante o legado histórico deste jardim?
- 7) Quais as características, em termos gerais, do perfil do visitante deste jardim? (idade, género, habilitações, rendimento, nacionalidade, motivações, agregado familiar e outros).
- 8) Têm dados do número de visitantes do jardim?

Guião do Questionário para os estabelecimentos de TER

- 1) Qual é o número total de colaboradores/funcionários deste alojamento?
- 2) O que oferecem aos vossos hóspedes? Organizam ou dispõem de atividades? Quais? (Passeios de barco; levadas/caminhadas; passeios de bicicleta; agroturismo; outra?).
- 3) A história do vosso alojamento pode ser factor de atração turística de hóspedes?
- 4) Como é promovida esta unidade? (Internet; jornais/revistas; folhetos; guias turísticos; outro?)
- 5) Como se classifica o vosso alojamento? (Turismo de habitação? Agroturismo? Casa de campo? Hotel rural? Outro?)
- 6) Como caracteriza o perfil do cliente/turista com que lida? (de que país chegam?; idade média; estada média; agregado familiar; motivações para ficarem no vosso alojamento (preço, qualidade, descanso, contato com a natureza, aparência e estado de conservação?...).
- 7) Podem revelar quantos hóspedes tiveram em 2013?
- 8) Têm parcerias com outras entidades públicas e/ou privadas?

Guião do Questionário para os teleféricos

- 1) Diga o (s) tipo (s) de turismo (s) que que esta empresa lida? Ecoturismo/turismo de natureza; saúde e bem-estar; turismo de aventura; turismo cultural; Outro? Qual?
- 2) Qual é o perfil típico do cliente que procura este teleférico? (Turista? Residentes locais? idade média, género, país de origem, que atividades mais valorizam, repetem a compra de produtos e serviços da vossa empresa e outras ideias).
- 3) Podem revelar quantos praticantes/clientes tiveram em 2013?
- 4) Esta empresa é adepta de promoções, descontos e outras ações para os seus clientes?
- 5) Têm parcerias com outras entidades/empresas públicas e/ou privadas?
- 6) Esta empresa tem algum evento anual/mensal ou alguma atividade “especial”?

7) Como realizam a vossa publicidade? (rádio e tv; imprensa escrita; internet; *outdoors*, feiras e eventos; panfletos/brochuras; agências de viagens; Outra? Qual?).

Guião do Questionário ao Parque Ecológico do Funchal

- 1) Que espécies são as mais emblemáticas e atrativas neste parque?
- 2) Este Parque tem princípios sustentáveis e os põe em prática? (tem em conta a poluição, o bem estar da população residente e a qualidade das experiências dos turistas/visitantes?).
- 3) Diga o (s) tipo (s) de turismo (s) que que esta empresa lida? Ecoturismo/turismo de natureza; saúde e bem-estar; turismo de aventura; turismo cultural; Outro? Qual?
- 4) Qual é o perfil típico do cliente que procura este parque? (Turista? Residentes locais? idade média, género, país de origem, que atividades mais valorizam, repetem a compra de produtos e serviços do vosso parque e outras ideias).
- 5) Podem revelar quantos praticantes/clientes tiveram em 2013?
- 6) Têm parcerias com outras entidades/empresas públicas e/ou privadas?
- 7) Este parque tem algum evento anual/mensal ou alguma atividade “especial”?
- 8) O Parque ou a câmara municipal do Funchal promove os vossos serviços/produtos? (rádio e tv; imprensa escrita; internet; *outdoors*, feiras e eventos; panfletos/brochuras; agências de viagens; Outra? Qual?).

Guião do Questionário da Câmara Municipal do Funchal - Susana Bradford

- 1) Como caracteriza o Turismo de Natureza no Funchal?
- 2) Quais os impactos positivos e negativos do Turismo de Natureza ou Ecoturismo? Tendem ser sustentáveis/positivos?
- 3) Acha que o Turismo de/na Natureza é um setor importante para o desenvolvimento económico e para a identidade cultural dos funchalenses?
- 4) Quais são os principais produtos de Turismo de Natureza no Funchal? As levadas? Alojamento? Jardins? Outros desportos?

- 5) Que práticas perceciona como detentoras de maior atratividade e procura turística? As de mar, terra ou ar?
- 6) A disponibilidade de jardins e miradouros do Funchal, mesmo sendo uma cidade, são fortemente atrativos para o destino? Quantos jardins e miradouro apresenta o concelho?
- 7) Tem dados estatísticos ou estudos sobre o Turismo de Natureza no Funchal?
- 8) Quem pratica Turismo de/na Natureza tende a ficar quanto tempo no município?
- 9) No seu entender, quais são os principais motivos que levam os turistas a realizarem o Turismo de Natureza nesta localidade?
- 10) Explique se este é um produto turístico que deve continuar a ser apostado/valorizado no futuro?

**Guião de Questionário da Direção Regional de Turismo da Madeira - Clara
Noronha**

- 1) Como caracteriza o Turismo de Natureza no Funchal e/ou na madeira?
- 2) Quais os impactos positivos e negativos do Turismo de Natureza ou Ecoturismo? Tendem ser sustentáveis/positivos?
- 3) Acha que o Turismo de/na Natureza é um setor importante para o desenvolvimento económico e para a identidade cultural dos funchalenses?
- 4) Quais são os principais produtos de Turismo de Natureza no Funchal? As levadas? Alojamento? Jardins? Outros desportos?
- 5) Que práticas perceciona como detentoras de maior atratividade e procura turística? As de mar, terra ou ar?
- 6) A disponibilidade de jardins e miradouros do Funchal, mesmo sendo uma cidade, são fortemente atrativos para o destino? Quantos jardins e miradouro apresenta o concelho?
- 7) Como promovem o Turismo na Madeira em geral e o Turismo de Natureza em particular?
- 8) Tem dados estatísticos ou estudos sobre o Turismo de Natureza na Madeira/Funchal?

- 9)** Quais são as empresas que têm registo como empresas de animação turística/ambiental na Madeira?
- 10)** Quais são os alojamentos de Turismo em Espaço Rural existentes no Funchal?
- 11)** Tem algum documento/plano/decreto que oriente, planeie ou tenha outra função para o Turismo em geral e/ou Turismo de Natureza em particular?
- 12)** Quem pratica Turismo de/na Natureza tende a ficar quanto tempo no município?
- 13)** No seu entender, quais são os principais motivos que levam os turistas a realizarem o Turismo de Natureza nesta localidade?
- 14)** Explique se este é um produto turístico que deve continuar a ser apostado/valorizado no futuro?